

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Jhonier Orlando Granada Arroyave

**ETHOS, PATHOS E LOGOS: CONSIDERAÇÕES ARGUMENTATIVAS  
NO GÊNERO *CARTA DO LEITOR* DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E  
DO ESPANHOL COLOMBIANO**

Santa Maria, RS  
2019

**Jhonier Orlando Granada Arroyave**

**ETHOS, PATHOS E LOGOS: CONSIDERAÇÕES ARGUMENTATIVAS NO  
GÊNERO *CARTA DO LEITOR* DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO ESPANHOL  
COLOMBIANO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Ivani Cristina Brito Fernandes

Santa Maria, RS  
2019

Arroyave , Jhonier Orlando Granada  
ETHOS, PATHOS E LOGOS: CONSIDERAÇÕES ARGUMENTATIVAS NO  
GÊNERO CARTA DO LEITOR DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO  
ESPANHOL COLOMBIANO / Jhonier Orlando Granada Arroyave .  
2019.  
165 p.; 30 cm

Orientadora: Ivani Cristina Brito Fernandes  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação  
em Letras, RS, 2019

1. Ethos 2. Argumentação 3. Efeitos patêmicos 4. Logos  
I. Brito Fernandes , Ivani Cristina II. Título.

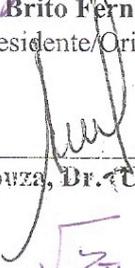
Jhonier Orlando Granada Arroyave

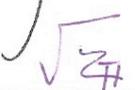
**ETHOS, PATHOS E LOGOS: CONSIDERAÇÕES ARGUMENTATIVAS NO  
GÊNERO CARTA DO LEITOR DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO ESPANHOL  
COLOMBIANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em 17 de Dezembro de 2019:

  
\_\_\_\_\_  
Ivani Cristina Brito Fernandes, Dr.<sup>a</sup> (UFSM)  
(Presidente/Orientadora)

  
\_\_\_\_\_  
Antonio Escandiel de Souza, Dr. (UNICRUZ) - Videoconferência

  
\_\_\_\_\_  
Vaima Regina Alves Motta, Dr.<sup>a</sup> (UFSM)

Santa Maria, RS  
2019



## AGRADECIMENTOS

Chegou o momento de agradecer pela concretização deste trabalho e, sem dúvidas, a emoção faz presença no meu espírito. Agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a conclusão deste meu filho (é assim como nomeei esta dissertação durante os dois anos de mestrado) e, de uma maneira especial, agradeço:

À Organización de los Estados Americanos pela oportunidade concedida para participar no programa Becas Brasil PAEC OEA-GCUB, pois, graças a eles, alcancei um sonho.

À equipe do Programa de Pós-Graduação em Letras, porque confiaram no meu potencial e me ajudaram em muitos momentos durante este processo.

A minha orientadora Ivani Cristina Brito Fernandes pela paciência e pelo tempo dedicado para que esta pesquisa fosse possível.

À família Schwarzbold (são muitas consoantes para um hispano falante) porque me permitiram fazer parte de uma família, compartilharam sua mesa e me fizeram sentir como em casa. Eles me ajudaram no inverno e no verão, foram minha família adotiva. Especialmente, agradeço a Elisandra, ela foi amiga, mãe adotiva, psicóloga, professora de português e companheira de aventuras. Foram dois anos de muitas gargalhadas (e vergonhas).

A minha mãe e a minha irmã, pois mesmo sem entenderem muito o que eu fazia no Brasil, sempre me apoiaram para ver materializado este sonho.

A todos meus amigos mais próximos da Colômbia (Tania, Juliana, Carolina e Edison) que sempre me perguntaram como as coisas estavam indo. Agradeço-lhes por cada meme, por cada mensagem, por tantas horas de ligações e risadas.

Especialmente, agradeço ao Santiago, porque vivenciou este processo desde a distância, me auxiliou nos momentos mais difíceis e sempre me lembrou que os sonhos requerem de grandes sacrifícios, mas que depois saberemos que tudo valeu a pena.



## RESUMO

### ETHOS, PATHOS E LOGOS: CONSIDERAÇÕES ARGUMENTATIVAS NO GÊNERO *CARTA DO LEITOR* DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO ESPANHOL COLOMBIANO

AUTOR: Jhonier Orlando Granada Arroyave  
ORIENTADORA: Ivani Cristina Brito Fernandes

Esta pesquisa tem por objetivo discutir a possível existência de dois perfis de *ethe* coletivos e identificar os possíveis efeitos patêmicos deflagrados pelas *cartas do leitor*, publicadas pelo jornal *El Tiempo*, da Colômbia, e *Folha de S. Paulo*, do Brasil, a partir da identificação e da análise dos tipos de argumentos, dos mecanismos linguísticos e retóricos articulados no *corpus* e da caracterização de componentes dos saberes socioculturais que poderiam provocar efeitos patêmicos na instância discursiva. Para isso, inicialmente abordaremos a tricotomia *linguagem/lingua/discurso* e sua relação com os estudos argumentativos, buscando suporte teórico na obra de Benveniste (2005; 2006). Na sequência, como embasamento teórico referente aos estudos argumentativos, tomamos como diretrizes os estudos de Aristóteles ([384-322 a.C], 2011) e de Perelman e Tyteca (2014). No que tange à noção de *ethos* discursivo e de efeito patêmico, tomamos como referente teórico os estudos de Amossy (2016), Maingueneau (2015) e Charaudeau (2010). Na parte metodológica, analisamos 50 exemplares do gênero *carta do leitor*, 25 do jornal *El Tiempo* e 25 do jornal *Folha de S. Paulo*. Quantitativamente, a análise desses textos consiste na identificação das principais temáticas mobilizadas nas cartas e dos tipos de argumentos articulados. Qualitativamente, de acordo com a abordagem do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989), refletimos sobre os efeitos de sentido decorrentes do uso de diversos tipos de argumentos e de diferentes elementos linguísticos, contribuindo para a traçar dois perfis de *ethe* que emergem de nosso *corpus* de pesquisa. Os resultados alcançados na análise quanti-qualitativa dão conta de explicitar que, no relacionado aos tipos de argumentos mobilizados nas cartas, existe uma tendência à articulação de argumentos quase lógicos, principalmente. Por um lado, a amostra colombiana se caracteriza pelo uso expressivo de enunciados de longa extensão, orações subordinadas no início das cartas e marcadores discursivos. Por outro lado, as cartas brasileiras caracterizaram-se por articular enunciados curtos, substantivos próprios significativos para esta pesquisa e títulos articulados unicamente por meio de substantivos. Assim, comprovamos que é possível traçar uma imagem discursiva de uma coletividade por meio dos mecanismos analisados. Por fim, com este estudo argumentativo que considera *lingua* e *linguagem* como o lugar onde o homem se torna um ser social, objetivamos em um primeiro momento realizar uma reflexão linguística-argumentativa para, entre outras coisas, destacar a diferença entre opinião e argumentação no ensino de gêneros discursivos.

**Palavras-chave:** *Ethos*. Argumentação. Efeitos patêmicos. *Logos*.



## RESUMEN

### ETHOS, PATHOS Y LOGOS: CONSIDERACIONES ARGUMENTATIVAS DEL GÉNERO *CARTA DEL LECTOR* EN PORTUGUÉS BRASILEIRO Y EN ESPAÑOL COLOMBIANO

AUTOR: Jhonier Orlando Granada Arroyave

ASESORA: Ivani Cristina Brito Fernandes

Esta investigación tiene como objetivo discutir la posible existencia de dos perfiles *ethe* colectivos e identificar los posibles efectos patémicos provocados por las *cartas del lector* publicadas por los periódicos *El Tiempo*, de Colombia y *Folha de S. Paulo* de Brasil, a partir de la identificación y análisis de tipos de argumentos, mecanismos lingüísticos y retóricos articulados en el *corpus* y de la caracterización de los elementos del saber sociocultural que podrían provocar efectos emotivos en la instancia discursiva. Para alcanzar ese objetivo, inicialmente abordaremos la tricotomía *lenguaje/lengua/discurso* y su relación con los estudios argumentativos, tomando como referencial teórico la obra de Benveniste (2005; 2006). Enseguida, como base teórica para los estudios argumentativos se hace mención a Aristóteles ([384-322 a.C], 2011) y a Perelman y Tyteca (2014). Para discutir el concepto de *ethos* discursivo y de efectos patémicos, se tomara como referencial teórico los estudios realizados por Amossy (2016), Maingueneau (2015) y Charaudeau (2010). Metodológicamente, analizamos 50 ejemplares del género carta del lector, 25 del periódico *El Tiempo* y 25 del periódico *Folha de S. Paulo*. Por medio del método cuantitativo se pretende calcular los principales temas movilizados en las cartas. El método cualitativo, fusionado con el paradigma indiciario (GINZBURG, 1989), permite reflexionar sobre los efectos de sentido derivados del uso de diferentes elementos lingüísticos y que contribuyen con el esbozo de los perfiles de *ethe* colectivos de los locutores colombianos y brasileiros. Los resultados obtenidos por medio del análisis cuanti-cualitativo arrojó que, respecto a los tipos de argumentos articulados en las cartas, existe una tendencia al uso de argumentos casi lógicos, principalmente. Por un lado, la muestra colombiana se caracteriza por el uso expresivo de enunciados largos, oraciones subordinadas al inicio de las cartas y marcadores discursivos. Por otro lado, las cartas brasileiras se caracterizan por articular enunciados cortos, sustantivos propios significativos para esta investigación y títulos que solo poseen sustantivos. De esa forma, comprobamos que es posible esbozar una imagen discursiva de un colectivo por medio de los mecanismos analizados. Por último, con este estudio argumentativo que considera lengua y lenguaje como el lugar donde el hombre se convierte en un ser social, objetivamos en un primer momento realizar una reflexión lingüístico-argumentativa para, además, destacar la diferencia entre opinión y argumentación en al enseñanza de géneros discursivos.

**Palavras-chave:** *Ethos*. Argumentación. Efectos Patémicos. *Logos*.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Carta do leitor 4C</i>	68
Figura 2 – <i>Carta do leitor 5C</i>	73
Figura 3 – <i>Carta do leitor 6C</i>	78
Figura 4 – <i>Carta do leitor 9C</i>	81
Figura 5 – <i>Carta do leitor 20C</i>	85
Figura 6 – <i>Carta do leitor 25C</i>	90
Figura 7 – <i>Carta do leitor 15C</i>	95
Figura 8 – <i>Carta do leitor 6B</i>	101
Figura 9 – <i>Carta do leitor 16B</i>	104
Figura 10 – <i>Carta do leitor 17B</i>	108
Figura 11 – <i>Carta do leitor 22B</i>	112
Figura 12 – <i>Carta do leitor 23B</i>	115
Figura 13 – <i>Carta do leitor 25B</i>	119
Figura 14 – <i>Carta do leitor 20B</i>	123



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipos de argumentos	43
Quadro 2 – Momentos de análise	57
Quadro 3 – Temáticas principais nas <i>cartas do leitor</i> do jornal <i>El Tiempo</i>	61
Quadro 4 – Temáticas principais nas <i>cartas do leitor</i> do jornal <i>Folha de S. Paulo</i>	63



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b>	<b>17</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>22</b>
2.1	<i>LÍNGUA E LINGUAGEM</i> NO QUADRO ARGUMENTATIVO	23
2.2	O VIÉS RETÓRICO NOS ESTUDOS ARGUMENTATIVOS	27
2.2.1	<i>Ethos</i> discursivo: a representação de uma imagem de si	29
2.2.2	O <i>Pathos</i> e as emoções na instância discursiva	32
2.2.3	O <i>Logos</i> na construção do discurso	36
2.3	O OLHAR DE UMA NOVA RETÓRICA	38
2.4	MÍDIAS E ARGUMENTAÇÃO	44
2.5	O GÊNERO <i>CARTA DO LEITOR</i>	46
<b>3</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA</b>	<b>53</b>
3.1	O MÉTODO	53
3.2	O <i>CORPUS</i> DE PESQUISA	54
3.3	AS ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	56
<b>4</b>	<b>ANÁLISES</b>	<b>59</b>
4.1	ARGUMENTAÇÃO E TEMÁTICAS NAS <i>CARTAS DO LEITOR</i>	60
4.2	ANÁLISE DAS <i>CARTAS DO LEITOR</i> DO JORNAL <i>EL TIEMPO</i>	67
4.3	ANÁLISE DAS <i>CARTAS DO LEITOR</i> DO JORNAL <i>FOLHA DE S. PAULO</i>	100
4.4	<i>ETHE</i> COLETIVOS NO ESPANHOL COLOMBIANO E NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	127
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>137</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>141</b>
	<b>ANEXO A - CARTAS DO LEITOR DO JORNAL <i>EL TIEMPO</i></b>	<b>145</b>
	<b>ANEXO B - CARTAS DO LEITOR DO JORNAL <i>FOLHA DE S. PAULO</i></b>	<b>158</b>



## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Colômbia e Brasil têm sido objetos de estudos comparativos em diversos campos das Ciências Humanas. Múltiplas pesquisas comparam a história política de ambos os países, a formação da mestiçagem na sua população, suas respectivas economias e até o desenvolvimento literário e suas diversas formas de expressão cultural<sup>1</sup>. Além disso, as línguas oficiais faladas em ambos os países têm sido alvo de diferentes pesquisas nas últimas décadas<sup>2</sup>.

No que tange aos estudos argumentativos, a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) possui um número alto de pesquisas que abordam, a partir de diferentes perspectivas, noções relacionadas com a argumentação em vários gêneros discursivos<sup>3</sup>. Por isso, a motivação para o desenvolvimento desta dissertação surge do interesse em analisar – a partir da análise de diversos mecanismos do repertório linguístico e retórico – a possível existência de dois perfis de *ethos* coletivos que poderiam emergir do gênero *carta do leitor* em duas línguas próximas, português brasileiro e espanhol colombiano. Assim, ao finalizar este estudo, pretendemos contribuir para a profusão de trabalhos que buscam entender, desde um ponto de vista linguístico, aspectos culturais e sociais de ambos os países que são perceptíveis por meio da língua.

Em primeiro lugar, optamos por analisar um gênero materializado em duas línguas pelo fato do autor principal deste estudo ser colombiano e demonstrar interesse em analisar, linguisticamente, uma materialidade que envolve os dois países. Em segundo lugar, destacamos que decidimos elaborar um estudo argumentativo por acreditarmos que a argumentação permeia todas as áreas da atividade humana e não se limita unicamente a espaços acadêmicos. Consideramos que a argumentação deve ganhar mais relevância no cotidiano dos cidadãos, em virtude da sua responsabilidade nos diversos debates que surgem interna e externamente do meio acadêmico. Por esse motivo, consideramos que os estudos

---

<sup>1</sup> Segundo a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), existem 110 pesquisas – teses e dissertações – que tem no título as palavras Colômbia e Brasil. Desses 110 estudos, 36 são investigações comparativas das Ciências Humanas e Sociais cujo objeto de pesquisa é a Colômbia e o Brasil.

<sup>2</sup> Tal afirmação encontra sustento acadêmico e científico segundo os dados da BDTD, na qual existem 36 pesquisas cujo assunto principal é o português e o espanhol. A maneira de exemplo, citamos a dissertação de Gisele Souza Moreira intitulada “Os demonstrativos no português do Brasil e no espanhol: discutindo a construção de referências nas duas línguas e os diferentes graus de (in)definição em algumas expressões com demonstrativos”. Também citamos a dissertação “Uma análise do verbo *tener* à luz do confronto com o verbo *ter*”, elaborada por Kaarina Mirani Hamalainen Lopes. Essas duas pesquisas representam só uma parte dos diversos estudos que envolvem as duas línguas.

<sup>3</sup> De acordo com a Biblioteca de Teses e Dissertações (BDTD), existem 330 pesquisas, (teses e dissertações) que estudam o papel da argumentação em gêneros como *propaganda bancária*, *charge*, *textos de auto ajuda*, *livros didáticos*, entre outros.

argumentativos são a base para que os indivíduos esquematizem discursos sólidos, relevantes e que sobressaiam, permitindo que a sociedade saiba reconhecer a diferença entre argumentação e opinião.

Também, este estudo se justifica pelo fato de considerarmos expressiva a tendência de utilizarmos de maneira inadequada a noção de argumentação, confundindo-a com a de opinião ou entendendo-a como uma disputa. Na verdade, entendemos que a argumentação é uma habilidade significativa para qualquer indivíduo da sociedade, pois a mesma permite um posicionamento diante das problemáticas e possibilita a interação. Nesse sentido, Fiorin (1997, p. 52) afirma que “a finalidade última de todo ato de comunicação não é informar, mas é persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado”. Por conta disso, o locutor deve utilizar certos “procedimentos argumentativos visando a levar o enunciatário a admitir como certo, como válido o sentido produzido” (Ibidem). De acordo com o autor, a argumentação seria, então, “um conjunto de procedimentos linguísticos e lógicos usados pelo enunciador para convencer o enunciatário. (FIORIN, 1997, p. 53).

Da mesma forma, destacamos que o autor desta investigação encontra-se no Brasil em virtude do programa de mobilidade acadêmica internacional *Programa de Alianzas para la Educación y la Capacitación – PAEC OEA-GCUB*. Em função disso, achamos pertinente desenvolver uma pesquisa que inclua, de alguma maneira, o país anfitrião. Portanto, compreendemos que seria viável desenvolver um estudo comparativo, cujo objetivo fosse a argumentação nas duas línguas no gênero *carta do leitor*.

Além disso, precisávamos pontuar de que forma compararíamos ambas as línguas, já que elas podem ser estudadas por meio de diferentes perspectivas, como a morfologia, a fonologia, a sintaxe, a sociolinguística, entre outras. Nesse sentido, optamos pela comparação do espanhol colombiano e do português brasileiro, a partir de um viés argumentativo, no intuito de discutir a possível existência de dois *ethe* coletivos e identificar os possíveis efeitos patêmicos deflagrados pelas *cartas do leitor*. Para isso, convém destacarmos os três objetivos específicos que nos auxiliarão neste propósito e que serão listados, a seguir:

- Identificar e analisar os tipos de argumentos, de acordo com a classificação esboçada por Fiorin (2017), que foi embasada nos pressupostos de Perelman e Tyteca (2014).
- Analisar alguns mecanismos verbais do repertório lexical, tais como: indicadores de pessoa, adjetivos, substantivos, advérbios, aspas e marcadores discursivos e; do repertório retórico – pergunta retórica.
- Caracterizar os elementos dóxicos, isto é, os componentes dos saberes socioculturais que poderiam provocar efeitos emotivos na instância discursiva.

No que tange ao *corpus* selecionado para esta pesquisa – as *cartas do leitor* – optamos por eleger um que abrangesse indivíduos provenientes de várias classes sociais das sociedades brasileira e colombiana. Com a escolha desse gênero, acreditamos na oportunidade de aprofundar os estudos referentes aos esquemas argumentativos de sujeitos que não estão inseridos na esfera jornalística, mas que se interessam por problemas vivenciados nas sociedades e que utilizam o jornal como uma ferramenta de posicionamento diante das problemáticas sociais. Em outras palavras, ao refletirmos sobre discursos que foram articulados por cidadãos comuns, não remunerados para a produção de tais cartas, compreendemos que os argumentos são articulados por sujeitos das mais variadas classes sociais que compartilham de um desejo em comum: expressar um posicionamento frente a um determinado assunto por meio da língua.

Convém destacarmos que tal escolha se justifica pelo fato de considerarmos a *carta do leitor* um gênero que se conserva na era das redes sociais. Percebemos que grande parte dos indivíduos têm a possibilidade de expressar seu ponto de vista em redes sociais, como o *Facebook*, um lugar cibernético onde os usuários dispõem de um espaço para exporem suas opiniões sobre os acontecimentos da sociedade, acompanhadas de conteúdo imagético ou de produções audiovisuais.

A massificação das ferramentas digitais nos permite assumir uma posição de uma forma bastante livre, pois não é totalmente necessário seguir uma norma padrão da língua para realizar determinada publicação e dissertarmos sobre o tópico que quisermos. Isto pode ser traduzido como uma espécie de abertura digital na qual os integrantes de determinada sociedade têm a possibilidade de se posicionar, nas redes sociais, diante de problemáticas variadas. Não obstante, chama nossa atenção o fato da *carta do leitor* ainda possuir relevância nos diversos jornais de circulação nacional, pois, na atualidade, os cidadãos ainda enviam suas cartas ao jornal.

Além disso, entendemos que esse gênero necessita de maior reconhecimento nos estudos linguísticos, tendo em vista que, na maiorias das vezes, ele só é visto como uma seção a mais no jornal. Dessa forma, julgamos necessário atentar para a *carta do leitor* como uma oportunidade de identificarmos e analisarmos a argumentação de determinada coletividade, pois consideramos que é um espaço pouco explorado linguisticamente, embora tenha potencial para desvelar os traços argumentativos de uma constituição coletiva.

O fato de um grupo de indivíduos decidir expressar sua opinião em uma *carta do leitor* e não em uma rede social pode ser considerado como um indício de querer validar o

discurso, fornecendo-lhe um possível *status* de prestígio produto da escolha do gênero e do suporte. Por esse motivo, entendemos que esta dissertação representa uma oportunidade de demonstrarmos, a partir de um ponto de vista linguístico, o valor que ainda possuem as *cartas do leitor* na era das redes sociais, já que o gênero, além de permitir que os indivíduos se posicionem, também possibilita que alguns traços particulares de uma coletividade se instaurem no discurso, por meio da língua.

Dado o exposto, ressaltamos que, nesta pesquisa, possuímos grande interesse na relação existente entre o *homem*, a *língua* e a *argumentação*. Em vista disso, nosso principal objetivo é discutir a possível existência de dois perfis de *ethos* coletivos e identificar os possíveis efeitos patêmicos deflagrados pelas *cartas do leitor*, a partir da identificação dos tipos de argumentos, da análise dos mecanismos linguísticos articulados no *corpus* e da caracterização dos componentes do saber sociocultural susceptíveis a provocar efeitos emotivos na instância do discurso. Para isto, nos fundamentaremos em autores que fornecem subsídios teóricos para alcançarmos nosso objetivo, como Émile Benveniste, com suas concepções de *língua*, *linguagem* e *discurso*. Tal escolha, deve-se ao fato do autor abordar reflexões que envolvem o *homem*, a *língua* e a *sociedade*, uma tricotomia importante para a análise das *cartas do leitor*.

No que se refere aos estudos argumentativos, inicialmente, abordaremos os princípios aristotélicos esboçados na obra *Retórica*, já que nesses pressupostos encontramos os primeiros questionamentos sobre os elementos que compõem o esquema da argumentação. Em seguida, para referirmos aos novos estudos argumentativos, nos embasaremos nos pressupostos de Chaïm Perelman e Olbrechts-Tyteca; ao *ethos* discursivo, nas noções de Ruth Amossy; e, aos efeitos patêmicos, nos princípios de Patrick Charaudeau.

O *corpus* desta pesquisa é composto por 50 exemplares do gênero *carta do leitor* – 25 do jornal *El Tiempo* e 25 do *Folha de S. Paulo* – publicados entre março de 2017 e de 2018. Na seção referente à metodologia, explicaremos o processo de coleta dos dados e o critério de seleção. Importante destacar que as *cartas do leitor* selecionadas para compor o *corpus* encontram-se disponíveis para consulta na seção de anexos. Destacamos, ainda, que entre as diversas materialidades disponíveis para o desenvolvimento desta pesquisa, optamos pela análise das *cartas do leitor* por serem um material sem a devida preocupação com as normas das estruturas jornalísticas, já que os produtores dos textos não são, necessariamente, indivíduos que possuem um conhecimento especializado em jornalismo. Assim, entendemos que estamos diante de esquemas argumentativos que representam a sociedade comum.

Esta dissertação está articulada em três capítulos, além das *Considerações Iniciais*,

*Finais, Referências e Anexos*. Nas *Considerações Iniciais*, buscamos pontuar qual é o tema, o referencial teórico, o objetivo, uma breve descrição do *corpus* de pesquisa e a pertinência deste estudo.

O segundo capítulo, *Fundamentação Teórica*, é dividido em cinco seções e três subseções, nas quais apresentamos as principais teorias que nortearão esta pesquisa, relacionando-as entre si e destacando sua relevância para este estudo. Entre as noções teóricas, mencionamos os conceitos de *linguagem, língua e discurso*; de *ethos, pathos e logos*; dos tipos de argumentos; e do gênero *carta do leitor*. O terceiro capítulo, *Fundamentação Metodológica*, é dividido em três seções – método, *corpus* de análise e etapas de desenvolvimento – nas quais exibimos todas as fases que serão seguidas na pesquisa a fim de alcançarmos nosso objetivo.

A *Análise*, que constitui o quarto capítulo, está dividida em quatro seções principais, descrição, análise das cartas mais representativas do jornal *El Tiempo*, análise das cartas mais representativas do jornal *Folha de S. Paulo* e discussão dos possíveis perfis de *ethe* coletivos. Assim, em um primeiro momento, apresentamos de forma geral as principais temáticas que são mobilizadas nas *cartas do leitor*. Na sequência, apresentaremos a análise do *logos*, do *ethos* e do *pathos* das cartas escolhidas de cada jornal.

No final da análise, na seção *Ethe coletivos no espanhol colombiano e no português brasileiro*, corresponderá ao momento metodológico de interpretação dos dados, no qual trataremos sobre a existência das imagens discursivas coletivas dos locutores – colombianos e brasileiros – que poderiam ser esboçadas a partir da análise dos mecanismos linguísticos articulados na materialidade.

Por fim, nas *Considerações Finais*, serão sintetizados os principais resultados obtidos nesta pesquisa. Também, lançaremos possíveis hipóteses para futuras investigações que possam ser levantadas a partir da discussão aqui apresentada. Há, ainda, as referências bibliográficas e os anexos.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao refletirmos sobre o *corpus* de análise e os objetivos desta dissertação, na Fundamentação Teórica, inicialmente, abordaremos e definiremos o que será entendido aqui como *língua, linguagem e discurso*. A justificativa para esse percurso teórico, com a definição de tais conceitos, se dá em virtude de considera-los fundamentais para o início de qualquer estudo relacionado com a *língua* e suas diversas formas de manifestação.

A *posteriori*, discorreremos sobre questionamentos relacionados com os estudos argumentativos e suas possíveis origens na antiga Grécia com a tríade *ethos, pathos e logos*, esboçada por Aristóteles, na sua obra Retórica. Na sequência, abordaremos a proposta argumentativa elaborada por Chaïm Perelman e Olbrechts Tyteca, autores que conceberam uma *Nova Retórica*, cujo pressuposto teórico é a abordagem argumentativa esboçada por Aristóteles. Já na parte final da Fundamentação Teórica, discutiremos questões relacionadas ao gênero analisado e definiremos o que entenderemos como *carta do leitor*.

É importante destacarmos que os conceitos de *língua, linguagem* e as noções relacionadas aos estudos argumentativos serão mobilizados na categoria de análise e interpretação dos dados, no intuito de alcançarmos o objetivo geral desta pesquisa, ou seja, discutir a possível existência de dois perfis de *ethe*<sup>4</sup> coletivos e identificar os possíveis efeitos patêmicos deflagrados pelas *cartas do leitor*.

A seguir, discutiremos os conceitos de *língua, linguagem e discurso*, que são, ao nosso ver, fundamentais para o início de qualquer pesquisa que envolva a língua e suas diversas manifestações. Neste estudo, a tricotomia *linguagem/língua/discurso* se faz relevante por ser a instância que permite aos autores das *cartas do leitor* (sujeitos psicobiológicos) se tornarem seres sociais que existem, fazem parte e se inserem em uma determinada sociedade. Cabe destacar que esses autores<sup>5</sup>, por serem sujeitos que raciocinam e se servem da capacidade da *linguagem* inerente a eles, exteriorizam suas percepções de mundo por meio de diversos *discursos* que ressignificam a partir da *língua*. Vale ressaltar que, no decorrer da seção, explanaremos outros conceitos que surgirão no percurso teórico e que nos darão suporte no encaminhamento da análise das *cartas do leitor*.

---

<sup>4</sup> O *ethos* é um conceito elaborado desde a antiga retórica que está relacionado com a imagem discursiva do locutor construída por meio do discurso. Salientamos que *ethe* é a forma no plural da palavra *ethos*, que, por sua vez, será explanada na subseção 2.2.1. Também, consideramos relevante mencionarmos que o adjetivo *ético* provém do grego *ethos*.

<sup>5</sup> Segundo Flores (2013), na obra de Benveniste o termo *homem* remete a uma instância antropológica.

## 2.1 *LÍNGUA E LINGUAGEM* NO QUADRO ARGUMENTATIVO

Definir, diferenciar e relacionar os conceitos *língua* e *linguagem* permite aos pesquisadores das Ciências Humanas, especificamente aos interessados nos questionamentos linguísticos, ter uma melhor panorâmica dos fenômenos subjacentes à interação humana. As numerosas sociedades que conhecemos até hoje têm utilizado a linguagem como articulador na manifestação e difusão da sua cultura. Assim, inúmeros aspectos da vida social estão estreitamente relacionados à linguagem fazendo do seu conhecimento um ponto fundamental para todos aqueles interessados em compreender uma sociedade, seus costumes e seus integrantes (VARGAS e MILANI, 2015).

Faz-se necessário destacar que, além da abordagem social, existem diversos interesses científicos que necessitam da definição desses conceitos, pois tal fato deu lugar aos princípios fundadores de uma teoria linguística, abrindo novos caminhos para a criação e a difusão de outras abordagens reconhecidas até o momento. Por esse motivo, entendemos que descrever esses dois conceitos torna-se fundamental para o princípio de um pensamento linguístico, que permite a criação de novas pesquisas e futuras teorias relacionadas com o *homem* e a *língua*. Dessa maneira, consideramos que esses dois termos tiveram, e continuam tendo, uma grande distinção na formulação e evolução dos postulados linguísticos e nas investigações sobre a comunicação humana.

Além disso, a diferença entre *língua* e *linguagem* não é sempre evidente, pois ora são articulados como sinônimos, ora a língua carece de dois termos que possam marcar essa diferença<sup>6</sup>. Por esse motivo, e considerando que o português nos oferece as ferramentas necessárias para definir *língua* e *linguagem*, julgamos fundamental embasarmos-nos nas teorias de Émile Benveniste e Ferdinand de Saussure, duas referências nos estudos da linguagem que esquematizaram e posicionaram ambos os conceitos nos estudos linguísticos e cujas teorias, em alguns momentos, dialogam entre si.

Salientamos que mencionaremos o linguista genebrino pelo seu papel fundador na criação da Linguística enquanto Ciência. Mas, no que tange às definições de *língua* e *linguagem* nos embasaremos nos pensamentos benvenisteanos, os quais tiveram suas reflexões pautadas nos princípios saussurianos. Torna-se essencial destacarmos que Benveniste ganhou relevância na Linguística devido à sua teoria enunciativa, no entanto, sua obra é ampla e abrange diversas temáticas. Entre elas, destacamos a relação

---

<sup>6</sup> O inglês é um exemplo, pois, segundo o dicionário Oxford, a palavra *language* pode fazer referência à faculdade humana da linguagem, ao sistema linguístico e ao próprio idioma.

homem/língua(gem)/sociedade, uma preocupação com uma tendência antropológica que, segundo Dessons (2006), consiste em um pensamento mais abrangente que expõe a indissociabilidade entre homem e linguagem, abordagem pela qual nos interessamos nesta pesquisa.

Entendemos que fazer um esboço teórico com as definições de *língua* e *linguagem* propostas por Saussure e Benveniste seria, notoriamente, um trabalho extenso. Por conta disso, o que pretendemos fazer é, simplesmente, estabelecer a definição de *língua* e *linguagem* baseados nas ideias presentes no *Curso de Linguística Geral*, doravante CLG, e retomada por Benveniste na sua compilação teórica *Problemas de Linguística Geral I e II*, doravante PLG I e PLG II, respectivamente.

No CLG, evidenciamos que Ferdinand de Saussure determinou, entre outras problemáticas linguísticas, a diferença entre os termos *língua* e *linguagem* e a relação existente entre eles:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (SAUSSURE, 2006, p.17).

Essa passagem torna-se fundamental, na sua obra, para o início de um pensamento linguístico, já que Saussure diferencia *linguagem* – uma faculdade –, de *língua* – o que permite a realização de tal faculdade. Ademais, o autor marca essa distinção e afirma que “o exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional” (SAUSSURE, 2006, p. 17).

No que concerne aos trabalhos elaborados por Benveniste, a *linguagem* é uma das suas principais preocupações, citada várias vezes e de diversas formas nas suas publicações. Por isso, em cada um dos empregos de *língua* e *linguagem* é conveniente que especifiquemos sua semântica. Por conta disso, e com o intuito de situar nosso leitor, nesta dissertação, esclareceremos a qual momento da obra de Benveniste estamos referindo-nos quando mencionarmos tais termos, já que ambos os conceitos apresentam variações em cada um dos seus diferentes artigos.

Tomando como ponto de partida o pensamento saussuriano, Benveniste esboça sua própria definição de *linguagem* com algumas similitudes à esboçada pelo mestre genebrino. Desde seu ponto de vista, a *linguagem* pode ser considerada como um mecanismo social que permite ao ser humano, nela, se tornar um ser social. Sendo assim, a linguagem nos possibilita

agirmos uns sobre os outros, construindo sentidos ao dizer. Tal afirmação deve-se ao fato de que, para Benveniste, a linguagem é a faculdade de simbolizar. (FLORES et al, 2017). Nesse viés, sem a linguagem, hoje, não poderíamos entender o ser humano como tal, pois para o autor, “não atingimos nunca o homem separado da linguagem” (BENVENISTE, 2005, p. 285). Em outras palavras, Benveniste entende que a linguagem faz parte do homem na sua existência, pois:

A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. [...] Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem. (BENVENISTE, [1958], 2005, p. 285)

Na citação anterior, podemos evidenciar uma relação entre o pensamento dos dois linguistas visto que, para ambos, a faculdade da linguagem está estreitamente relacionada com a Natureza, como algo dado e inerente ao ser humano permitindo-lhe que exista numa sociedade, inserido nela, como um homem falante. É possível pensar que Benveniste não refuta a teoria saussuriana, pelo contrário, nas palavras de Normand, “Benveniste é o mais saussuriano dos linguistas, ele permitiu, a partir de Saussure, o estabelecimento de uma Linguística da significação” (NORMAND, 2014, p. 197). Porém, na sua obra, Benveniste nem sempre articula termos distintos para fazer referência a esses dois conceitos.

Comprendemos que, para o teórico, a *linguagem* não pode ser entendida como um instrumento, tendo em vista que o homem nunca a fabricou, nem a fabricará, já que a mesma é parte constituinte dele, definindo-o enquanto tal. A *linguagem* deve ser entendida como uma condição inerente ao homem, que faz parte da sua natureza simbólica, tendo como consequência uma relação indissociável entre homem e linguagem. Assim, o homem se serve dela para produzir efeitos e sentidos, inumeráveis e irrepetíveis, quando dela se apropria. Em outras palavras, acreditamos que, para Benveniste, *linguagem* também é sinônimo de possibilidade de *língua*, isto é, entender *linguagem* como um movimento que faz a *língua* acionar o discurso, portanto a *linguagem* pressupõe a utilização da *língua*.

Já no que diz respeito à *língua*, Benveniste a entende como um sistema, que se responsabiliza pela produção de significados, ao qual o homem encontra-se exposto. Flores e seus colaboradores afirmam que a *língua*, para Benveniste, seria “um sistema que inter-relaciona valor distintivo das formas e valor referencial relativo à situação enunciativa”. (FLORES et al, 2017, p. 150).

No artigo “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”, de 1956, Benveniste afirma que “a linguagem se realiza necessariamente numa língua [...] Segue-se que os principais desses símbolos e a sua sintaxe não se separam.” (BENVENISTE, 2005, p. 92). Baseados nesta definição, reiteramos que, para o autor, a *linguagem* também é entendida como o próprio uso da *língua*. Dessa maneira, presumimos que a *linguagem*, em Benveniste, é o processo humano de significação que se serve da *língua*, responsável pela concepção do homem como um ser social que por meio da *linguagem* é capaz de construir sentidos ao dizer. Com isso, depreendemos que a *linguagem* torna-se uma condição para a *língua*, já que essa é pressuposta por àquela.

Nesta pesquisa, entendemos a *linguagem* como a propriedade intrínseca ao homem que lhe permite constituir-se socialmente por meio do *discurso*, tendo como intermediário a *língua*, parte integrante e fundamental da *linguagem* (VARGAS e MILANI, 2015). Os termos *linguagem* e *sociedade* implicam-se mutuamente, isto porque, segundo Dessons (2006), todo saber sobre a língua é, ao mesmo tempo, um saber sobre o indivíduo, a sociedade e suas relações. De acordo com Benveniste (2005), a língua é, então, o interpretante da sociedade. Essa dicotomia se torna relevante para esta dissertação, pois, em nossa análise, consideraremos o *homem* (os produtores das *cartas do leitor* do jornal *El Tiempo* e do jornal *Folha De S. Paulo*) e a sociedade (Colômbia e Brasil) existentes *no e pelo* discurso (as *cartas do leitor*).

Logo, poderíamos presumir que a dicotomia *língua/linguagem* é concretizada por meio do *discurso*, o qual, nesta pesquisa, torna-se relevante pelo fato da argumentação buscar, do mesmo modo, influenciar um determinado auditório<sup>7</sup>. Entendemos que o conceito de *discurso* é sempre resignificado no transcórrer da sua obra, fato evidenciado, por exemplo, no artigo “As relações do verbo no tempo francês”, publicado no PLG I, em 1958. Nele, o *discurso* é definido como “toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar de algum modo, o outro.” (BENVENISTE, 2005, p. 267). Podemos evidenciar que existe uma semelhança entre o conceito de discurso elaborado por Benveniste e a noção de argumentação, já que, tanto discurso quanto argumentação, entre outras finalidades, compartilham a de influenciar de algum modo o *outro*.

De acordo com as definições esboçadas até o momento, entendemos que as *cartas do leitor* são o resultado da relação existente entre a *língua*, a *linguagem*, o *homem* e a

---

<sup>7</sup> De acordo com Perelman e Tyteca [1958] (2014), o auditório é o conjunto daqueles que o orador quer influenciar. Nesse sentido, o termo faz referência ao grupo de indivíduos aos quais é dirigido o discurso.

*sociedade*<sup>8</sup> representada no discurso, quatro elementos indissociáveis que, segundo Benveniste, permitem conceber o homem como o conhecemos hoje. Esse homem é um ser que se expressa e estabelece uma relação com o outro e com o mundo. Assim, age por meio da *língua*, a qual se materializa em *discursos*, permitindo a constituição do mundo, do alocutário e de si mesmo. Conforme o autor, a “linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem. Conseqüentemente, a linguagem exige ou pressupõe o outro.” (BENVENISTE, 2006, p. 93). Em vista disso, pressupomos que o uso da *língua* se materializa em *discursos*, os quais têm uma relação com o homem e seu entorno.

Considerando que as *cartas do leitor* são uma das tantas decorrências da *língua* em funcionamento, compreendemos que elas estão estreitamente relacionadas com o *homem*, com a *sociedade* e com as diversas problemáticas do cotidiano. Por isso, presumimos que nas cartas, modalidade escrita, são apresentadas as diversas inconformidades do leitor do jornal ante temáticas que lhe são próximas, justamente por ser um indivíduo inserido na sociedade e ser parte integrante dela. Conseqüentemente, consideramos que a *língua* lhe permite apresentar um posicionamento, a favor contra ou, diante das situações sociais, o que é possível em virtude das estratégias argumentativas que são articuladas por meio da *língua*.

Portanto, dando sequência à nossa discussão teórica, a seguir, abordaremos as noções relacionadas aos estudos argumentativos, fundamentando-nos na Retórica Clássica e na neoretórica de Chaïm Perelman e Oldbrechts-Tyteca<sup>9</sup>. Tais conceitos serão mobilizados na categoria de análise a fim discutir a possível existência de dois perfis de *ethe* coletivos e identificar os possíveis efeitos patêmicos deflagrados pelas *cartas do leitor*, a partir da identificação dos tipos de argumentos e da análise dos mecanismos linguísticos articulados no *corpus*.

## 2.2 O VIÉS RETÓRICO NOS ESTUDOS ARGUMENTATIVOS

Nesta seção, e no intuito de dar sequência às considerações abordadas anteriormente, trataremos sobre questões tocantes à materialidade linguística que compõe o *corpus* de

---

<sup>8</sup> Entendemos como sociedade o conjunto conformado por indivíduos únicos que, por sua vez, são membros de grupos, instituições e organizações sociais e que interagem e se comunicam com outros membros por meio de discursos. (VAN DIJK, 2016). Nesse sentido, entendemos que existe uma relação direta entre *língua* e *sociedade*, visto que não poderíamos pensar em um grupo de indivíduos vivendo em conjunto sem estabelecer comunicação entre eles.

<sup>9</sup> Consideramos relevante abordar algumas noções da Retórica aristotélica, uma vez que ela representa os fundamentos das práticas argumentativas atuais.

análise: a argumentação no gênero *carta do leitor*.

No que se refere ao campo argumentativo, os estudos com maior relevância sobre o tema apontam que esse viés iniciou na antiga Retórica, com Aristóteles. Diversas teorias relacionadas à argumentação foram esboçadas a partir dos pensamentos originados na antiga Grécia e, em vista disso, ao abordar a argumentação na linguagem sugere-se referenciar à Retórica Clássica, especialmente quando entendemos que o ato argumentativo é uma atividade que influencia as práticas sociais humanas. Para tanto, a seguir, explanaremos as origens dos estudos retóricos, suas principais características e seus aportes aos atuais estudos argumentativos.

De acordo com Lopez (2000), a palavra *retórica* deriva-se do termo grego *ῥητορικὴ* (em latino *rhetorica*) e aquele que domina essa arte é considerado o *ῥητωρ* (em latino *rethor*) cujo significado é orador público ou político. Vale destacar que nessa época predominava a modalidade oral e, em virtude disso, Aristóteles considerava que os cidadãos das *polis* tinham uma certa disposição ao debate oral. Ainda, apontamos para o fato de que, pelo seu nome e a sua natureza, a *retórica* nasce no seio coletivo e social.

Desde a antiga Grécia até a atualidade, a semântica do termo *retórica* vem sendo modificada e adaptada de diversas maneiras, mas, todas essas modificações possuem a mesma finalidade, ou seja, a persuasão<sup>10</sup> e, como foco, o mesmo objeto, isto é, o discurso. As origens da Retórica datam do século V a.c., em Siracusa, onde governavam os tiranos Hierão e seu sucessor Gelão I. Com o poder absoluto, eles, em épocas diferentes, expropriaram a multidão das suas terras, dividindo-as entre os mercenários. Após a queda da tirania, começou um longo processo de recuperação das propriedades que haviam sido confiscadas anteriormente e, por conta disso, os litigantes defendiam-se com o uso da palavra precisa e eficaz, já que precisavam convencer à Justiça de sua reivindicação. Dessa maneira, o pensador grego Corax, e seu discípulo Tisias, considerados os precursores da Retórica, ordenaram os conhecimentos relacionados com a palavra e forneceram um método e uma técnica, que, posteriormente, foram ampliados por Aristóteles e abordados por autores latinos como Cícero e Quintilhão (MORTARA, 1991).

Baseado nos estudos elaborados por Corax e seu discípulo, Aristóteles define a Retórica como “a faculdade de observar, em cada caso, o que este encerra de próprio para criar a persuasão” (ARISTÓTELES, [384-322 a.C] 2011, p. 44). Nessa linha de raciocínio,

---

<sup>10</sup> Persuadir era considerado o fim mais importante da Retórica, porém, com a chegada da *Nova Retórica*, elaborada por Chaïm Perelman e Olbrechts-Tyteca, estabeleceu-se uma diferença entre persuadir e convencer, a qual será abordada na subseção 2.3.

elabora sua obra, que é constituída por três livros que consideram o orador, o auditório e o discurso, tópicos que serão discutidos mais adiante. Além disso, Aristóteles afirma que a Retórica e a Dialética estão relacionadas com o saber, sendo que a primeira persuade ou refuta, e a segunda, expõe, mas nenhuma das duas artes pertence a uma ciência particular, já que são, concomitantemente, comuns a qualquer tipo de conhecimento.

Já o filósofo Platão se posicionou de maneira negativa diante dos pensamentos aristotélicos, pois considerava que os sofistas e a Retórica eram um exercício meramente persuasivo, que não reparavam nos temas e que, unicamente, serviam para distrair a multidão. Frente a esse posicionamento, Aristóteles afirmou que a função da retórica “não é simplesmente atingir a persuasão, mas discernir os meios de persuasão em cada caso” (ARISTÓTELES, [384-322 a.C.] 2011, p. 43). Nessa conjectura, poderíamos admitir que a Retórica articula argumentos que não supõem o conhecimento de nenhuma ciência em particular, mas que podem ser usados e seguidos por qualquer homem racional.

Com isso, a Retórica adquiriu um grau de relevância para os mais variados campos de estudos, sendo incluída no quadro das sete artes liberais, ou *Septenniu*, as quais foram divididas em dois grupos: o primeiro, o *quadrivium*, que constituía a parte científica do conhecimento e era composto por quatro disciplinas (Música, Aritmética, Geometria e Astronomia). O segundo, o *trivium*, ou os estudos da linguagem, integrado por três disciplinas (Gramática, Dialética e Retórica), todas relacionadas com a eloquência e a exploração do mundo por meio da palavra (FIORIN, 2017).

No que tange à obra propriamente dita, nela Aristóteles propõe três conceitos diferentes, o *ethos*, o *pathos* e o *logos*, partes fundamentais e indispensáveis do discurso e que correspondem, respectivamente, a quem fala, a quem se fala e do que se fala. Em consonância com Aristóteles, a integração dessas três noções retóricas permitia a criação de um belo discurso capaz de seduzir o auditório, e que todo orador precisa conhecer. É relevante destacar que tais conceitos, até o momento, são significativos nos estudos da comunicação e serão explanados, de maneira breve, a seguir.

### **2.2.1 *Ethos* discursivo: a representação de uma imagem de si**

Nesta subseção, abordaremos a noção de *ethos* discursivo – que será mobilizada na interpretação dos dados, momento analítico da nossa pesquisa – no intuito de alcançarmos parte de nosso objetivo principal, ou seja, discutir a possível existência de dois perfis de *ethe* coletivos, a partir da análise dos mecanismos linguísticos articulados nas *cartas do leitor*.

Cabe destacar que a noção de *ethos* é geralmente esboçada de forma individual, no entanto, nesta pesquisa, discutiremos a constituição de um *ethos* coletivo, sendo que tal conceito será melhor explanado *a posteriori*.

A noção de *ethos*, traçada inicialmente na antiga Grécia, diz respeito à imagem do locutor diante de um determinado público. Para Aristóteles, orador e auditório são duas partes inseparáveis no processo argumentativo, já que o *ethos* está relacionado diretamente com a credibilidade que o orador pode ter para um determinado auditório. Conforme Aristóteles, o *ethos* era uma tentativa de causar uma boa impressão pela maneira como se construía e se apresentava o discurso, no intuito de persuadir o auditório e ganhar sua confiança. Dessa maneira, o orador e os seus traços de caráter manifestados no discurso são fundamentais para a criação de uma imagem de si no momento de proferir o discurso, pois, para Fiorin:

É o *ethos* (caráter) que leva à persuasão, quando o discurso é organizado de tal maneira que o orador inspira confiança. Confiamos sem dificuldade e mais prontamente nos homens de bem, em todas as questões, mas confiamos neles, de maneira absoluta, nas questões confusas ou que se prestam à equívocos. No entanto é preciso que essa confiança seja resultado da força do discurso e não de uma prevenção favorável a respeito do orador (FIORIN, 2008, p. 139).

Com isso, é possível reconhecermos que o caráter do orador é uma imagem que se constrói cada vez que um locutor se apropria da língua e profere um discurso. Sendo assim, o *ethos* pode ser produzido tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita<sup>11</sup>. Desse modo, o auditório, por meio de instruções dadas pelo locutor ao proferir um discurso, cria uma representação do orador, que, de maneira consciente ou inconsciente, transmite uma imagem discursiva de si no intuito de alcançar um determinado objetivo. De acordo com Aristóteles, geralmente confiamos mais em alguém que transmite uma imagem de ponderação, de honestidade ou de coragem (ARISTÓTELES [384-322 a.c.] 2011).

O *ethos* aristotélico está relacionado com a ideia de provocar uma boa impressão pela forma como o indivíduo constrói o discurso, além de dar uma boa imagem de si capaz de persuadir um auditório para ganhar sua confiança. Assim, o *ethos* em Aristóteles está relacionado com o próprio ato de se apropriar da língua e com elementos externos ao discurso do locutor. Nas palavras de Aristóteles:

---

<sup>11</sup> É preciso lembrar que, na cultura da antiga Grécia, predominava a modalidade oral e, por conta disso, poderíamos afirmar que alguns dos conceitos aristotélicos foram inicialmente pensados para tal modalidade.

A persuasão é obtida graças ao caráter pessoal do orador, quando o discurso é proferido de tal maneira que nos faz pensar que o orador é digno de crédito. Confiamos em pessoas de bem de modo mais pleno e mais prontamente do que em outras pessoas, o que é válido geralmente, não importa qual seja a questão, e absolutamente válido quando a certeza exata é impossível e há divergência de opiniões... [] não é verdadeiro, como supõem alguns autores em seus tratados sobre retórica, que a honestidade pessoal revelada pelo orador em nada contribui para seu poder de persuasão; longe disso, pode-se considerar seu caráter, por assim dizer, o mais eficiente meio de persuasão de que dispõe. (ARISTÓTELES, [384-322 a.C] 2011, p. 45).

Em outras palavras, Aristóteles entende que o *ethos* refere-se a uma imagem do locutor, cuja finalidade é garantir o sucesso da oratória. Porém, o que foi esboçado como a imagem do orador por Aristóteles contemplava aspectos pessoais do locutor, ou seja, o *ethos*, além dos argumentos articulados pelo orador, também podia ser construído pelo lugar de origem, pelas vestimentas ou pela aparência física. Conforme Amossy (2016, p.10), “os antigos designavam pelo termo *ethos* a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório.” Com base nisso, Maingueneau (2015, p. 15) ressalta que “na Retórica, o *ethos* não tem um sentido estável, ele não se reduz ao *ethos* discursivo”. Nesse viés, a noção de *ethos* que inclui aspectos pessoais do orador tem sido a base para diversos estudos dentro das Ciências da Linguagem, como por exemplo a Pragmática, a Análise do Discurso, as teorias argumentativas, entre outras, que de maneira total ou parcial resgatam o conceito de *ethos* aristotélico para a formulação de novos postulados.

Maingueneau (2015) considera que a imagem do locutor pode ser construída antes de que o orador profira seu discurso, por isso, postula a existência de um *ethos* pré-discursivo e um discursivo, ou seja, o *ethos* propriamente dito. O primeiro refere-se à imagem prévia que o auditório realiza antes do orador proferir um discurso e que pode ser esboçada por meio de elementos preexistentes, como o *status* do orador. Destacamos, ainda, que o papel exercido pelo locutor de um determinado grupo social, assim como a existência de estereótipos relacionados a ele, auxiliam para o esboço de um *ethos* pré-discursivo.

Maingueneau (2015, p.17) afirma que o *ethos* “é uma noção discursiva, ele se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala.” Por esse motivo, o autor diferencia o *ethos* pré-discursivo do *ethos* propriamente dito.

Tendo em vista nosso *corpus* de pesquisa e um dos nossos objetivos específicos – discutir a possível existência de dois perfis de *ethe* coletivos que emergem das *cartas do leitor* no contexto brasileiro e colombiano – consideramos que a noção de *ethos* aristotélico mostra-se insuficiente para alcançar nosso objetivo, haja vista que leva em conta aspectos físicos e pessoais do orador que desconhecemos. Isto deve-se ao fato de não possuímos um registro

fotográfico ou de vídeo de cada um dos autores das *cartas* que nos permita esboçar um perfil de *ethos* como o proposto por Aristóteles.

Por esse motivo, nesta dissertação, compreendemos que os aportes realizados por Amossy (2016), no que tange ao *ethos*, e cuja noção é baseada em Aristóteles, são mais adequados para esta pesquisa, já que autora, na sua teoria, delimita a noção de *ethos* como a “imagem de si construída no discurso que influencia opiniões e atitudes” (Amossy, 2016, p. 142). Assim, para o esboço da imagem discursiva só consideraremos o discurso propriamente dito, e não o locutor. Portanto, discutiremos a possível existência de dois *ethe* coletivos que emergem da nossa materialidade linguística a partir da análise de mecanismos verbais do repertório lexical – indicadores de pessoa, adjetivos, substantivos, advérbios, verbos, aspas e marcadores discursivos – e do repertório retórico – a pergunta retórica, excluindo fatores externos aos locutores como o gênero, classe social, entre outros. Logo, compreendemos o *ethos* como a imagem do locutor que é criada *no* e *pelo* discurso.

No que concerne aos *ethe* coletivos, nesse momento, faz-se necessário comentar que eles referem-se às imagens discursivas que representam uma coletividade e que emergem da materialidade linguística. Assim, nesta pesquisa entenderemos como *ethos* coletivo a imagem de si de uma coletividade construída *no* e *pelo* discurso. Entre tanto, esta dissertação tem como hipótese de que é possível esboçar dois *ethe* coletivos a partir dos mecanismos mencionados e só será provada ou refutada no final da análise.

A seguir, abordaremos as noções relacionadas aos efeitos emotivos e ao discurso, representados, respectivamente, por dois dos três componentes que devem ser considerados pelo orador para atingir a eficácia necessária no processo de persuasão, a saber: o *pathos*, que se relaciona com os possíveis efeitos patêmicos suscitadas no auditório, e o *logos*, que se refere aos argumentos propriamente ditos.

### **2.2.2 O *Pathos* e as emoções na instância discursiva**

Cada vez que nos apropriamos da língua a fim de proferir um determinado discurso, estamos tentando influenciar um auditório e levá-lo a um determinado estado de ânimo por meio das suas paixões e crenças. Este movimento, já planejado desde a antiga Retórica, é conhecido como o *pathos* e será discutido nesta subseção.

Tal conceito será mobilizado nos momentos analíticos a fim de dar conta dos possíveis efeitos patêmicos que poderiam ser provocados pelas *cartas do leitor*, ou seja, as diferentes disposições às quais o discurso poderia levar o auditório no processo argumentativo. Em

outras palavras, nos preocuparemos pelos possíveis estados emocionais, como efeitos discursivos, aos quais poderia ser levado o auditório.

Estudar as emoções implica pensar no sujeito e suas reações sensoriais perante diversas situações, porém, existe um vínculo entre as emoções e as Ciências da Linguagem, uma vez que a língua, na modalidade oral ou escrita, também é responsável pela geração de emoções no indivíduo. Um exemplo disso é a noção de *pathos*, proposta por Aristóteles, que diz respeito aos diferentes efeitos emotivos que podem ser provocados no auditório, o qual, por sua vez, poderia ser induzido em um determinado estado de ânimo por meio do discurso para alcançar um objetivo, já que um auditório não decide ou raciocina da mesma maneira quando se encontra em um estado de felicidade, de tristeza ou de raiva. Entretanto, salientamos que nesta pesquisa abordaremos a possibilidade de emoção desde um viés linguístico, sem possuímos uma garantia do efeito produzido.

A noção de *pathos* relaciona-se à capacidade do locutor, por meio dos seus argumentos, provocar diferentes efeitos emotivos no auditório. Segundo Aristóteles ([384-322 a.C] 2011), o *pathos* está conectado diretamente ao levar o auditório a uma certa disposição de espírito. Nesse patamar, qualquer discurso, a fim de persuadir, deve ter a capacidade de gerar algum tipo de emoção no auditório. Sendo assim, poderíamos afirmar é possível provocar emoções quando o discurso encontra-se ligado à realidade do interlocutor, circunstância que gera no auditório a sensação de que o discurso proferido está relacionado com eles.

Desde a perspectiva de Kerbrat-Orecchioni (2000), uma das propriedades inquestionáveis da emotividade da linguagem é seu caráter interativo, ou seja, existe certo grau de emoção quando estabelecemos uma interação, fundada na troca verbal, com um determinado auditório, que poderia sentir um maior grau de empatia quando os sentimentos do orador são revelados.

Por sua vez, Charaudeau (2000) afirma que para identificar e analisar os diferentes efeitos patêmicos provocados por determinado discurso, além de levar em conta as categorias linguísticas e discursivas, o efeito patêmico também depende diretamente de outras três condições: a situação comunicativa, o universo de saber compartilhado e a estratégia enunciativa, explanados a seguir.

O discurso produzido, segundo Charaudeau (2000), deve ser articulado dentro de um dispositivo comunicativo no qual os participantes estejam predispostos para o surgimento de efeitos patêmicos. O autor afirma:

Ainsi, on observe que les dispositifs de la communication *scientifique et didactique* ne prédisposent pas à l'apparition de tels effets (ce qui ne veut pas dire qu'on n'en trouve jamais), pour des raisons que je ne veux pas expliquer ici (force de la visée de crédibilité), de même que ceux des débats de type *colloque d'experts* (CHARAUDEAU, 2000).<sup>12</sup>

Nesse viés, entendemos que as *cartas do leitor, corpus* da nossa pesquisa, pertencem ao campo da comunicação mediática e encontram-se dentro de um dispositivos ou situação comunicativa que permite o surgimento de diferentes efeitos patêmicos.

No que diz respeito ao universo patêmico, o dispositivo comunicativo, o discurso, deve prever a existência de um universo de patemização no qual pretende inserir-se, de acordo a uma determinada organização dos tópicos<sup>13</sup> (imaginários – sócio-discursivos) que podem produzir um efeito patêmico. Além disso, também devemos levar em conta a estratégia enunciativa, a qual diz respeito à possibilidade, instaurada pela situação comunicativa, de inserir objetivos patêmicos dentro da instância discursiva. Ou seja, dependendo de cada ato argumentativo contamos com inúmeras maneiras de patemizar o discurso, segundo o canal comunicativo.

Desta maneira, entendemos que as *cartas do leitor* possuem mecanismos exclusivamente linguísticos para a provocação de efeitos patêmicos, razão pela qual torna-se indispensável compreendermos a noção de *pathos* a partir da perspectiva de Galinari (2014), que afirma que o *pathos* são todos aqueles mecanismos linguístico-discursivos que, em determinado momento, conseguem provocar no auditório algum tipo de reação afetiva. A respeito disso, o autor afirma que:

O *pathos* seria, por tanto, uma tentativa, uma expectativa ou uma possibilidade contida nos discursos sociais, no sentido de despertar algum sentimento no alocutário. Nessa linha de raciocínio, o *pathos* não compreenderia propriamente as emoções, mas, sim, as suas garantias simbólicas ou, em termos linguísticos, os seus elementos lingüareiros deflagradores (GALINARI, 2014, p. 279).

De acordo com o autor, existem diversas formas de abordar a noção do *pathos* nas análises discursivo-argumentativas, pois na identificação de possíveis efeitos emotivos não devemos limitarmos unicamente aos mecanismos linguísticos. Segundo Galinari (2007), os

<sup>12</sup> Tradução nossa: Assim, observamos que os dispositivos da comunicação científica e didática não estão predispostos para a aparição de tais efeitos (o que não quer dizer que não os encontramos nunca), por motivos que não vou explicar aqui (força do enforque da credibilidade) assim como os debates de especialistas.

<sup>13</sup> Os tópicos para as mídias serão o desordem social ou sua reparação, para a publicidade o tópico será a beleza, a felicidade ou o prazer, para a ciência ficção serão os temas do destino da humanidade (CHARAUDEAU, 2010).

saberes *dóxicos*<sup>14</sup> constituem uma ferramenta que permitem a instauração de efeitos patêmicos no discurso e, para tanto, afirma que:

Os saberes dóxicos permitem ao auditório *avaliar* os objetos discursivos a ele apresentados, em função do seu horizonte próprio de expectativas, desejos e anseios psicossociais, e é em decorrência dessa mesma avaliação *moral* que as paixões podem ser experimentadas (GALINARI, 2007, p. 279).

Nesse patamar, entendemos que o locutor deve considerar como seu discurso poderia provocar diferentes efeitos emotivos nos mais variados auditórios, uma vez que, além dos argumentos, também precisa questionar-se pelas representações do mundo do *outro*. Dessa forma, ao analisarmos o *pathos* na *doxa*, entraremos em um campo de esquemas do pensamento da ordem das crenças culturais. Por conta disso, consideramos que os componentes dos saberes socioculturais, além de serem mediadores dos processos argumentativos, também nos permitem validar e ocasionar emoções na instância do discurso. Conforme Galinari (2007, p. 231), “a amplitude dos elementos dóxicos poderia ser caracterizada como informações linguístico-discursivas da ordem do *pathos*”.

Como mencionado anteriormente, nesta pesquisa interessamo-nos pela relação que existe entre o *homem*, a *língua* e a *sociedade*, portanto, entendemos que identificarmos os possíveis efeitos patêmicos instaurados no discurso pela *doxa* é uma maneira de aprofundarmo-nos nesse componente social que consideramos fundamental no processo discursivo-argumentativo. Por isso, justificamos a escolha da perspectiva teórica de Galinari (2007), pelo fato de considerarmos que os elementos *dóxicos* contidos no meio social estão estreitamente relacionados com a linguagem e contribuem, de maneira direta, nas estratégias discursivas da ordem do *pathos*.

Convém salientarmos que, no intuito de alcançarmos o objetivo geral desta pesquisa, um dos objetivos específicos é caracterizar os elementos dóxicos, ou seja, os componentes dos saberes socioculturais que podem causar emoções específicas na instância discursiva. Em outras palavras, pretendemos identificar os possíveis efeitos patêmicos que poderiam ser provocados ao levarmos em conta os saberes sociais e culturais do auditório. Faz-se necessário destacarmos que entendemos por efeitos patêmicos as possíveis emoções (compaixão, cólera, dor, etc.) que podem ser produzidas pelas *cartas do leitor*. Salientamos que, nesta pesquisa, o *pathos* não é entendido como um conceito da psicologia, portanto, neste

---

<sup>14</sup> Entendemos como saberes dóxicos os valores, as representações e os conhecimentos partilhados entre locutor e auditório.

estudo os efeitos patêmicos são abordados como um efeito discursivo, mas não como uma realidade da qual possuímos uma garantia em relação ao efeito produzido.

A Retórica, para uma persuasão efetiva, propõe três meios, o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Enquanto o primeiro diz respeito à imagem discursiva criada pelo locutor por meio por discurso, o segundo está relacionado com a possibilidade de provocar algum tipo de efeito emotivo, no auditório, por meio do mesmo. A seguir, daremos continuidade abordando a noção aristotélica do *logos* que está relacionada, diretamente, com os argumentos articulados no discurso.

### 2.2.3 O *Logos* na construção do discurso

Todo gênero de natureza argumentativa é construído sobre diferentes argumentos com o intuito de defender uma determinada tese, ou seja, ao referirmos ao *logos* estamos apontando à argumentação racional propriamente dita. Por tanto, nesta subseção será abordada a noção de *logos*, proposta inicialmente por Aristóteles, a qual servirá como uma ponte que nos permitirá, mais adiante, introduzir os pensamentos de Chaïm Perelman e Olbrechts Tyteca e sua reformulação da antiga Retórica.

Dentro dos parâmetros para alcançar o sucesso no quadro da oratória, Aristóteles esboçou, como elementos imprescindíveis, três componentes: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Esse último diz respeito ao mundo do pensamento e da lógica, pois refere-se aos diferentes elementos que são incorporados no discurso e que podem ser utilizados para comprovar do que se está falando. O *logos* está relacionado ao discurso propriamente dito e seu fim principal é enunciar o que é conveniente ou inconveniente, justo ou injusto.

Conforme o pensamento aristotélico, a persuasão precisa de vários meios de convicção, por isso, diversas estratégias devem ser articuladas para tentar chegar ao que conhecemos como demonstração. Nesse sentido, para conseguir persuadir o auditório, o *logos* deve ser apresentado de uma forma estruturada desde uma perspectiva logico-argumentativa no intuito de que o processo argumentativo seja claro e compreensível. Por conta disso, percebemos que a noção de *logos* está estreitamente relacionada com a dimensão da linguagem. Entendemos que, na instância discursiva, os argumentos são um elemento fundamental para tentar conseguir a adesão do auditório, isto porque um discurso pode persuadir ora pelo conteúdo, ora pela maneira como é apresentado.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Em outro momento e quiçá, por outra ótica, tal abordagem poderia ser discutida por meio dos Princípios de

Entendemos que o *logos*, componente do quadro aristotélico da persuasão, baseia-se no uso adequado da palavra, já que um bom processo argumentativo caracteriza-se, segundo Aristóteles, pela organização do discurso, seja por métodos dedutivos ou indutivos. Além de tudo, compreendemos que *logos*, *ethos* e *pathos* são propostos em uma situação de igualdade, visto que o orador, o auditório e o discurso têm a mesma importância no processo da persuasão. Por conta disso, neste estudo identificaremos e analisaremos, nas *cartas do leitor*, esses três componentes do quadro da persuasão. A saber, no relacionado ao *logos*, identificaremos e analisaremos os diferentes tipos de argumentos mobilizados no *corpus* de pesquisa. Respeito ao *ethos*, analisaremos a possível existência de dois perfis de *ethos* coletivos que poderiam emergir das cartas brasileiras e colombianas por meio da análise de mecanismos linguísticos (indicadores de pessoa, advérbios, substantivos, verbos, adjetivos, entre outros). Finalmente, no tocante ao *pathos*, caracterizaremos os diferentes componentes dos saberes socioculturais susceptíveis a ocasionar efeitos emotivos específicos na instância discursiva.

A proposta argumentativa de Aristóteles é considerada como o raciocínio que deu origem aos estudos argumentativos, razão pela qual pesquisadores de diversas áreas tem se interessado, tomando como base a Retórica, por desenvolver novos estudos relacionados à argumentação, exercendo um papel fundamental na ampliação do campo argumentativo a partir de uma perspectiva da língua. Nos últimos séculos, mais especificamente no século XX, Chaïm Perelman, em cooperação de Olbrechts-Tyteca (2014), preocupou-se por resignificar os estudos argumentativos com sua obra *Tratado da Argumentação*, na qual retoma alguns dos pensamentos aristotélicos e os modifica para adapta-los à situações atuais. Os autores preocuparam-se por dar-lhe à Retórica um novo objeto de estudo, deixando de lado a arte de falar bem e com eloquência e sim salientando as “técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que lhes apresentam ao assentimento”. (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 04).

Segundo os autores, era necessário apresentar uma nova visão, atualizada, sobre os estudos argumentativos contrapondo a demonstração lógica à argumentação. Como consequência, Perelman e Tyteca (2014) destacam que, ao abordarmos questões argumentativas, quando se trata de influenciar por meio do discurso e não demonstrar uma proposição, não podemos menosprezar a intensidade de adesão do auditório a certas teses.

---

Textualidade, em especial, coesão e coerência textual, postulados por Beaugrande e Dressler (1981). Isso, em virtude de considerarmos válida e significativa a relação existente entre os processos argumentativos e as teorias da Linguística Textual. No entanto, para os fins deste trabalho e, considerando os objetivos que regem nossa pesquisa, tal relação não será abordada e os Princípios de Textualidade não serão discutidos.

Para dar sequência, a seguir discutiremos algumas das noções relacionadas com a argumentação desde o viés da *Nova Retórica*, suas principais características e sua relevância para esta dissertação.

### 2.3 O OLHAR DE UMA NOVA RETÓRICA

Nesta seção, dando sequência à abordagem argumentativa desde a perspectiva de Aristóteles, abordaremos uma nova concepção dos estudos argumentativos, do século XX, que retoma e (re)adapta os pensamentos aristotélicos.

Argumentar poderia ser considerado um signo distintivo do ser humano, como sujeito psicobiológico falante, que o diferencia das outras espécies. Trata-se, além de tudo, de uma operação discursiva que busca influenciar o outro. A argumentação se faz necessária em diferentes âmbitos da vida cotidiana e acadêmica. Nesse viés, algumas vezes vemo-nos na obrigação de argumentar quando o auditório ao qual nos dirigimos não concorda com determinada tese, com uma opinião ou com uma evidência. Em outros casos, recorreremos à argumentação quando precisamos defender um determinado ponto de vista ou, também, quando torna-se necessário reforçar posições. Logo, entendemos que a argumentação não está limitada a espaços acadêmicos, pelo contrário, ela permeia todas as áreas do saber humano.

Nosso cotidiano nos expõe a situações nas quais vemo-nos obrigados a argumentar, seja na modalidade oral ou escrita, porém, cada situação precisa das estratégias e dos argumentos adequados. Baseado nesta premissa, o filósofo belga Chaïm Perelman, em conjunto com Olbrechts-Tyteca, esquematizou uma (re)definição da antiga Retórica, centrando-se, principalmente, no conceito do auditório, por meio da obra *Tratado da Argumentação, A nova Retórica* (2014). Para os autores, a premissa do contato dos espíritos é essencial, dentro do processo argumentativo, para alcançar a adesão dos espíritos – considerada a aceitação das teses, por parte do auditório, que são apresentadas pelo orador – e será o discurso a instância que efetua a interação entre orador e auditório. Em outras palavras, a *Nova Retórica* interessa-se pela maneira de influenciar os diversos modos de pensar, sempre, pelo discurso. Dessa forma, ela se interessa pelo raciocínio que pode ser desenvolvido em uma determinada situação comunicativa que busca um acordo. Salientamos que a *Nova Retórica* preocupou-se com as técnicas argumentativas articuladas no discurso escrito, ao contrário da retórica aristotélica que estudava o discurso oral.

Desta maneira, desde a perspectiva dos autores, argumentar tem uma definição que difere com aquela proposta com Aristóteles, isto porque para eles:

O objetivo de toda argumentação [...] é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida [...] ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 50).

Os autores afirmam que o locutor tem a intenção de agir no seu interlocutor dentro da troca verbal, para o qual torna-se indispensável o conhecimento do auditório ao qual busca persuadir ou convencer, haja vista que é o auditório que determinará os diferentes modos de agir do orador. Além disso, o orador deve adaptar-se às características do seu auditório para que a possibilidade de aceitação da sua tese seja maior. Dessa maneira, o locutor precisa de uma constante adaptação, devido a que são os auditórios os quais determinam a qualidade da argumentação. Salientamos que, para os autores, a argumentação se dá em função dos interlocutores, porém, torna-se necessário contar com o seu consentimento e com a sua participação. Nesse viés, os autores afirmam:

[...] para argumentar, é preciso ter apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental [...]. [Quem argumenta] admite deve persuadir, pensar nos argumentos que podem influenciar seu interlocutor, preocupar-se com ele, interessar-se por seu estado de espírito (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2014 p. 18).

É fundamental salientarmos que o consentimento do auditório, na troca argumentativa, torna-se essencial para o surgimento dos diferentes efeitos patêmicos. Dessa forma, a autorização do auditório ganha relevância já que, desde nossa perspectiva, quando um auditório aceita determinado locutor, a possibilidade de provocar efeitos emotivos por meio do discurso é mais significativa.

Além de tudo, um dos principais desafios para o orador é se aproximar ao perfil ideal de interlocutor, ou seja, seu possível auditório, fundamental no processo de adaptação e construção do discurso. Porém, a importância do conhecimento do auditório não é atribuída à *Nova Retórica*, haja vista que Aristóteles já tinha realizado essa contribuição para o desenvolvimento de uma argumentação eficaz.

Desde a perspectiva de Amossy (2017), o orador, por meio do discurso, pode construir respostas às diferentes problemáticas que surgem dentro de um determinado espaço social. Nesta pesquisa, especificamente, acreditamos que as *cartas do leitor* são a superfície na qual diversos oradores, no discurso, articulam vários esquemas argumentativos que são criados ao redor de uma problemática comum a um determinado espaço, o discurso jornalístico no Brasil

e na Colômbia, neste caso.

Articuladas às noções de *orador* e *auditório*, é fundamental diferenciarmos, teoricamente, *persuasão* de *convencimento*, uma vez que, se o objetivo da argumentação for obter um resultado, a primeira será a ferramenta indicada; porém, se a preocupação do orador reside no caráter racional da adesão, será o convencimento a melhor escolha. Nesse viés, o orador, levando em conta o seu auditório, pode “chamar de persuasiva a uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e chamar convincente àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional” (PERELMAN, OLBRECHTS-TYTECA, 2014 p. 31). Na prática, podemos considerar que, dependendo do objetivo do discurso, a diferença entre persuadir e convencer é ambivalente, pois, segundo a estratégia argumentativa escolhida pelo locutor e os tipos de argumentos, um discurso pode ser, ao mesmo tempo, convincente e persuasivo.

Em outras palavras, podemos inferir que convencer e persuadir são duas ações que estão profundamente ligados entre si e, as vezes, são articulados como sinônimos, porém, na prática eles funcionam de maneiras diferentes. De acordo com Bassols e Torrent (1997, p.33), “mientras el primero va dirigido a cualquier ser que sea razonable y que trabaje con recursos propios de la inteligencia, el segundo se orienta hacia un auditorio concreto y opera sobre la voluntad –y con recursos mucho más primarios–”<sup>16</sup>.

Por um lado, poderíamos considerar que convencer diz respeito a fatos plausíveis, a suportes sólidos, comprováveis, ou seja, à convicção que está ligada à razão e que conduz a certezas por meio de provas objetivas. O convencimento pertence ao plano da razão. Os autores também argumentam que quando nosso interlocutor nos convence, estamos sendo vencidos apenas por nós mesmos, pelas nossas ideias. Este tipo de argumentação, desde o ponto de vista da *Nova Retórica*, deveria obter a adesão de todo ser racional.

Por outro lado, persuadir diz respeito aos argumentos que tentam tocar diretamente as emoções do auditório, isto é, a persuasão solicitaria as emoções. O ato de persuadir busca atingir a vontade e procura o sentimento do interlocutor. Neste caso, os autores afirmam que quando somos persuadidos, sempre o somos por outros. Uma argumentação persuasiva, segundo os autores, pretende só para um auditório particular. Em síntese, conforme Amossy (2018), enquanto convencer se dirige às faculdades intelectuais, persuadir se dirige ao coração enquanto conjunto de características morais.

---

<sup>16</sup> Nossa tradução: enquanto o primeiro é direcionado para qualquer ser que seja razoável e que trabalhe com os recursos da inteligência, o segundo é orientado para um público específico e opera sobre a vontade - e com muitos mais recursos primários.

Importante destacarmos que, neste ponto, encontramos uma relação com a teoria de Émile Benveniste, isto porque o autor, ao negar o caráter meramente instrumental da linguagem, confere à língua a capacidade de influenciar o comportamento do interlocutor. Benveniste (2005, p. 267) sugere que é fundamental considerar o discurso na sua mais ampla extensão, como toda apropriação da língua que suporta um locutor que busca influenciar um interlocutor de algum modo. Nesse sentido, podemos evidenciar matizes da antiga Retórica no interior dos estudos linguísticos mais contemporâneos.

Martins e Lima (2009) afirmam que a língua, dentro de uma situação de interação social, é caracterizada pela argumentatividade. Como consequência, o locutor serve-se da linguagem para se manifestar no intuito de aproximar-se significativamente a seu interlocutor e influenciá-lo. Assim, o locutor se posiciona diante de uma problemática por meio de uma estratégia argumentativa, persuasiva ou convincente, que poderia influenciar o comportamento do seu interlocutor.

Para dar continuidade, torna-se fundamental esboçar uma possível definição de *argumento*, uma vez que nos momentos de análise eles serão identificados e classificados segundo o grupo ao qual pertencem. De acordo com Fiorin (2017, p. 19), os argumentos são os raciocínios que se destinam a persuadir, isto é, a convencer ou a comover, ambos meios igualmente válidos de levar a aceitar uma determinada tese. O autor os define como “razões contra determinada teses ou a favor dela com vista a persuadir o outro de que ela é justa ou injusta, moral ou imoral, benéfica ou prejudicial, etc. (FIORIN, 2017, p. 116). Nessa linha de raciocínio, poderíamos afirmar que o exercício de argumentar é definido como o ato de “apresentar razões que justificam ou refutam um determinado ponto de vista” (FIORIN, 2017, p. 223).

A argumentação trata-se, essencialmente, de uma troca na qual é necessária uma relação entre locutor e interlocutor. Assim, o primeiro visa influenciar o segundo por meio do discurso, com uma visada persuasiva. Segundo Amossy (2018), a *Nova Retórica* considera, principalmente, as diversas técnicas argumentativas como diversos tipos de encadeamentos por meio dos quais um raciocínio é construído, ou seja, suscetível de provocar a adesão do auditório.

Entendemos que em todo ato argumentativo o locutor, a fim de persuadir ou convencer, pode mobilizar diferentes tipos de argumentos, dependendo do objetivo que pretende alcançar. Fiorin (2017), tomando como referência os pensamentos de Perelman e Tyteca (2014), sistematiza dois tipos de estratégias argumentativas: as que se valem dos processos de ligação e as que se servem de processos de dissociação. As primeiras aproximam

elementos distintos, estabelecendo entre eles uma relação de solidariedade, dessa maneira os processo de ligação constroem argumentos de três tipos: os quase lógicos, os que se fundamentam na estrutura do real e os que fundam a estrutura do real. Já as segundas, por dissociação, separam e desunem elementos de um todo ou de um conjunto solidário em um sistema teórico. Brevemente, explanaremos cada grupo de argumentos.

Os argumentos quase lógicos são aqueles cuja força de persuasão se parece aos argumentos da lógica formal. Porém, por não serem argumentos lógicos, eles não precisam da demonstração, mas sim das interpretações humanas e da natureza das coisas. Nas palavras de Fiorin (2017), o argumento quase lógico é um argumento aparentemente lógico e, por isso, permite a refutação. Além disso, segundo o autor, este “é um tipo de argumento de que nos valem todos quando falamos de coisas possíveis, plausíveis, prováveis, mas que não são necessárias do ponto de vista lógico” (FIORIN, 2017, p. 116). A força deste tipo de argumentos encontra-se no fato de possuírem uma proximidade, ou estrutura similar, com aqueles raciocínios de tipo formal lógico matemáticos.

Os argumentos fundados na estrutura do real fundamentam-se na experiência, apoiam-se nas relações entre as coisas e os fatos. Segundo Fiorin (2017), este tipo de argumentos são aqueles baseados em relações que nosso sistema de significação considera existentes no mundo objetivo: causalidade, sucessão, coexistência e hierarquização. Assim, eles caracterizam-se por partirem de fatos conhecidos para introduzir outros que buscam ser reconhecidos.

No que tange aos argumentos que fundam a estrutura do real, nos referimos àqueles que, segundo Perelman e Tyteca (2014), generalizam aquilo que é aceito a propósito de um caso particular (ser, acontecimento, relação) ou transpõem para um outro domínio o que é admitido num domínio determinado. Em outras palavras, este tipo de argumentos buscam criar o real por meio de relações que não existiam entre as coisas. A força desses argumentos se estabelece pela sua capacidade para criar generalizações, tentando criar regras e princípios.

Já os argumentos por dissociação se diferenciam dos três grupos de argumentos anteriores pelo fato de separar ideias no lugar de associá-las. De acordo com Perelman e Tyteca (2014), este tipo de argumentos é o resultado do que era um valor aceito. Nesse sentido, esse tipo de argumentos separam ideias que aparecem em pares hierarquizados, “demonstrando que não há ligação entre os conceitos ou que eles estão indevidamente vinculados” (FIORIN, 2017, p.191). Para uma melhor compreensão, a seguir apresentamos

um quadro<sup>17</sup> que contém os diferentes tipos de argumentos.

Quadro 1 – Tipos de argumentos

<b>TIPOS DE ARGUMENTOS</b>			
<b>Por processos de associação</b>			<b>Por processos de dissociação</b>
Argumentos quase lógicos	Argumentos que se fundamentam na estrutura do real	Argumentos que fundamentam a estrutura do real	
Fundados no princípio da identidade: <ul style="list-style-type: none"> <li>• A tautologia</li> <li>• A definição</li> <li>• A comparação</li> <li>• A reciprocidade</li> <li>• A transitividade</li> <li>• A inclusão e a divisão</li> <li>• <i>Argumentum a pari</i></li> <li>• <i>Argumentum do precedente</i></li> <li>• Argumento dos inseparáveis</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Implicação e concessão</li> <li>• Causalidade</li> <li>• Causas necessárias e suficientes</li> <li>• Causalidade e sucessão</li> <li>• Os fatos</li> <li>• Argumento do sacrifício</li> <li>• <i>Argumentum ad consequentiam</i></li> </ul>	Argumentos indutivos: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Argumento pelo exemplo</li> <li>• Argumento por ilustração</li> <li>• Modelo e antimodelo</li> <li>• <i>Argumentum a simili</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relação essência e aparência</li> <li>• Outros pares</li> <li>• Distinção</li> </ul>
Argumentos fundados no princípio da não contradição: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Autofagia e retorsão</li> <li>• <i>Reductio ad absurdum</i></li> <li>• Argumento probabilístico</li> </ul>	Argumentos fundados na relações de sucessão: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Argumento do desperdício</li> <li>• Argumento da direção</li> <li>• Argumento da ultrapassagem</li> </ul>		
Argumento fundados no princípio do terceiro excluído: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Argumento do terceiro excluído</li> <li>• O dilema</li> </ul>	Argumentos de coexistência: <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Argumentum ad hominem</i></li> <li>• <i>Argumentum tu quoque</i></li> <li>• <i>Argumentum ad verecundiam</i></li> <li>• <i>Argumentum ad ignorantiam</i></li> <li>• Argumentos a <i>fortiori</i></li> </ul>		

Fonte: Elaborado pelo autor. Tabela baseada na classificação de Fiorin (2017).

<sup>17</sup> É importante salientarmos que o Quadro 1 foi elaborado com base nos pressupostos teóricos de Fiorin (2017). Entendemos que o comentador, no livro *Argumentação*, toma como bases teóricas os pensamentos de Perelman e Tyteca (2014) para esquematizar de uma forma mais didática os tipos de argumentos. Justificamos essa escolha teórica pelo fato de considerarmos que a tipologia de argumentos elaborada por Fiorin (2017) aproxima-se mais com nosso objetivo principal, ou seja, analisar a possível existência de dois perfis de *ethe* coletivos e identificar os possíveis efeitos patêmicos deflagrados pelas cartas do leitor.

Enfim, poderíamos concluir que diferentes tipos de argumentos podem ser articulados e mobilizados, dentro do gênero *carta do leitor*, a fim de atingir um objetivo e no intuito de defender um ponto de vista para um determinado auditório. Além disso, salientamos que esta pesquisa não dará conta dos fenômenos da argumentatividade, “uma vez que eles remetem para uma abordagem monologal ou monogerida em que esta é vista como produto textual susceptível de análise” (GRÁCIO, 2011, p. 124). Pelo contrário, nossa análise procura identificar e analisar os tipos de argumentos articulados no discurso e, se for necessário, avaliar sua força argumentativa, no intuito de esboçar as imagens coletivas dos locutores que emergem da materialidade linguística.

Uma vez elaborada tal abordagem relacionada com a argumentação, ela será mobilizada no momento de análise identificando e classificando os argumentos encontrados no *corpus* de pesquisa. Para dar continuidade, a seguir abordaremos algumas noções relacionadas ao discurso argumentativo nas mídias.

## 2.4 MÍDIAS E ARGUMENTAÇÃO

Ao entendermos o discurso como um produto decorrente do uso da língua, torna-se fundamental compreender como ele emerge das diferentes esferas sociais. Por isso, e considerando que nosso *corpus* de pesquisa circula no campo jornalístico, a seguir abordaremos algumas noções sobre o texto argumentativo nas mídias.

O triângulo retórico elaborado por Aristóteles –orador, mensagem e auditório – foi reconhecido por muito tempo como o arquétipo da comunicação ideal. Não obstante, o surgimento dos diversos meios de comunicação incorporou ao modelo proposto pelo filósofo outro elemento, as mídias. Ressaltamos, ainda, que não estamos diante um elemento qualquer, uma vez que elas intervêm e refazem as relações entre os outros três elementos do quadro da comunicação. Segundo Fidalgo e Ferreira (2009), a relação existente entre um orador e seu auditório modifica-se substancialmente se for mediatizada, isso pelo fato da mensagem ser alterada pelo meio no qual ela é veiculada, provocando que a reação do auditório dependa, em uma boa parte, do meio utilizado.

As mídias quebram a unidade espaço-tempo que caracteriza os esquemas da comunicação propostos por autores como Aristóteles ou Perelman. Assim, o discurso que elas mobilizam rompe com a ideia aristotélica de persuadir diante de um auditório que poderia reagir, imediatamente, ao discurso proferido. Dessa forma, nas *cartas do leitor*, e como em outros textos na modalidade escrita, o locutor não pode adaptar seu discurso segundo a reação

do auditório, uma vez que ele deve articulá-lo para um perfil de interlocutor fisicamente ausente. Por esse motivo, consideramos que os oradores de nosso *corpus* dirigem-se a um auditório que poderia ser chamado de ilimitado, já que não ele não é delimitado antes da publicação das cartas.

Os auditórios também são modificados pela introdução das mídias no esquema comunicativo. A internet, a rádio ou a televisão tem delimitado seus auditórios de uma maneira específica. Fidalgo e Ferreira (2009, p. 115) são incisivos nesse aspecto: “os analfabetos ficam excluídos dos públicos constituídos pelos leitores de órgãos impressos, como os surdos das audiências das rádios”. Dessa maneira, entendemos que as *cartas do leitor*, mediatizadas pelo jornal impresso e digital, dirigem-se a um público variável e ilimitado. Porém, esses auditórios, contrário daqueles propostos por Aristóteles, não se encontram constituídos previamente, pois eles poderiam ser, entre outros, conformados pelo interesse que possa suscitar a temática que vai ser abordada na carta.

No que se refere ao *corpus*, destacamos que todas as cartas do jornal *El Tiempo* são articuladas usando na primeira linha um título. Porém, essa característica não é compartilhada pelas cartas do jornal *Folha de S. Paulo*, uma vez que nem todas contam com o elemento mencionado. Dessa forma, consideramos que o título da carta é um componente que poderia contribuir para a formação de um determinado auditório, pois o locutor precisa, antes de tudo, esquematizar seu discurso fazendo-o mais atrativo possível para chamar a atenção de um possível interlocutor.

Dessa maneira, os locutores das cartas devem articular elementos argumentativos, unicamente verbais, a fim de persuadir e criar um possível auditório por meio de argumentos contundentes. Por isso, a análise argumentativa aqui pretendida busca identificar e analisar os tipos de argumentos articulados na materialidade linguística.

Nesta pesquisa, e considerando as *cartas do leitor* como um gênero produto da esfera jornalística, nos referiremos à argumentação linguística como todas aquelas escolhas estilísticas (verbais) realizadas pelo locutor na elaboração do gênero analisado. Nesse sentido, uma parte da nossa análise está focada nos diversos tipos de argumentos empregados a fim de persuadir ou convencer, no intuito de influenciar opiniões. Sendo assim, também entenderemos que a argumentação diz respeito “a todos os recursos estilísticos e organizacionais que interagem, num processo de mão dupla, interferindo diretamente na construção do *ethos* e do *pathos*” (PINTO, 2010, p. 201).

Entendendo a argumentação como algo decorrente de um ato de linguagem, Charaudeau (1998) afirma que todo estudo argumentativo deve levar em consideração a

situação comunicativa e o objetivo estabelecido pelo locutor. Ainda, o autor considera:

L'argumentation est donc considérée comme une pratique sociale (ordinaire ou savante) dans laquelle le sujet voulant argumenter se trouve à la fois contraint par les données de la situation communicationnelle qui le surdétermine, et en même temps libre de jouer avec ces contraintes, disposant d'une marge de manoeuvre qui lui permet de réaliser son propre projet de parole et faire oeuvre de stratégies (CHARAUDEAU, 1998, p. 6)<sup>18</sup>.

Dessa forma, quando nos referimos à argumentação nas mídias, conforme Charaudeau (1998), devemos considerar o locutor como um sujeito argumentante dentro de um quadro problemático, pois ele deverá escolher entre ser objetivo – em favor da credibilidade –, ou ser parcial – tentando buscar um auditório –.

De acordo com nosso percurso teórico, entendemos que há argumentação quando o locutor se posiciona a favor ou contra de determinado ponto de vista e o defende. Também, podemos falar de argumentação quando, no intuito fazer prevalecer ou aceitar uma tese, o locutor dirige-se a um auditório para defendê-la.

Dessa maneira, entendemos que nosso *corpus* de pesquisa permite que diversos locutores se posicionem – *na* linguagem e *pela* língua – perante variados tópicos. Para isso, o jornal seria o meio pelo qual o locutor pode dar a conhecer seu discurso, porém, para alcançar seus objetivos, os locutores só possuem ferramentas linguísticas verbais. Mesmo que os jornais disponham de elementos não verbais, nas *cartas do leitor*, o esquema argumentativo é articulado unicamente por elementos verbais do espanhol colombiano e o português brasileiro.

A seguir, e como última seção da Fundamentação Teórica, apresentaremos o que entenderemos nesta pesquisa como *carta do leitor*. Assim, abordaremos questões relacionadas aos gêneros textuais – os quais atendem às necessidades comunicativas humanas nas diferentes esferas sociais.

## 2.5 O GÊNERO CARTA DO LEITOR

Uma vez abordadas as noções sobre *língua*, *linguagem* e *discurso*, e sua relação com os estudos argumentativos, é fundamental caracterizar o *corpus* de pesquisa ao qual nos

---

<sup>18</sup> Tradução nossa: A argumentação é então considerada como uma prática social (comum ou erudita) dentro da qual o sujeito querendo argumentar se encontra, ao mesmo tempo, restringido pelos dados da situação comunicacional que o sobredeterminam e livre para utilizar essas coerções, dispondo de uma margem de manobra que lhe permite realizar seu próprio projeto de fala e operacionalizar as estratégias.

referimos em diferentes momentos da Fundamentação Teórica. Por tal motivo, nesta seção, definiremos o que entendemos como gênero, mais especificamente o que será aqui tratado como *carta do leitor*.

O percurso teórico realizado teve como principais autores norteadores a Benveniste (2005, 2006), no que tange à definição de *língua, linguagem, discurso* e a Perelman e Tyteca (2014) no relacionado aos estudos argumentativos. Também, discutimos questões relacionadas com os pensamentos de Aristóteles, de Maingueneau (2015) e de Amossy (2016) no que diz respeito ao *ethos* discursivo. Já no que se refere à definição e caracterização do gênero *carta do leitor*, buscaremos auxílio teórico nas abordagens relacionadas com gênero elaboradas por Mikhail Bakhtin.

Somos cientes de que o teórico russo pertence a uma corrente dos estudos linguísticos diferente daquela aqui abordada, já que uma vasta parte da sua obra está relacionada com a Filosofia da Linguagem. No entanto, o autor, na obra *Estética da criação verbal* (2011), questiona as formas de enunciados que são elaborados por meio da língua para esboçar uma posterior reflexão sobre os diversos gêneros. Conforme Bakhtin (2011), usar a língua implica a elaboração de enunciados, orais ou escritos, que são os responsáveis pela criação de gêneros que ganham uma certa estabilidade e evoluem dentro das esferas da atividade humana, denominadas esferas sociais<sup>19</sup>. Assim, o teórico afirma que para cada uma das atividades humanas que implica o uso da língua nos servimos de algum gênero do discurso.

Bakhtin (2011) declara que os gêneros do discurso são os textos por meio dos quais nos comunicamos e que, possivelmente, são de número infinito. Conforme o autor, os gêneros são a condição para a existência da interação humana dentro das esferas sociais. Nesse viés, “qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”(BAKHTIN 2011, p. 280). Assim, ao referir-se aos enunciados catalogando-os como “relativamente estáveis”, o autor insinuaria que os discursos são sempre a repetição ou a recuperação de discursos já proferidos, mas, ao mesmo tempo, são outros discursos porque cada locutor, quando o repete, o faz de uma maneira nova em vista das circunstâncias comunicativas e dos objetivos pretendidos na situação de interação verbal. Dessa maneira, o teórico destaca que todas as atividades do ser humano estão

---

<sup>19</sup> Encontramos relevante, para esta pesquisa, o conceito de *esferas da atividade humana* haja vista que estamos abordando noções relacionadas com a sociedade e a língua. Mesmo que o teórico não mencione à sociedade propriamente dita nos seus estudos sobre gênero, entendemos que as esferas da atividade humana são uma forma de nominar os diferentes subgrupos sociais que existem dentro de uma sociedade.

relacionadas com a utilização da língua(gem) e, por conta disso, existe uma variedade de gêneros, possivelmente, incalculáveis. Portanto, todas essas interações se concretizam, segundo o autor, “em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, que emanam de uma ou outra esfera da atividade humana” (BAKHTIN, 2011, p. 281).

De acordo com o autor, por sermos integrantes de um determinado grupo social, aprendemos os diferentes gêneros discursivos no percurso de nossas vidas. Assim, os gêneros possuem uma estreita relação com o componente social e histórico por estarem profundamente relacionados com a situação social, sendo esta a qual determina o gênero a ser empregado, suas características temáticas, composicionais e estilísticas. Essa conceituação de gênero possui uma relação próxima com nosso *corpus* de pesquisa, já que as *cartas do leitor* têm uma conexão necessária com o componente social de ambos os países. Nesse sentido, entendemos que o gênero que pretendemos analisar é o produto de determinada situação social que incitou os leitores a elaborar uma carta caracterizada pela brevidade, a clareza no uso da língua, entre outras características discutidas mais adiante.

Bakhtin (2011) reconhece a existência de dois grupos de gêneros discursivos: os primários (simples) e os secundários (complexos). Conforme o autor, os gêneros primários surgem em circunstâncias de comunicação espontânea, como por exemplo as *cartas*, os *diários íntimos*, os diferentes documentos do cotidiano, entre outros. Com relação aos gêneros secundários, o autor afirma que eles surgem em circunstâncias comunicativas mais complexas e relativamente mais evoluídas, principalmente, na modalidade escrita. A maneira de exemplo citamos o *romance*, o *teatro*, o *discurso ideológico*, o *discurso científico*, entre outros.

No contexto acadêmico brasileiro, Marcuschi (2010) afirma que os gêneros são entidades excessivamente maleáveis e dinâmicas, que emergem ao mesmo tempo que as necessidades socioculturais. Para o autor, os gêneros do discurso:

caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. São de difícil definição formal, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos caracterizados como práticas sociais discursivas (MARCUSCHI, 2010, p. 20).

De acordo com o autor, “toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero. Em outros termos, a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual” (MARCUSCHI, 2008, p. 154). Por isso, poderíamos inferir que os objetivos comunicativos de um determinado indivíduo são realizados linguisticamente em gêneros.

Marcuschi também afirma que “não se pode tratar o gênero de discurso

independentemente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas” (MARCUSCHI, 2008, p. 155). Além disso, o autor propõe a existência de domínios discursivos, que poderiam ser interpretados como aquelas esferas sociais que permitem o surgimento de determinados gêneros. Dessa forma, os domínios discursivos, para Marcuschi (2008), são as instâncias nas quais se originam diversos gêneros devido às práticas discursivas. A maneira de exemplo, mencionamos o domínio discursivo jornalístico, que permite a emergência de gêneros escritos – *carta do leitor, editorial, artigo de opinião* – ou orais – *entrevista, reportagem, debates ao vivo*. Nesse viés, compreendemos que nossa pesquisa tem como *corpus* de análise um gênero, na modalidade escrita, que emerge no domínio discursivo jornalístico.

Ainda, Marcuschi (2008) aponta para a importância do suporte no qual circula um determinado gênero. Pensarmos no suporte implica refletir sobre um assunto que é vital para que o gênero possa circular na sociedade. O autor define o suporte como um portador do texto, ou seja, o lugar que permite que o gênero seja colocado em circulação. Porém, não devemos pensarmos que o suporte determina o gênero, mas sim que cada gênero precisa de um suporte específico. De acordo com o autor, existem dois suportes de gênero, os convencionais<sup>20</sup> e os incidentais<sup>21</sup>.

Entendemos que as interações mediadas pela língua(gem) não são um evento fortuito, uma vez que os enunciados são produtos de condições particulares e dependem dos objetivos que se buscam alcançar segundo a esfera na qual estão inseridos<sup>22</sup>. Tal postura evidencia-se não somente no conteúdo dos enunciados, mas também na escolha lexical, gramatical e fraseológica. Por consequência, os gêneros caracterizam-se pelo conteúdo temático, pelo estilo e pela construção composicional. Assim, entendemos que no percurso do cotidiano, nos comunicamos, escrevemos e falamos em gêneros, ou seja, não aprendemos uma língua, mas alguns gêneros do discurso dos quais nos servimos para alcançar um objetivo.

Da leitura de Bakhtin (2011), inferimos que é improvável pensarmos numa interação, seja verbal ou escrita, sem a existência dos gêneros discursivos. Conforme o autor, os indivíduos podem não saber da existência dos diferentes gêneros, tanto orais como escritos, mas, no cotidiano, os usam sem dificuldade nenhuma.

Com relação a nosso *corpus* de pesquisa, as *cartas do leitor*, as consideramos, desde a

---

<sup>20</sup> Segundo Marcuschi (2008), os suportes convencionais são aqueles elaborados para portar ou fixar textos, por exemplo o jornal, o livro, a revista, o panfleto, entre outros.

<sup>21</sup> Os suportes incidentais, de acordo com Marcuschi (2008), são aqueles que funcionam como suportes ocasionais, por exemplo, uma parede, uma camiseta, uma caneca, entre outros.

<sup>22</sup> No nosso caso, especificamente, referimo-nos à esfera jornalística, na qual se inserem as *cartas do leitor*.

perspectiva de Bakhtin, como um gênero complexo, uma vez que elas representam para nossa sociedade um tipo específico de interação: entre o jornal e o leitor. A simples vista, poderíamos pensar que elas se encaixam dentro dos gêneros primários, porém, quando são inseridas em um jornal ou revista, as cartas ganham algumas características específicas, ou seja, é possível que tenham alterações para ser publicadas e isto implica uma modificação do texto original.

Antes de discutirmos o gênero *carta do leitor*, julgamos pertinente fazermos menção a noção de *carta* e a sua importância nas diferentes sociedades. A *carta* poderia ser entendida como um gênero que possui diversas variações de acordo com o propósito de cada indivíduo e com a situação sócio-comunicativa na qual ela é inserida. Ela possui um grau de importância desde as antigas civilizações, pois, segundo Castro (2009), desde a antiguidade existem regras que orientam a escritura das cartas. Porém, é só a partir do século I a.C que os primeiros tratados epistolares foram esboçados. Tin (2005) afirma que as primeiras teorias sobre epistolografia encontram-se entre os séculos I a.C e IV d.C, período em que se destacam as epístolas de Cícero que foram adotadas, durante o período do Renascimento, como modelo de escrita epistolar. A Escola de Bolonha também se destacou, a partir do século XI, pelo desenvolvimento de diversos tratados epistolares.

Nesse sentido, a *carta* tem estado presente na nossa sociedade durante séculos e, ainda, é considerada um recurso fundamental para reconstruir a nossa História, especificamente por possuir uma certa instabilidade na sua forma e flexibilidade no uso<sup>23</sup>. Vários teóricos, como Erasmo de Rotterdam que elaborou três tratados relacionados com a escrita de cartas, a abordam como objeto de estudo. Conforme Tin (2005),

a carta se adaptará aos momentos e às pessoas, tomando um tom diferente segundo o seu destinatário [...] A mudança de tom, que noutro gênero seria considerado um erro, na carta é facilmente aceitável, não sendo mesmo desprovida duma graça particular (*praecipiam gratiam*). Em suma, a carta é um gênero proteiforme, ao qual é ridículo e vão querer impor uma forma e uma figuras únicas, o que não significa que seja um gênero sem limites (TIN, 2005, p. 55-56).

Nesse viés, entendemos que a carta é propícia a ganhar diversas formas – *carta pessoal*, *carta comercial*, *carta de apresentação*, entre outras – já que não é uniforme e, possivelmente, sua forma depende da situação sócio-comunicativa na qual ela está inserida.

---

<sup>23</sup> Somos cientes que os estudos sobre as cartas são extensos e, dificilmente, poderiam ser mencionados em poucas linhas. Não obstante, considerando nosso objetivo, não realizaremos uma resenha histórica dos gêneros epistolares, nem indagaremos pelos diferentes tipos de cartas que existem. Unicamente aprofundaremos na *carta do leitor*, *corpus* da nossa pesquisa.

Entre as possíveis formas que a *carta* pode adquirir, esta pesquisa terá como objeto de estudo uma que está inserida no meio jornalístico, a *carta do leitor*, que explanaremos a seguir.

O gênero *carta do leitor* possui um propósito comunicativo observável: comentar alguma matéria (de forma positiva ou negativa), acrescentar informações, fazer correções acerca de algum elemento publicado previamente no jornal, entre outros. É considerado o meio pelo qual o leitor é ouvido, opina, comenta e se posiciona publicamente como indivíduo inserido em determinada sociedade. Por esse motivo, é um lugar que acolhe opiniões, elogios, reclamações, sugestões, críticas ou perguntas que podem ser lidas pelos leitores e editores da publicação. Nas palavras de Melo (1999):

Nas cartas à redação, os leitores comuns podem participar do debate público, podem-se fazer ouvir, opinar sobre o que está acontecendo nas diferentes esferas sociais, podem tomar parte nas discussões de caráter político, econômico e social que estão em foco. A carta à redação transforma-se, portanto, num espaço de discussão, de embate de opiniões. Nas cartas, os leitores defendem ideias, doutrinas, crenças, ou seja, posicionam-se publicamente como sujeitos (MELO, 1999 p. 35).

As *cartas do leitor* são publicadas em jornais ou revistas em uma seção específica chamada, por exemplo, *Cartas à redação*, *Carta do leitor*, *Cartas dos leitores*, *Espaço do leitor*, entre outras. Assim, elas constituem um gênero no qual não há um contato direto entre o locutor (o remetente) e o auditório (editor/leitores do jornal)<sup>24</sup>, pois os mesmos não se conhecem e o processo de envio e publicação da carta é realizado pela internet. Torna-se fundamental compreendermos que o jornal é o suporte do gênero. Ou seja, o jornal *El Tiempo* e o jornal *Folha de S. Paulo* são considerados os suportes que permite a materialização das cartas.

Desde o ponto de vista estrutural, as *cartas do leitor* são textos relativamente curtos que não apresentam características de gêneros similares, como a *carta pessoal* ou a *carta formal*. Pelo contrário, elas possuem um título – que poderia funcionar como um resumo da carta – um núcleo e o nome do locutor que a escreveu. Por sua natureza, o estilo linguístico usada nas cartas, com frequência, é claro e preciso.

Também, compreendemos que as *cartas do leitor* poderiam ser um mecanismo por meio do qual os jornais fazem perdurar alguma polêmica durante um determinado tempo. De acordo com Amossy (2017, p. 53), “a polêmica seria, então, a manifestação discursiva sob forma de embate, de afrontamento brutal, de opiniões contraditórias que circulam no espaço

<sup>24</sup> Destacamos que o envio da carta não garante sua publicação. Também, os jornais podem editar ou recortar as cartas por questões de espaço, redação ou, ainda, posicionamento ideológico. Desse modo, consideramos que quando a carta é modificada acabaria sendo um gênero de coautoria entre o locutor e o editor do jornal.

público”. Ainda, a autora afirma que a polêmica poderia ser entendida como uma espécie de interação antagônica que atravessa diversos gêneros (*carta do leitor*) e tipos de discursos (*jornalístico*) sendo considerada, as vezes, como uma modalidade argumentativa. Ela, entendida como uma forma de interação, possui três traços que lhe dão especificidade no campo da argumentação: a dicotomização, a polarização e a desqualificação do outro.

Para entendermos a dicotomização é fundamental saber que polêmica diferencia-se do debate no que se refere ao conflitual. Amossy (2017) afirma que quando existem choques entre opiniões contrárias é porque a oposição dos discursos, na polêmica, foi objeto de uma dicotomização, na qual duas posições se excluem mutuamente. Isso torna complexa a busca por um acordo e exacerba as oposições até torna-las inconciliáveis. Por sua vez, a polarização, diferente da dicotomização, está relacionada a um fenômeno social, pois trata-se de uma operação que coloca os participantes em campos adversos. Nesse sentido, “a polarização não apresenta apenas uma divisão em branco/preto, direita/esquerda – ela põe também um “nós” diante de um “eles” (Amossy, 2017, p. 56). Ainda, ela se preocupa por criar uma identidade grupal e apresentar pejorativamente os outros. Por fim, como parte constituinte da argumentação polêmica, também podemos distinguir a desqualificação do outro para lhe dar certo descredito. Conforme Amossy (2017), o procedimento mais atenuado fundamenta-se em atacar a palavra do outro tentando enfraquecer seu discurso por todos os meios possíveis.

Nesse patamar, consideramos que as *cartas do leitor* poderiam funcionar como um gênero que permite que uma determinada polêmica continue circulando no espaço público e que os três componente mencionados – a dicotomização, a polarização e a desqualificação do outro – se instaurem no discurso. Salientamos que a polêmica não pode ser entendida como um gênero do discurso, porém ela permeia diversos gêneros. Nesta pesquisa, consideramos que ela ocupa um lugar relevante nos estudos argumentativos, já que, entre outras coisas, poderia ser considerada, em alguma medida, como um elemento provocador que faz os leitores se posicionarem por meio das cartas.

Uma vez abordadas as noções teóricas que darão suporte a nossa análise, daremos sequência com a apresentação da metodologia empregada para esta pesquisa. A saber, no próximo capítulo, abordaremos questões tocantes ao método qualitativo, quantitativo e ao paradigma indiciário, assim como as características da coleta do *corpus* e as etapas de desenvolvimento da pesquisa.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

No capítulo anterior realizamos um percurso teórico relacionado com os principais autores que norteiam esta dissertação. Primeiramente, abordamos as noções tocantes às definições de *língua*, *linguagem* e *discurso* desde a perspectiva de Émile Benveniste. Em segundo lugar, foram exploradas as noções de *ethos*, *pathos* e *logos*, tomando como ponto de referência os princípios retóricos, assim como aspectos relacionados com o processo argumentativo. Por fim, tratamos sobre gêneros textuais e a definição de *carta do leitor*. Esses pressupostos teóricos relacionam-se com os momentos de análise metodológicos que serão traçados neste capítulo, a saber: momento de descrição, de análise e de interpretação.

Na próxima seção, apresentaremos a definição de nosso método de análise. Inicialmente, abordaremos o método qualitativo e quantitativo, os quais articulam processos cuidadosos, sistemáticos e empíricos a fim de gerar conhecimento. Logo, explanaremos uma terceira abordagem que também será articulada, a saber, o paradigma indiciário proposto por Carlo Ginzburg (1989). Em seguida, descreveremos nosso *corpus* de análise assim como as etapas de desenvolvimento da pesquisa.

#### 3.1 O MÉTODO

Nesta pesquisa, assim como na maior parte das investigações relacionadas com a área das Humanidades, mais exatamente das Letras, optamos por dar prioridade à base qualitativa. Monje Álvares (2011) afirma que a pesquisa qualitativa tem suas bases epistemológicas na hermenêutica, a fenomenologia e o pensamento simbólico. Por tal razão, este método busca interpretar e descrever o comportamento humano para assim esboçar detalhes sobre as atitudes e tendências, no intuito de focar-se nos processos e nos significados.

A abordagem qualitativa permite que o pesquisador, ao analisar o mundo e seus significados, desenvolva uma teoria baseada em observações. Por tal razão, na maioria das pesquisas de cunho qualitativo, as hipóteses são geradas no percurso da pesquisa. Nesse sentido, nesta pesquisa o critério qualitativo será mobilizado no momento de descrição, análise e interpretação dos dados, a fim de discutir a possível existência de dois perfis de *ethe* coletivos e identificar os possíveis efeitos patêmicos deflagrados pelas *cartas do leitor*.

No que tange ao método quantitativo, Monje Álvares (2011) afirma que está inspirado no positivismo, corrente filosófica que rejeita toda proposição cujo conteúdo não esteja, direta ou indiretamente, em equivalência com os dados comprovados. Por tal motivo, a pesquisa

quantitativa busca medir ou quantificar uma série de repetições para assim formular novas hipóteses ou teorias. Nesse viés, tal método nos auxiliará na quantificação das temáticas mobilizadas nas cartas e dos tipos de argumentos identificados na materialidade.

Além do método qualitativo e quantitativo, optamos por incluir uma terceira abordagem, a saber, o paradigma indiciário, esboçado por Carlo Ginzburg (1989) na sua obra *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Quando nos referimos às raízes do paradigma indiciário, devemos entender que o autor, em primeiro lugar, traz uma analogia de que envolve três áreas diferentes: o “método morelliano”, das artes plásticas, o método investigativo do personagem do detective Holmes e o conhecido método da psicanálise, de Freud.

A combinação desses três métodos indaga pelas pistas (signos pictóricos, indícios e sintomas) que permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma intangível (GINZBURG, 1989, p. 150). Por tal razão, o paradigma indiciário caracteriza-se por identificar pequenas pistas, detalhes ou sinais, dentro da materialidade textual, que poderiam não ser percebidos em um primeiro olhar, ou seja, que são vistos como secundários e que podem ser o indício de algum fenômeno maior.

Desta forma, ao analisar nosso *corpus*, podemos encontrar diferentes indícios de algum fenômeno que ocorre na materialidade textual, que nos ajudaria no esboço de uma imagem discursiva dos locutores ou com a identificação de possíveis efeitos patêmicos. Sendo assim, podemos afirmar que o paradigma indiciário se faz relevante nesta pesquisa, não somente porque permite identificar aspectos que não são visíveis em um primeiro olhar, mas também porque poderia contribuir na compreensão de fenômenos gerais que ocorrem na *cartas do leitor*.

### 3.2 O CORPUS DE PESQUISA

Nosso *corpus* de análise está composto por 50 *cartas do leitor*, 25 do jornal colombiano *El Tiempo* e 25 do jornal brasileiro *Folha de S. Paulo*, as quais foram publicadas entre março de 2017 e 2018 nos respectivos sites dos jornais. Importante ressaltarmos que a escolha desse período de tempo se deu devido à disponibilidade de cartas nos respectivos jornais, já que cada semana novas cartas são publicadas e as mais antigas são eliminadas, por tal motivo, ao momento de fazer a coleta de dados, tínhamos disponíveis unicamente as cartas correspondentes ao período março 2017 até março 2018. Ainda, destacamos que a coleta das 50 cartas foi realizada de maneira aleatória e por meio da ferramenta *print* de tela, isto, porque

não queríamos arriscar-nos a alterar algum componente do campo textual.

No que diz respeito ao jornal *El Tiempo*, ele circula pelo território colombiano desde 1911 até a atualidade. Nos seus inícios, começou como um projeto jornalístico que parecia não contar com as ferramentas necessárias da época para ganhar destaque e reconhecimento. Tal panorama negativo devia-se ao fato de que, ao mesmo tempo, na Colômbia existiam outros cinco jornais com uma trajetória mais ampla e estabelecida. Porém, *El Tiempo* hoje é considerado, segundo a Agencia Colombiana de Investigación de Medios Colombianos, como o jornal mais lido na Colômbia.

Inicialmente, na sua constituição como jornal, caracterizava-se por ter uma tendência liberal<sup>25</sup>, porém, por conta de interesses econômicos, tal tendência viu-se afeitada, já que ao permitir o ingresso de novos proprietários, um interesse pessoal e ideológico estabeleceu-se dependendo do momento histórico. Também é importante ressaltar que o jornal *El Tiempo* foi, durante 7 anos (2001-2008), o único jornal que circulou por todo o território nacional. Hoje em dia, o jornal é de propriedade do empresário Luis Carlos Sarmiento Angulo. No que respeita às *cartas do leitor*, o jornal as disponibiliza no seu site web<sup>26</sup>, mais exatamente na aba *Opinión*.

No que tange ao jornal *Folha de S. Paulo*, ele é considerado um dos jornais de maior tradição no Brasil. Foi fundado em 1921 com o nome de *Folha da Noite* e hoje é um dos periódicos mais lidos no Brasil, segundo a ANJ Brasil (associação de Jornais Nacionais). Torna-se difícil colocar o jornal em uma categoria ideológica específica, uma vez que a *Folha* tem posicionamentos tanto de direita<sup>27</sup> quando de esquerda<sup>28</sup>. Assim como o jornal *El Tiempo*, da Colômbia, a *Folha de S. Paulo* também dispõe seu conteúdo de maneira física e no seu site web, porém, diferentemente do jornal colombiano, para acessar aos conteúdos mediáticos do

---

<sup>25</sup> Conforme o dicionário de política Politize, Liberal é um movimento social e político cujas bases se fundamentam na defesa das iniciativas individuais e que busca limitar a intervenção do estado na vida econômica, social e cultural. Pode ser entendido também como um sistema político que promove as liberdades civis.

<sup>26</sup> Para maiores informações visitar: <https://www.eltiempo.com/opinion>

<sup>27</sup> De acordo com o dicionário de política Politize, os posicionamentos de direita valorizam os indivíduos independentes e responsáveis pelas suas ações. Cada indivíduo deve conviver com os resultados de suas decisões, sejam eles positivos ou negativos. Promove a igualdade político-jurídica, que é entendida como suficiente para garantir as mesmas oportunidades aos indivíduos da sociedade. Considera a desigualdade social inevitável e natural, advinda da competição entre indivíduos livres. A ajuda às pessoas em necessidade na sociedade deve ser uma decisão dos indivíduos e não uma imposição do Estado ou da coletividade.

<sup>28</sup> Conforme o dicionário de política Politize, os posicionamentos de esquerda valorizam os indivíduos altruístas e dispostos a se conformar à coletividade. A sociedade deve oferecer segurança social aos indivíduos, independentemente de sua condição ou ações. Promove a igualdade social, opondo-se a qualquer tipo de desigualdade considerada injusta, principalmente as desigualdades econômicas. Considera que a sociedade, como um coletivo, deve agir em benefício daqueles em desvantagem relativa a outros dentro da mesma sociedade.

jornal brasileiro, os interessados precisam fazer um cadastro e um pagamento.

Também, respeito às orientações para a publicação das cartas nos respectivos jornais, é importante destacar que a *Folha*, no seu site, apresenta os critérios de submissão para a possível publicação de uma carta. O principal critério é que a mensagem seja concisa, ou seja, que não possua uma longa extensão. Dessa forma, o jornal, possivelmente por questões de espaço, limita os locutores para que elaborem uma carta cuja extensão seja conveniente para o periódico. Como consequência, consideramos que o suporte condiciona a produção do gênero. Já no que respeita às *cartas* do jornal *El Tiempo*<sup>29</sup>, no site do jornal só encontramos um e-mail para enviá-las, sem alguma instrução como aquelas estabelecidas pela *Folha de S. Paulo*<sup>30</sup>.

As 50 *cartas do leitor* serão disponibilizadas na seção de anexos a maneira de imagem digitalizada, no intuito de querer preservar o enunciado tal e como foi publicado no jornal. Nos anexos, primeiro serão disponibilizadas as 25 cartas colombianas, numeradas desde 01 até 25. Estarão acompanhadas com a letra C e, na análise, serão identificadas como 01C, 02C, 03C, etc,. Na sequência, estarão as cartas brasileiras, numeradas desde 01 até 25 e acompanhadas da letra B, sendo identificadas como 01B, 02B, 03B, etc,.

Em vista de que tanto as cartas brasileiras como as colombianas não apresentam uma grande extensão, elas não serão fragmentadas no momento analítico e os tipos de argumentos serão unicamente sublinhados. Consideramos que essa é a forma mais adequada de exibir os textos, uma vez que nosso intuito não é realizar um estudo de teor quantitativo e sim predominantemente qualitativo.

### 3.3 AS ETAPAS DE DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Esta pesquisa tem como objetivo geral discutir a possível existência de dois perfis de *ethe* coletivos e identificar os possíveis efeitos patêmicos deflagrados pelas *cartas do leitor*. Para alcançarmos tal objetivo, elencamos três objetivos específicos, que retomamos, a seguir: a) identificar e analisar os tipos de argumentos, de acordo com a classificação esboçada por Fiorin (2017), que foi embasada nos pressupostos de Perelman e Tyteca (2014); b) analisar

---

<sup>29</sup> Tentamos entrar em contato com o jornal *El Tiempo* via e-mail para indagar sobre a publicação das cartas, porém não recebêramos nenhuma resposta.

<sup>30</sup> De acordo com as indicações do jornal, as cartas podem ter até 500 caracteres com espaço. Além disso, elas poderiam, eventualmente, ser selecionadas por questões de clareza e espaço. Se a carta exceder o número de caracteres, o jornal pode editá-la e publicar apenas trechos. No relacionado aos critérios de seleção das cartas, o jornal prioriza a atualidade e a relevância do tema abordado pelo leitor. Para maiores informações visitar: <<https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/>>.

alguns mecanismos verbais do repertório lexical, tais como: indicadores de pessoa, adjetivos, substantivos, advérbios, adjetivos, aspas e marcadores discursivos e; do repertório retórico – pergunta retórica e; c) caracterizar os elementos dóxicos, isto é, os componentes dos saberes socioculturais que podem causar emoções específicas na instância discursiva. Para detalharmos o percurso adotado para atingirmos nosso objetivo, apresentaremos um quadro demonstrativo dos momentos de análises.

Quadro 2 – Momentos de análise

<b>Momentos</b>	<b>Descrição</b>	<b>Análise</b>	<b>Interpretação</b>
Primeiro momento <i>Logos</i>	Identificar os tipos de argumentos, de acordo com a classificação esboçada por Fiorin (2017), embasado nos pressupostos de Perelman e Tyteca (2014).	Os tipos de argumentos mobilizados nas <i>cartas do leitor</i> .	Entender o movimento argumentativo do locutor na carta.
Segundo momento <i>Ethos</i>	Analisar alguns mecanismos verbais do repertório lexical e retórico.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Advérbios</li> <li>• Indicadores de pessoa</li> <li>• Aspas</li> <li>• Marcadores discursivos</li> <li>• Substantivos</li> <li>• Verbos</li> <li>• Perguntas retóricas</li> </ul>	Analisar os dois perfis de <i>ethe</i> coletivos que poderiam emergem da materialidade linguística.
Terceiro momento <i>Pathos</i>	Caracterizar os elementos dóxicos, isto é, os componentes dos saberes socioculturais que podem causar emoções específicas na instância discursiva	Os elementos dóxicos instaurados no discurso.	Interpretar os possíveis efeitos patêmicos que emergem das cartas do leitor.

Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com o quadro apresentado, adotaremos três momentos de análise: descrição, análise e interpretação. No primeiro, embasados nos pressupostos teóricos de Perelman e Tyteca (2014), identificaremos, analisaremos e interpretaremos os tipos de argumentos – que para melhor compreensão, serão sublinhados – empregados pelos locutores. No segundo momento, identificaremos, analisaremos e interpretaremos os mecanismos linguísticos (indicadores de pessoa, adjetivos, substantivos, advérbios, adjetivos, aspas e marcadores discursivos) e retóricos (pergunta retórica) que nos auxiliarão no esboço da imagem discursiva que emerge da carta. Salientamos que, para interpretar os perfis de *ethe* coletivos, devemos partir dos perfis de *ethe* individuais. No terceiro e último momento,

caracterizaremos e interpretaremos os componentes dos saberes socioculturais que podem causar emoções específicas na instância do discurso (elementos dóxicos).

Por fim, discutiremos as imagens discursivas que emergem das cartas brasileiras e colombianas e os efeitos patêmicos mais predominantes no auditório. Torna-se fundamental lembrar que, nos momentos de análise utilizaremos a abordagem do paradigma indiciário, que nos ajudará no esboço dos possíveis resultados.

A seguir, e no intuito de obtermos maior compreensão das temáticas mobilizadas nas cartas, faremos um resumo geral dos tópicos mais recorrentes na materialidade. Logo, apresentaremos os resultados obtidos nos três momentos analíticos da nossa pesquisa.

#### 4 ANÁLISES

Neste capítulo, apresentaremos as análises quanti-qualitativas que foram realizadas no *corpus* de pesquisa, o qual está composto por 50 exemplares do gênero *carta do leitor*, publicadas no jornal *El Tiempo*, da Colômbia, e no jornal *Folha de S. Paulo*, do Brasil. Cabe lembrar que a coleta do nosso *corpus* foi realizada por meio de *prints* de tela e selecionada de maneira aleatória, em virtude da disponibilidade das cartas nos respectivos *sites* dos jornais, no mês de março de 2018. Salientamos que nosso principal objetivo é discutir a possível existência de dois perfis de *ethe* coletivos e identificar os possíveis efeitos patêmicos deflagrados pelas *cartas do leitor* e que, para isso, elencamos os três objetivos específicos mencionados anteriormente.

Antes de iniciarmos os três momentos analíticos, delimitaremos as principais temáticas abordadas nas cartas, a fim de conhecermos os tópicos mais preocupantes para os leitores, de ambos os jornais, entre março de 2017 e 2018. Para compreender melhor tal relação, elaboraremos dois quadros que quantificarão tais informações, já que é conveniente analisar um argumento em um contexto específico e não de maneira isolada.

No que concerne aos momentos analíticos desta pesquisa, os passos a seguir serão os seguintes:

- no primeiro momento, iremos apresentar um breve resumo da carta, a fim de orientar o leitor e, em seguida, identificar, analisar e interpretar o(s) tipo(s) de argumento(s) da materialidade linguística, embasados nos pressupostos teóricos de Perelman e Tyteca (2014) e Fiorin (2017);
- no segundo momento, a fim de esboçarmos a imagem discursiva que emerge da carta, adotaremos os mesmos passos, ou seja, identificar, analisar e interpretar os indicadores de pessoa, aos adjetivos, os substantivos, os advérbios, as aspas, os marcadores discursivos e as perguntas retóricas;
- no terceiro e último momento, pretendemos caracterizar e interpretar os componentes dos saberes socioculturais que podem provocar efeitos emotivos na instância do discurso (elementos dóxicos).

Finalmente, discutiremos se é possível esboçar um *ethe* coletivo a partir da análise dos mecanismos linguísticos selecionados. Caso a nossa hipótese seja comprovada, discutiremos as imagens discursivas individuais de cada jornal e os possíveis efeitos patêmicos provocados pelas cartas. A seguir, exibiremos as principais temáticas abordadas no *corpus* da nossa pesquisa.

#### 4.1 ARGUMENTAÇÃO E TEMÁTICAS NAS *CARTAS DO LEITOR*

Nesta seção, apresentaremos uma análise quantitativa-descritiva das diversas temáticas que são abordadas nas *cartas do leitor*. Tais resultados serão apresentados, em seguida, por meio de dois quadros e seus respectivos comentários analíticos referentes aos números encontrados.

Entendemos que todo evento comunicativo é, de alguma maneira, permeado pela argumentatividade, mesmo que o gênero discursivo não implique uma tipologia argumentativa. Dada a natureza das *cartas de leitor*, elas exigem que argumentar seja indispensável para que o gênero conserve a sua natureza. Assim, quando pretendemos defender um posicionamento, reforçar ideologias, influenciar o outro ou tentar aderir um auditório à nossa tese, é a argumentação a ferramenta que nos permite alcançar tais propósitos.

Em virtude do gênero analisado, acreditamos que ele é permeado por uma linha argumentativa. Conforme Bassols (1997), o esquema argumentativo nos indica que a existência do texto se deve a vários componentes, textuais e extratextuais, que funcionariam como a estrutura que suporta o texto. Referimos às premissas, à tese, aos argumentos e à conclusão do texto. Porém, ao analisarmos as *cartas do leitor*, percebemos que esse esquema nem sempre é evidente, pois, possivelmente, a extensão de algumas cartas fazem com que o locutor apresente unicamente a tese que visa defender é um tipo de argumento. Isso será evidenciado na seção 4.2, na qual, ao analisar as cartas mais representativas, apontaremos para alguns desses componentes.

O discurso, e sua essência persuasiva, poderia produzir diferentes efeitos de sentido dependendo da situação na qual é inserido. De acordo com Perelman e Tyteca (2014, p. 213), ao analisar um determinado argumento deve-se considerar seu contexto, pois, conforme os autores, a análise de um argumento isolado “apresenta inegáveis perigos”. Já para Grácio (2011), os argumentos são emergentes e sua força não pode ser separada do contexto específico. Nesse sentido, compreendemos que um argumento é só uma parte do discurso e, se for isolado da situação na qual está inserido, há uma possibilidade de cair em uma análise ambígua e fora do contexto.

A seguir, apresentaremos as principais temáticas mobilizadas pelos leitores do jornal *El Tiempo*.

Quadro 3 – Temáticas principais nas *cartas do leitor* do jornal *El Tiempo*

CARTAS DO JORNAL <i>EL TIEMPO</i>	
Tema	Número de ocorrências
Mobilidade urbana	4 (16%)
Empresas prestadoras dos serviços de saúde	3 (12%)
Metrô de Bogotá	2 (8%)
Situação da Venezuela	2 (8%)
Processo de Paz	2 (8%)
Cachorros em condição de rua	2 (8%)
Educação	1 (4%)
Corrupção	1 (4%)
Cultura e Economia	1 (4%)
Economia e Política	1 (4%)
Ex-presidente Álvaro Uribe Vélez	1 (4%)
Ciência	1 (4%)
Monumentos da cidade	1 (4%)
Outros (Cartagena, Urbanismo, Stephen Hawking)	3 (12%)
<b>Total de cartas</b>	<b>25</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Observamos, no quadro número 3, uma variedade de temáticas que são abordadas nas *cartas do leitor* relacionadas com tópicos como a *Saúde pública* e a *Mobilidade urbana*. Assim, em primeiro lugar, destacamos que 16% da amostra, que equivale a 4 cartas, representa a temática *Mobilidade urbana*, a mais abordada nas cartas colombianas. Em segundo, 12%, que se refere a 3 cartas, representa a temática *Empresas prestadoras dos serviços de saúde*, o segundo tópico mais discutido. No terceiro, representando as temáticas: *Metrô de Bogotá*<sup>31</sup>, *Situação da Venezuela*, *Processo de paz* e os *Cachorros em condição de rua*, 32% da amostra equivalente a 8 cartas. O restante, ou seja, 40% da amostra, corresponde a temáticas variadas como *Educação*, *Ciência*, *Corrupção*, entre outras.

Acreditamos que existe uma estreita relação entre o contexto sócio-histórico da Colômbia e as temáticas abordadas nas *cartas do leitor*, pois, no que se refere à *Mobilidade*

<sup>31</sup> É fundamental salientarmos que a temática *Metrô de Bogotá* não foi incluída na *Mobilidade Urbana* porque, nas cartas, ela é abordada como um projeto que leva várias décadas sendo planejado e não como uma realidade relacionada à mobilidade urbana. Nesse sentido, os locutores referem-se ao metro de Bogotá como uma iniciativa que, até a atualidade, não foi concretizada e que poderia representar, entre outras coisas, processo corruptos e desvios de recursos nas entidades encarregadas de executá-lo.

*urbana* na Colômbia, a temática mais abordada, ainda que um direito dos cidadãos, não recebe a devida importância das políticas públicas. Segundo Dandogond (2011), a Colômbia deve “cambiar los criterios de decisión pública que han regido desde hace casi medio siglo en cuanto a transporte, lo que, en últimas, significa contribuir a la construcción de un nuevo referencial global, es decir, de un nuevo “proyecto de ciudad”<sup>32</sup>.

Dentro da temática *Mobilidade Urbana*, os locutores discorrem sobre problemáticas relacionadas aos usuários de bicicletas, aos táxis e aos veículos de uso particular. A esse respeito, a Consultora Internacional Inrix realizou, em 2018, uma pesquisa comprovando que Bogotá ocupa o terceiro lugar no *ranking* das cidades com maiores problemáticas de tráfego urbano, perdendo apenas para Moscou e Istambul, seguida pela Cidade de México e São Paulo<sup>33</sup>.

Torna-se fundamental destacarmos que Bogotá possui esse perfil por ser a capital da Colômbia e contar, segundo o *Departamento Administrativo Nacional de Estadística (DANE)*, com mais de oito milhões de habitantes, e ser uma das maiores cidades da América do Sul. No entanto, mesmo ocupando essa posição, não possui um sistema de metrô, causando incômodo entre seus habitantes, pois seu único sistema de transporte – *TransMilenio* – apresenta falhas e é ineficiente para acomodar o número de habitantes que ganhou a cidade nos últimos anos. Possivelmente, devido a isso, a temática *Metrô de Bogotá* representa 2% da amostra. Já nas cartas brasileiras, a temática *Mobilidade urbana*<sup>34</sup> não é expressiva, tendo em vista que apenas 1 das 25 cartas analisadas abordou a problemática do sistema de ônibus na Vila Madalena, em São Paulo.

No que tange às cartas cuja temática é *Empresas prestadoras dos serviços de saúde*, é fundamental considerarmos que a Colômbia conta com um sistema público de saúde baseado em parcerias público-privadas, insuficientes para dar cobertura aos cidadãos colombianos, razão pela qual acabou sendo um sistema com mais falhas do que benefícios. Segundo Botero (2012), “el problema de la salud no es de recursos, pero sí de un muy mal manejo, derroche, corrupción e ineficiencia con que han manejado estos recursos por parte de intermediarios que se han lucrado con la salud pública [...]”<sup>35</sup>. Assim, observamos que três cartas se referem a

---

<sup>32</sup> Tradução nossa: mudar os critérios de decisão pública que tem sido usados há quase meio século no que se refere ao transporte, o qual significa contribuir com a construção de um novo referencial global, ou seja, de um novo “projeto de cidade”.

<sup>33</sup> Para maiores informações, acesse ao site da consultora internacional Inrix: <<http://inrix.com/scorecard/#>>

<sup>34</sup> Pelo fato da temática *Mobilidade urbana* ser abordada em apenas 1 das 25 cartas brasileiras, optamos por incluí-la na temática *Outros*.

<sup>35</sup> Tradução nossa: o problema da saúde não é pelos recursos, mas sim pelo má administração, pelo desperdício e a ineficiência com a qual terceiros tem administrados os recursos da saúde e tem se lucrado com eles.

essa situação, afirmando que o sistema de saúde colombiano é precário e poderia, inclusive, ser comparado à situação da Venezuela.

Neste momento, depois de comentadas as temáticas mais abordadas nas cartas colombianas, exibiremos as que foram mais recorrentes nas cartas brasileiras. Verificamos que os leitores do jornal *Folha de S. Paulo* também mobilizam diversas temáticas, mas com uma tendência a relatar os assuntos que dizem respeito à situação sociopolítica do país. Tal afirmação sustenta-se a partir do quadro número 4 apresentado, a seguir:

Quadro 4 – Temáticas principais nas *cartas do leitor* do jornal *Folha de S. Paulo*

<b>CARTAS DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO</b>	
<b>Tema</b>	<b>Número de ocorrências</b>
Política/Michel Temer	5 (20%)
Economia	5 (20%)
Política/Luiz Inácio Lula	4 (16%)
Educação	2 (8%)
Política/Gleisi Hoffman	1 (4%)
Mobilidade Urbana	1 (4%)
Religião	1 (4%)
Feminismo	1 (4%)
Entretenimento	1 (4%)
Outros (Urbanismo, Regime Militar, Suzana Herculano-Houzel)	4 (16%)
<b>Total de cartas</b>	<b>25</b>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Segundo o quadro, verificamos que, de maneira contrária ao que encontramos nas *cartas do leitor* colombianas, as cartas brasileiras, ainda que em um mesmo número, ou seja 25 cartas, apresentam menos temáticas. Porém, possuem uma tendência maior aos tópicos relacionados à economia e à política, possivelmente pelo momento político que vivia o Brasil no ano de 2017 e início de 2018.

Nesse quadro, evidenciou-se que de um total de 25 cartas, 10, que representam 40 %, abordam questões políticas referentes à economia do país e ao presidente em exercício, do ano 2017, Michel Temer. De igual maneira, 4 cartas da amostra total, que equivalem a 16%, têm como tópico principal questões relacionadas ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Também, em menor frequência, são abordadas temáticas como a *Educação* no país, a *Mobilidade urbana*, a *Religião* e o *Feminismo*.

Torna-se fundamental relatarmos o momento sociopolítico que ambos os países viviam no mês de março de 2018, pois, tanto a Colômbia como o Brasil tiveram eleições presidenciais nesse ano. Essa questão chama a atenção porque tal acontecimento político é recorrente nas cartas brasileiras, haja vista que parte da sociedade demonstrava certa tensão e um inconformismo com a possível reeleição do ex-presidente Lula da Silva. Assim, 4 das 25 cartas analisadas tinham como tema principal o ex-presidente. Possivelmente, o evento teve uma grande repercussão nas *cartas do leitor* devido aos acontecimentos sociopolíticos anteriores com os quais se deparavam os cidadãos. No 2013, o país viveu um momento de protestos<sup>36</sup> para depois, em 2014, participar da eleição que aumentou a polêmica no espaço político e social. Já em 2016, os brasileiros testemunharam o *impeachment* contra a ex-presidenta Dilma Rousseff. Por conta desses acontecimentos políticos na história do Brasil, Betim (2018, p. B1) afirma que “muitos miravam as eleições presidenciais de 2018 como um momento de reendosso do sistema, a hora de reinvesti-lo plenamente de legitimidade com um novo pacto entre sociedade e políticos pelo voto”.

Torna-se relevante destacarmos que, na Colômbia, no mês de março de 2018, ocorreram as eleições presidenciais do país, em que concorriam à presidência, Gustavo Petro, um candidato que representava os movimentos políticos de esquerda e Ivan Duque, representando os movimentos políticos de extrema direita. Considerando que as eleições colombianas ocorreram nos meses de maio e junho, do referido ano, inquietou-nos a questão de, em nenhum momento, os leitores colombianos mencionarem tal evento em suas cartas. Por sua vez, os leitores brasileiros, diferentemente dos colombianos, já em março apresentavam-se engajados com as eleições – as quais iriam ocorrer apenas em outubro – citando-as diversas vezes.

A análise total das cartas nos permitiu, também, perceber que em março, mês que se celebra o *Dia Internacional da Mulher*, apenas uma carta publicada pela *Folha de S. Paulo* trouxe o tema do feminismo e as celebrações que se realizam em virtude dessa data. Além disso, também foram abordadas temáticas como os *Cachorros em condição de rua*, o *Sistema educativo colombiano*, a *Religião* no Brasil e os *Prêmios Oscar da Academia* que foram

---

<sup>36</sup> As manifestações de 2013 iniciaram em São Paulo a causa do aumento na tarifa das passagens de ônibus. Os protestos na capital paulista foram marcados pela violência policial e isto despertou a solidariedade de cidadãos de outras cidades decidiram sair nas ruas para protestar. Nesse ponto, os protestos tornaram-se mais diversos desde o ponto de vista ideológico. Para maiores informações, sugerimos visitar o site <<https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/o-brasil-foi-as-ruas-em-junho-de-2013-12500090>>.

celebrados no mesmo mês.

Da mesma forma, ao analisarmos as cartas colombianas, constatamos uma temática comum aos dois países mas que foi, unicamente, mencionada nas cartas do jornal *El Tiempo*, a saber, a *Situação da Venezuela*. Colômbia e Brasil compartilham fronteira com a República venezuelana e são um ponto de referência para os seus migrantes. No entanto, segundo o *Informe sobre la movilidad humana venezolana (2017)*, o país que mais tem recebido migrantes venezuelanos desde o início do êxodo tem sido a Colômbia, pois, 37,5% decidem ir para lá e formar uma nova vida<sup>37</sup>.

Em síntese, observamos que as cartas mobilizam temáticas variadas, contudo, nas cartas brasileiras predominam os tópicos políticos e econômicos do que os relacionados à mobilidade urbana, à educação ou ao feminismo. Já, nas cartas colombianas, há maior variedade de tópicos, os quais priorizam as questões sociais sobre as questões políticas. Em vista disso, poderíamos pensar que as temáticas abordadas são significativas para a deflagração de efeitos patêmicos, já que ao mobilizar discursos que mencionam conteúdos polémicos – como a situação do ex-presidente do Brasil Luiz Inácio Lula – os locutores estariam entrando em temáticas sensíveis dos esquemas dóxicos dos auditórios.

Nesta primeira parte, percebemos que as *cartas do leitor* colombianas e brasileiras abordam temáticas levemente diferentes, o que nos ajuda a invalidar a hipótese que havíamos esboçado. Inicialmente, acreditávamos que as duas amostras mobilizariam temáticas relacionadas, principalmente, com a política, porém, tal suspeita não é evidenciada nas cartas colombianas, apenas, nas brasileiras. Dessas, 56% que representam mais da metade do total da amostra abordam questões políticas e econômicas. Em contrapartida, somente 4% das cartas colombianas abordam tais questões.

A identificação e a interpretação das temáticas mobilizadas no *corpus* nos permitiu observar, ainda, que em consonância com as teorias benvenisteanas abordadas no capítulo 2, deste trabalho, a língua pode ser o interpretante da sociedade, contendo-a. Esse fato é percebido nas *cartas do leitor*, em que os traços sociais se tornam perceptíveis no discurso por meio da língua. Compreendemos que é pela natureza simbólica da linguagem que os diferentes locutores conseguem se posicionar a respeito de um determinado assunto que envolve o *homem* e a *sociedade*.

Os leitores dos jornais, ao se posicionarem diante de temáticas como a *Situação*

---

<sup>37</sup> A Organización Mundial para las Migraciones elaborou um informe que ilustra a situação que vivem os venezuelanos. Para maiores informações visitar <<https://cpalsocial.org/documentos/570.pdf>>

*política do país* ou *as falhas apresentadas pelo sistema de saúde*, estão, por meio da linguagem, criando uma identidade que, simultaneamente, contribui no tecido da sociedade tal como a conhecemos hoje. De acordo com Charaudeau (2016), estaríamos diante da opinião coletiva, já que um indivíduo apresenta seus julgamentos do mundo que, por sua vez, se fundem nos julgamentos de um coletivo. Nesse viés, as *cartas do leitor*, como produto de uma coletividade, não devem ser entendidas como uma somatória de julgamentos pessoais. Pelo contrário, a opinião coletiva “não é a soma de opiniões individuais [...] Aqui ‘um mais um’ não é igual a ‘dois’, mas forma um novo ‘um’” (CHARAUDEAU, 2016, p.37).

Segundo Benveniste (2006), como a linguagem é dada com a sociedade, existe uma relação indissociável entre homem e língua que se mantém sempre pelo uso dos signos da comunicação. No caso específico desta pesquisa, entendemos que o homem se serve dos signos da comunicação de cada língua, português e espanhol, para se inserir em uma determinada sociedade, a colombiana e a brasileira, e fazer parte dela. Assim, a língua lhe permite articular diversos tipos de argumentos, posicionando-se socialmente diante de temáticas próximas a si. Considerando que a sociedade não é inerte nem estática, mas, viva e evolutiva, compreendemos ainda que dentro dela surgem diferentes situações que podem ser vistas a partir de distintos olhares e defendidas por meio da língua. Esse movimento é evidenciado nas cartas brasileiras, em que os locutores elaboram seus discursos de maneiras diferentes para se colocarem diante das eleições do país, por exemplo.

O homem, por meio da língua e do discurso, se posiciona diante dos diferentes acontecimentos da sociedade e tenta aderir outros indivíduos às suas teses. Nesta pesquisa, nos interessamos pelos tipos argumentos, articulados no discurso, que lhe permitem defender ou refutar determinada tese em um gênero específico. Por tal razão, nos interessamos em identificar e analisar os diferentes tipos de argumentos que são articulados no gênero jornalístico – da esfera social – *carta do leitor*.

Ainda, consideramos relevante discutirmos sobre a influência do momento sociopolítico que vivenciou o Brasil entre 2013 e 2014 e sua possível repercussão polarizadora nos discursos atuais dos cidadãos brasileiros. Como mencionado anteriormente, o Brasil vivenciou um momento catalogado por alguns especialistas como o ano em que os brasileiros saíram da inércia, sendo esse período um possível elemento elucidativo da recorrência de temáticas políticas na amostra brasileira.

Conforme Amossy (2017), a polêmica, enquanto manifestação discursiva, relaciona-se ao embate de opiniões que circulam no espaço público. Nesse sentido, consideramos que a série de episódios sociais que aconteceram no país, na metade da década, permitiram que a

polêmica se instaurasse nos discursos brasileiros. Percebemos que as cartas do jornal *Folha de S. Paulo* mobilizam opiniões contrárias – relacionadas a temáticas similares, que se excluem mutuamente – que dificultam a busca do acordo. Por conta disso, consideramos que a preferência pelos tópicos políticos e econômicos por parte dos locutores brasileiros não é fortuita, mas sim, uma possível decorrência da polêmica instaurada no âmbito social brasileiro, evidenciada na *língua* e pela *linguagem*.

Na seção seguinte, iniciaremos o percurso analítico com as sete cartas do jornal *El Tiempo* (4C, 5C, 6C, 9C, 20C, 25C e 15C<sup>38</sup>), apresentando o resumo<sup>39</sup>, o *print* da publicação e os respectivos comentários analíticos. Identificaremos e analisaremos o(os) tipo(s) de argumento(s) da materialidade linguística para, na sequência, realizar o mesmo procedimento analítico com os mecanismos linguísticos que nos permitirão o esboço do possível *ethos* que emerge de cada carta. Para finalizar, caracterizaremos os diversos componentes dóxicos susceptíveis a provocar efeitos emotivos na instância discursiva.

#### 4.2. ANÁLISE DAS CARTAS DO LEITOR DO JORNAL *EL TIEMPO*

Para dar sequência a nossa pesquisa, nesta seção apresentaremos a análise de sete cartas publicadas pelo jornal *El Tiempo*. Como mencionado na metodologia, primeiro apresentaremos um breve resumo da carta acompanhado pelo o *print* de tela. Logo, executaremos os três momentos analíticos que forma expostos no quadro 2, da seção 3.3.

A seguir, analisaremos a carta 4C na qual o locutor se posiciona diante da importância que deveria ter a vida para todos aqueles que se movimentam em bicicleta na cidade de Bogotá. Para defender sua posição, o locutor emprega um *argumento por ilustração*, que foi sublinhado na cor laranja.

---

<sup>38</sup> Salientamos que as análises das cartas do leitor do jornal *El Tiempo* serão apresentadas em ordem crescente. Porém, a carta 15C será apresentada no final por causa do movimento argumentativo nela identificado.

<sup>39</sup> Consideramos que o resumo que pretendemos fazer será de suma importância para localizar o nosso leitor, principalmente, no relacionado às cartas em língua espanhola.

Figura 1 – Carta do leitor 4C



Fonte: Jornal *El Tiempo*. Grifos nossos.

Na carta, o locutor argumenta sobre a situação dos *biciusuarios*, ou seja, as pessoas que utilizam a bicicleta como seu meio de transporte para se deslocarem na cidade. Nesse viés, a tese defendida pelo locutor aparece de forma implícita e a poderíamos definir da seguinte forma: Os *biciusuarios* não respeitam as normas de trânsito e as autoridades competentes não exercem um verdadeiro controle para deter a situação. Para defendê-la, o locutor emprega um *argumento por ilustração*, que pertence ao grupo dos *argumentos que fundamentam a estrutura do real*. Conforme Fiorin (2017), esse tipo de argumento possui uma natureza diferente, já que ele serve para reforçar uma tese tida como aceita. Dessa forma, os argumentos por ilustração buscam tornar sensível uma ideia aceita por um determinado auditório e, por conta disso, “não se destina à comprovação, mas à comoção; volta-se mais para o sentimento” (FIORIN, 2017, p. 188).

Na sociedade bogotana, existe o imaginário que os usuários de bicicletas são imprudentes e responsáveis por diversos acidentes no trânsito da cidade. Tomando como ponto de referência essa situação, o locutor enumera os casos particulares pelos quais os *biciusuarios* deveriam ter mais cuidado quando dirigirem. Inicialmente, o locutor menciona que todos os indivíduos que se movimentam em bicicleta têm uma família que os espera; depois menciona o futuro do ciclista e dos seus filhos, nesse sentido o locutor generaliza na

ideia de que todo aquele que anda de bicicleta tem família e filhos. Finalmente, o locutor afirma que os *biciusuarios* deveriam recapacitar sobre o bem que poderiam fazer à sociedade se dirigirem com mais cuidado.

Nesse sentido, o locutor não pretende comprovar uma hipótese na sua carta, mas sim possui a possível intenção de persuadir por meio de elementos emocionais. Chama nossa atenção que esse tipo de argumento poderia apresentar alguma conexão com os efeitos patêmicos, já que, ao apelar aos sentimentos, o locutor estaria entrando no campo dos efeitos emotivos e não no campo da demonstração de dados.

Ao analisarmos os componentes do título da carta, percebemos que o locutor articula um neologismo no título – *biciusuarios* –, ou seja, uma termo que nomeia um novo conceito. De acordo com Fuente (1997), o título possui três funções: a distintiva, a referencial e a expressiva. A primeira refere-se à ideia de que o título deve ser diferenciador para dar-lhe pessoalidade ao texto e diferenciá-lo dos outros. A segunda diz respeito à relação que deveria existir entre o título e o texto, pois o primeiro deveria lhe dar ao auditório indícios da temática que será abordada. Por último, a função expressiva deveria provocar o interesse do auditório. Nesse sentido, o autor afirma que essa função poderia permitir a manipulação do auditório por parte do locutor.

Neste caso, o neologismo é o resultado de juntar dois vocábulos: *bicicleta* e *usuario*. O novo termo designa os indivíduos que utilizam a bicicleta como meio de transporte e possui a função de suprir uma necessidade linguístico social momentânea, que poderia se tornar em um termo permanente da língua. Além disso, o neologismo *biciusuarios* permite rotular um indivíduo específico dentro de um contexto social. Destacamos que a rotulagem, neste caso, apresenta-se como um movimento de tendência negativa, uma vez que o neologismo possui uma função dupla: delimitar um grupo específico da sociedade bogotana e culpá-lo pelos acidentes no trânsito.

No primeiro enunciado, percebemos que o locutor faz uso das aspas para citar o nome do discurso que está qualificando. Chama a atenção o fato de ter empregado aspas simples, pouco comuns na língua espanhola. Acreditamos que esse mecanismo possui objetivos argumentativos bem definidos, já que elas permitem que uma exterioridade se instale no discurso. Nesse sentido, as aspas criam um efeito de sentido de distanciamento protetor entre o locutor e o enunciado, indicando uma fala externa. Assim, entendemos que as aspas são a voz do *outro* presente no discurso.

O primeiro mecanismo linguístico que articula o locutor é o adjetivo *excelente*, com o qual pretende qualificar e caracterizar a carta de Ernesto Cortés como algo que possui

características excepcionais ou que destaca por sua qualidade. Esse adjetivo permite mobilizar a perspectiva do locutor em relação ao discurso citado, instaurando em *excelente* um ponto de vista que é, ao mesmo tempo, subjetivo e relativo. Conforme Charaudeau (2016), é subjetivo porque se apoia em saberes que dependem dos sistemas de crenças que permeiam cada indivíduo. É relativo já que, por sua subjetividade, pode existir uma posição contrária proveniente do mesmo indivíduo ou de outro. Além disso, a posição do adjetivo – no início do enunciado – permite que o locutor dê ênfase ao seu ponto de vista.

No último enunciado da carta, o locutor articula o adjetivo *verdadero* – cujo significado é real ou efetivo – para qualificar o substantivo *control* – relacionado com as ações das autoridades diante da problemática dos *biciusuarios*. É pertinente apontarmos para o fato de que o locutor consegue desprestigiar o trabalho das autoridades sem necessidade de recorrer a termos negativos. Além disso, ao colocar primeiro o adjetivo e depois o substantivo *verdadero control* – geralmente, na língua espanhola articula-se primeiro o substantivo e depois o adjetivo – o locutor dá ênfases ao adjetivo, permitindo que a carga subjetiva se instaure no enunciado.

No que tange aos verbos da carta, chama nossa atenção a articulação de *detuvieran*, *pensaran* e *recapacitaran*, conjugados no subjuntivo (imperfeito) e inseridos em estruturas condicionais. O primeiro está relacionado com ideia de parar, deixar o que está sendo feito e, simplesmente, se deter. O segundo, *pensar*, relaciona-se com a ideia de usar o cérebro para examinar algo e formar o próprio juízo. Finalmente, o verbo *recapacitar* diz respeito à ideia de considerar algo com mais calma, pensar sobre um assunto de uma maneira mais objetiva. Nesse sentido, o locutor os articula para indicar o que deveria ser feito pelos *biciusuarios* antes de cometer alguma imprudência nas ruas. Dessa forma, consideramos que essa colocação gradativa contribuem com verificação de uma imagem discursiva enfática.

Além disso, é fundamental colocarmos nosso olhar na conjunção *si* que marca o início dos enunciados condicionais. Desde o ponto de vista gramatical, os condicionais formados por *si* mais *imperfeito do subjuntivo* indicam que no momento em que o locutor enuncia, o que está sendo expressado, e que é precedido por *si*, é algo contrário à realidade. Por exemplo, o enunciado *si por un segundo pensaran en su futuro y en el de sus hijos* indica que os *biciusuarios* não pesam no futuro deles nem no futuro dos filhos. Nesse sentido, a repetição da estrutura condicional poderia lhe dar ao discurso um efeito de sentido enfático nas ações que não são realizadas pelos usuários de bicicletas. Ainda, destacamos que os condicionais permitem que o locutor apresente características desfavoráveis dos *biciusuarios* sem necessidade desprestigiá-los por meio de termos difamatórios.

Também, consideramos fundamental analisarmos os substantivos que indicam tempo: *un momento*, *un segundo* e *un instante*. De acordo com o dicionário da Real Academia de la Lengua Española, *momento* é um substantivo masculino que indica uma porção de tempo muito breve. Por sua vez, o substantivo masculino *segundo* é uma porção de tempo exata, sendo uma unidade de tempo que poderia ser medida por qualquer auditório. Por último, o locutor emprega o substantivo masculino *instante* que, assim como *momento*, diz respeito a uma porção de tempo pouco exata ou precisa. Essas três colocações substantivais lhe dão ao discurso um efeito de sentido reflexivo, pois o locutor insinua que essas são as porções de tempo que os *biciusuarios* deveriam empregar para pensar antes de cometer uma imprudência. Dessa forma, o locutor indica frações de tempo quase efêmeras para que uma possível reflexão seja feita pelos usuários de bicicletas.

Ainda, o locutor emprega os substantivos *infracciones* e *despropósitos* para referir-se às ações cometidas pelos *biciusuarios*. O primeiro está relacionado com a transgressão ou quebra de uma lei, ou seja, diz respeito a ações que vão em contra das normas do lugar, neste caso as de trânsito. Nesse sentido, por meio do substantivo o locutor estaria tratando os usuários de bicicletas como infratores que não seguem a lei. O segundo, *despropósitos*, conforme o Dicionário da Língua Espanhola está relacionado com algo que é fora da razão ou do senso comum. Por conta disso, consideramos que o locutor é rígido e enfático na sua tese: os *biciusuarios* agem fora da legalidade e não usam a razão.

No que se refere aos marcadores discursivos, na primeira linha da carta o locutor articula *en verdad*, unidade linguística composta pela preposição *en* e o substantivo *verdad*. Conforme Zarroquino e Portolés (1999), esse marcador pertence ao grupo dos operadores de reforço argumentativo, ou seja, unidades que possuem a função de reforçar e enfatizar o argumento que será introduzido, como se fosse o mais relevante do discurso. Nesse viés, *en verdad* permite que o locutor dê ênfase aos quatro enunciados condicionais que o precedem. Como resultado, e considerando a sua posição no discurso, ele orienta o auditório a fixar sua atenção na totalidade da carta, pois ele foi colocado no primeiro enunciado para lhe dar ênfase aos quatro enunciados condicionais. Esse marcador reforçaria a imagem enfática do locutor.

Finalmente, consideramos necessário colocar nosso olhar na interjeição *¡Por Dios!* articulada no final da carta. Desde o ponto de vista gramatical, ela é entendida como uma unidade invariável que lhe permite ao locutor manifestar opiniões ou sentimentos, contudo, ela não possui um papel gramatical no enunciado. Ainda assim, consideramos que *¡Por Dios!* tem uma função essencial dentro do discurso, pois lhe permite ao locutor expressar uma possível indignação. Precisamos pontuar que a interjeição foi articulada depois do locutor ter

introduzido de três enunciados condicionais, nesse sentido ela poderia ser interpretada como uma pausa do locutor, possivelmente agitada, antes de introduzir o último enunciado condicional. Por conta disso, a interjeição permite que o estado emotivo do locutor se instaure na carta como um efeito discursivo.

Ao analisarmos os anteriores mecanismos, percebemos que da materialidade linguística emerge uma imagem discursiva indignada que se instaura no discurso a partir das marcas condicionais reiterativas. Como já dito, essa imagem é reforçada ao articular o marcador discursivo *en verdade* que, na carta, possui a função de lhe dar relevância à informação que o precede. Também, consideramos que a articulação dos verbos *detuvieran*, *pensaran* e *recapacitaran*, nos permitem evidenciar melhor esse *ethos* indignado.

Para abordarmos os possíveis efeitos patêmicos provocados pela carta, é necessário pensarmos no contexto sociocultural de Bogotá, a cidade capital da Colômbia com sérias problemáticas na sua mobilidade urbana. Por conta disso, para se mobilizar dentro da cidade muitos cidadãos decidem usar a bicicleta no lugar do sistema de transporte público. Essa referência será fundamental para identificar, na *doxa* do auditório, os possíveis efeitos emotivos que provocaria a carta.

Ao pensarmos nos efeitos patêmicos, julgamos pertinente colocar nosso olhar no enunciado *si por un instante recapacitaran sobre todo el bien que pueden hacerle a nuestra sociedad, no cometerían ni tantos despropósitos en calles y vías*. Nele, como mencionado anteriormente, o locutor caracteriza os *biciusuarios* como pessoas sem uso da razão e que infringem as normas de trânsito. Nesse sentido, consideramos que esse enunciado seria capaz de deflagrar um efeito emotivo de indignação, se o auditório cultivava uma representação positiva daqueles que usam a bicicleta como um meio de transporte. Esse efeito patêmico poderia ser produzido, entre outras coisas, porque o locutor coloca aos usuários das bicicletas no campo da irracionalidade e da transgressão da lei. Ainda, o locutor insinua que só os ciclistas são os responsáveis pelas suas mortes em acidentes de trânsito, afirmação que poderia atenuar esse efeito de indignação no auditório pois, de acordo com o locutor, motoristas de outro tipo de veículos não possuem nenhuma responsabilidade em relação às mortes de *biciusuarios*.

Além disso, o locutor articula um tipo de condicional – *si*, imperfeito do subjuntivo, condicional simples – que, geralmente, usa-se para expressar uma ação ou hipótese quase impossível de ser realizar no presente. Nesse sentido, a estrutura condicional também poderia ser considerada como um elemento relevante na deflagração de um possível efeito patêmico de indignação, uma vez que por meio do condicional no modo subjuntivo, o locutor estaria

insinuando que é pouco provável que os *biciusuarios* reflitam para não continuar provocando acidentes no trânsito. Salientamos que, nesta pesquisa, entendemos os efeitos patêmicos como possibilidades discursivas e não como realidades vivenciadas por um auditório.

Na sequência, apresentamos a carta 5C, na qual o locutor discorre sobre a situação atual do sistema de saúde colombiano, apontando para os responsáveis de tal problemática. Para isso, aproveita o momento que vivencia a Venezuela para qualificar o estado da empresa prestadora de saúde *Medimás*. A seguir, apresentamos a carta com os dois tipos de argumentos identificados e o respectivo comentário analítico.

Figura 2 – Carta do leitor 5C

**La salud, como Venezuela**

**Señor Director:**

Acerca del editorial sobre Medimás (19-10-2017), el sistema de salud en Colombia es como el Gobierno venezolano: funciona mal, pero nadie puede detenerlo. De hecho, el caos al que nos tienen sometidos las EPS, en especial Medimás, tiene por obvias razones responsables: el Presidente porque ha permitido que se viole el más sagrado de los derechos fundamentales; el ministro de Salud porque nunca logró controlar y reformar el sistema. Y, al final, todos los afiliados, porque hemos sido permisivos ante la serie de delitos que aquí se están configurando.

**Wadid de Jesús Arana Delgadillo**  
Cartagena de Indias

Fonte: Jornal *El Tiempo*. Grifos nossos.

Ao analisarmos a carta 5C, nos deparamos com a um tese explícita articulada no meio de um argumento no primeiro enunciado da carta. O locutor argumenta: *Acerca del editorial sobre Medimás (19-10-2017), el sistema de salud de Colombia es como el Gobierno venezolano: funcional mal, pero nadie puede detenerlo*<sup>40</sup>. Nesse enunciado, percebemos que o locutor articula sua tese de uma maneira sutil e a coloca no meio de um *argumento pela comparação*, explanado mais adiante.

Neste caso, o orador tenta persuadir o seu auditório sobre a crise que vive o sistema de

<sup>40</sup> Medimás EPS é uma Sociedade por Ações Simplificada que nasceu a partir do plano de reorganização institucional aprovado pela Superintendencia Nacional de Salud. Para maiores informações visitar o site da empresa prestadora de serviços de saúde: < <https://www.medimas.com.co/quienes-somos/mision>>

saúde da Colômbia, situação que pode ser comparada com a crise da Venezuela. A carta é estruturada por uma tese explícita, um *argumento por comparação*, um *argumento da causalidade* e dirige-se, possivelmente, aos beneficiários do sistema de saúde público da Colômbia.

Na carta, sublinhamos na cor vermelha o primeiro argumento que foi identificado, a saber, um *argumento pela comparação*. Conforme Fiorin (2017, p. 122), “quando se faz uma comparação, não se toma o objeto em si, expondo suas características ou suas funções, mas se escolhe outro objeto mais conhecido e se fazem aproximações entre eles”. Nesse sentido, o locutor coloca como referência o país vizinho, a Venezuela, para definir a situação do sistema de saúde na Colômbia. Inicialmente, afirma que o sistema de saúde tem duas características que, ao mesmo tempo, também definem o governo da Venezuela: *funciona mal e nadie puede detenerlo*. Dessa forma, o locutor define o objeto sob o qual pretende argumentar – o sistema de saúde – trazendo atributos, negativos, de outro objeto, a Venezuela. Torna-se relevante saber que o imaginário sobre a Venezuela, na Colômbia, é de caos, de desesperança e de fracasso. Essa imagem é reforçada pela quantidade de migrantes que acabaram se instaurando nas ruas das diferentes cidades colombianas sem a ajuda governamental necessária.

Uma vez realizada a comparação, o locutor introduz um *argumento da causalidade*, que, de acordo com Fiorin (2017), serve para expor as causas de um determinado fenômeno. Nesse viés, o locutor apresenta as possíveis causas da situação caótica na qual se encontram os beneficiários da empresa prestadora do serviço de saúde *Medimás*. Assim, por meio do *argumento da causalidade* o locutor aponta para três responsáveis pelo estado do sistema de saúde. Para isso, o locutor articula três vezes a conjunção subordinante causal *porque*, que é um modificador interno do predicado, ou seja, especifica a causa do estado do que está sendo descrito. Na carta 5C, a conjunção é articulada para designar os responsáveis pelo estado do sistema de saúde, explanados a seguir.

Inicialmente, o locutor afirma que o primeiro responsável pelo caos é o Presidente da República, pois parece ignorar o fato de que os cidadãos, que ele representa, têm o direito fundamental à saúde. O segundo responsável, de acordo com o locutor, é o Ministro da Saúde, pois nem possui o controle necessário para que a empresa *Medimás* funcione como deveria nem faz uma reforma à saúde. Já o terceiro responsável pela situação são todos os cidadãos que pagam para a empresa, isto porque têm sido indiferentes diante do delito que está sendo cometido. Como observado, os três responsáveis pelo problema foram apresentados em uma escala de poderes de acordo com o grau de responsabilidade no assunto, criando um efeito de “pirâmide dos responsáveis”.

Ainda, destacamos que, ao analisar a “pirâmide dos responsáveis”, identificamos que existe uma repetição de estruturas sintáticas que são semelhantes. Conforme Bechara (2014), quando há repetição de ideias mediante estruturas aproximadas, nos encontramos diante do paralelismo sintático. Na carta 5C, esse fenômeno lhe dá ao discurso um efeito de sentido enfático.

Ao analisarmos o título da carta, percebemos que o locutor cria uma elisão verbal ao substituir o verbo *estar* por uma vírgula elíptica, conforme verificamos em *La salud, como Venezuela*. Nesse enunciado, o verbo *estar* é considerado um verbo tácito, haja vista que se encontra de forma implícita no título. Esse tipo de elisão é usada, especialmente, em manchetes de jornais ou slogans nos quais o verbo é elidido por uma vírgula. Assim, encontramos-nos diante de um recurso usado nas edições de jornais pois, entre outras coisas, permite otimizar o espaço. Por conta disso, ao colocar uma vírgula elíptica no título da carta cria-se um efeito de sentido jornalístico.

No início do segundo enunciado, identificamos a articulação do marcador discursivo *De hecho*, que cria um efeito de sentido de ênfase, já que ele é considerado como um operador de reforço argumentativo. Segundo Zorraquino e Portolés (1999), esse marcador lhe dá força ao argumento, tornando-o, quase, algo indiscutível. Nesse viés, poderíamos pensar que a colocação desse marcador no início do enunciado, faz que o auditório atente para os fatos que serão expostos e, possivelmente, o locutor ganharia certo grau de credibilidade.

No enunciado final, colocamos nosso olhar na conjunção copulativa *Y* que, conforme a Real Academia da língua espanhola, usa-se, principalmente, para unir palavras ou enunciados. Nesse sentido, a conjunção *Y* estaria ligando os dois primeiros responsáveis pela situação do sistema de saúde na Colômbia – o Presidente e o Ministro da saúde – com o terceiro responsável – os colombianos –. Entretanto, é fundamental apontarmos para o fato de que a conjunção está no início do enunciado, criando um efeito de sentido de continuidade relacionado com o que vem sendo exposto.

Depois da conjunção copulativa *Y*, o locutor articula o marcador discursivo *al final* que atua como um reformulador do tipo recapitulador. De acordo com Zorraquino e Portolés (1999), esse tipo de marcadores têm a função de indicar uma conclusão no discurso. Por isso, a colocação desse marcador cria um efeito de sentido de importância ao que vai ser dito e isso faz que a informação colocada no final da carta pareça possuir mais relevância argumentativa. Nesse sentido, poderíamos compreender que o locutor apresenta uma escala argumentativa e, ao articular o marcador *al final*, busca enfatizar no último responsável pela situação do sistema de saúde.

No meio do segundo enunciado, o locutor articula o adjetivo *obvias* para qualificar os motivos da problemática que está sendo discutida. Segundo a Real Academia de la Lengua Española, esse termo refere-se a algo que se encontra à vista de todo mundo. Nesse patamar, poderíamos pensar que o adjetivo é colocado no intuito de mostrar para o auditório que todos conhecem os responsáveis pela situação do sistema de saúde.

Além disso, chama nossa atenção a articulação da locução substantiva *derechos fundamentales* acompanhada pelo superlativo relativo *el más sagrado*. Destacamos que esse tipo de superlativos têm a função de designar, a uma coisa ou pessoa, o grau máximo ou mínimo de uma qualidade em relação aos outros. Neste caso, vemos que o locutor coloca o direito à saúde como o mais importante de todos os direitos fundamentais. Ainda, o emprego do adjetivo *sagrado* serve para indicar que o direito à saúde é digno de veneração e respeito, como se fosse uma divindade já que, conforme o Dicionário da Língua Espanhola, esse adjetivo relaciona-se com o culto e a veneração.

Também, o locutor articula a perífrase verbal *hemos sido permisivos*, por meio da qual afirma que os colombianos autorizaram o governo, de alguma maneira, a fazer o que quiser com o direito à saúde. Como percebido, o locutor inclui o auditório no seu discurso por meio do verbo *ser* conjugado no pretérito perfeito composto da primeira pessoa do plural *nosotros* e, simultaneamente, coloca nele uma parte da culpa pela situação da saúde no país. Além disso, essa estrutura enfatiza a presente permanência de uma ação que aconteceu no passado e continua tendo repercussão no presente, pois continua acontecendo. Portanto, *hemos sido* indica tanto a pessoa que profere o discurso quanto a pessoa à qual o discurso se dirige, colocando locutor e interlocutor como sujeitos responsáveis pela situação do sistema de saúde. Conforme Kebrat-Orecchioni (2000), neste caso encontramos diante uma das propriedades emotivas da linguagem, o seu caráter interativo, pois o locutor instaura uma interação por meio da troca verbal, estabelecendo um certo grau de severidade com o auditório, pois argumenta que existe uma responsabilidade vigente no contexto atual.

Da análise desses mecanismos linguísticos depreendemos que da carta emerge uma imagem discursiva explicativa-ponderada, que é esboçada pelos marcadores discursivos e o uso expressivo da conjunção subordinada *porque*. Essa tendência à ponderação poderia ser identificada no final do segundo enunciado, quando o locutor caracteriza o sistema de saúde colombiano afirmando que ele *funciona mal pero nadie puede detenerlo*. Nesse enunciado, a conjunção adversativa *pero* é articulada para criar um efeito de oposição, dando mais importância ao segundo enunciado – *nadie puede detenerlo* –. Essa colocação deixa transparecer uma tendência à objetividade. Além disso, percebemos que o locutor apresenta

um paradoxo, pois ao enunciar *funciona mal* espera-se que alguém reaja e tente deter a situação. Porém, o locutor afirma que *nadie puede detenerlo* inserindo uma antítese que contradiz a intuição comum e lógica.

No que se refere aos efeitos patêmicos provocados pela carta, consideramos que o fato do locutor apontar para dois funcionários do governo – o presidente e o ministro da saúde – como responsáveis pela situação do sistema de saúde, poderia provocar um efeito emotivo de incitação à reflexão sobre direito à saúde, determinado no artículo 5 da lei estatutária n 1751, do ano 2015, o qual afirma que “El estado es el responsable de respetar, proteger y garantizar el goce efectivo del derecho fundamental a la salud”<sup>41</sup>. Não obstante, o fato de apontar para os culpados só provocaria esse efeito emotivo em auditórios que tenham vivenciado ou sofrido a situação do sistema de saúde.

Além disso, consideramos que colocar a Venezuela como se fosse o marco de situação socialmente inaceitável, poderia contribuir, expressivamente, na deflagração desse possível efeito de reflexão no auditório, haja vista que a situação desse país é uma realidade muito próxima para todos os auditórios, pois a Colômbia apresenta, desde os últimos anos, uma alta presença de migrantes venezuelanos em uma situação deplorável. Por conta disso, consideramos que quando o locutor compara o sistema de saúde colombiano com o país vizinho, estamos diante de um movimento argumentativo em que, por meio de representações imaginárias sobre uma situação tão próxima como a crise migratória, o locutor está entrando no campo dos efeitos emotivos provocados pelos saberes socioculturais, pois compara adjetivamente dois países fronteiriços.

A seguir, apresentamos a análise da carta 6C, publicada pelo jornal *El Tiempo*, seguindo os parâmetros estabelecidos na metodologia.

Na carta 6C, o locutor insinua que Bogotá, capital da Colômbia, deveria seguir o exemplo de Medellín, uma cidade que, sem ser a capital do país, tem desenvolvido um plano de mobilidade a longo prazo, cujos resultados, aparentemente, deveriam ser o exemplo a ser seguido por Bogotá. Como será evidenciado, sublinhamos, com duas cores, os dois tipos argumentos identificados na carta e os explanamos a seguir.

---

<sup>41</sup> Raciocínio formulado a partir da lei estatutária de saúde de 2015. Para maiores informações visitar: <[https://www.minsalud.gov.co/Normatividad\\_Nuevo/Ley%201751%20de%202015.pdf](https://www.minsalud.gov.co/Normatividad_Nuevo/Ley%201751%20de%202015.pdf)>.

Figura 3 – Carta do leitor 6C

**Pensar a largo plazo**

**Señor Director:**

Medellín ejecutó en 1984 un largo plan hacia el futuro por 50 años y logró construir su metro, además de una cantidad de obras públicas y privadas que la han convertido en una de las ciudades más bellas de Latinoamérica. El gran error de Bogotá es que no ha elaborado un largo plan, de las mismas características del de Medellín, pero ojalá por 100 años, por ser la capital de Colombia. El día que Bogotá elabore un largo plan hacia el futuro obtendrá su metro, sus caminos ecológicos por los cerros orientales, un túnel que comunique la calle 100 con el municipio de La Calera, para descongestionar gran parte del tráfico del norte, además de la Longitudinal de Occidente, que, hoy por hoy, las mencionadas están en los planos.

**Fernando Cortés Quintero**  
Bogotá

Fonte: Jornal *El Tiempo*. Grifos dos autores.

Na carta 6C, o locutor começa seu discurso empregando um *argumento por comparação*, pertencente ao grupo dos argumentos *quase lógicos*. Em seguida, apresenta sua tese de forma explícita – *El gran error de Bogotá es que no ha elaborado un largo plan*. Por último, articula um *argumento da ultrapassagem* que, conforme Fiorin (2017), possui a característica de estar voltado para o futuro.

Por meio da cor vermelha, destacamos o primeiro tipo de argumento identificado, o da comparação, que, de acordo com Fiorin (2017), tem como alvo fazer aproximações entre dois objetos. Na carta, o locutor introduz a cidade de Medellín, por meio do *argumento da comparação*, para expor as características da sua mobilidade urbana e compará-la com Bogotá. Poderíamos supor que a escolha de Medellín se dá pelo fato de ser a única cidade colombiana com sistema de metrô, sendo uma urbe que destaca em temas de mobilidade a nível internacional. Em seguida, o orador apresenta as diferentes etapas de um plano de mobilidade, executado desde 1984 na cidade de Medellín, e seus diferentes resultados. Depois, os compara com a gestão de mobilidade realizada na capital, afirmando que o erro de Bogotá é não fazer um plano a longo prazo como o fez Medellín.

Assim, por meio de enunciados nos quais Medellín é o sujeito de uma frase em voz

ativa, a cidade é colocada como um exemplo a ser seguido, tornando o enunciado claro e direto. Essa colocação torna-se relevante já que a voz ativa dá ênfase ao sujeito que realiza a ação e não ao objeto que a sofre. Neste caso, poderíamos pensar que o locutor, além de destacar as obras públicas desenvolvidas, quer realmente dar ênfase à cidade colocando-a como um “ser” ou “sujeito” que existe e age.

Em seguida, o locutor coloca, de maneira explícita, a tese defendida, qualificando o plano de mobilidade de Bogotá por meio do adjetivo *grande* apocopado (*el gran error*). Dessa maneira, o locutor dá ênfase ao erro cometido por Bogotá, pois o qualifica por meio do adjetivo *gran*, colocando o erro como algo de grande importância e cuidado. Por isso, o enunciado *el gran error* cria um efeito de sentido de atenção ou advertência, apontando para algo que precisa ser conhecido.

Além disso, na sua tese, o locutor articula o pretérito perfeito composto – *no ha elaborado* – para referir-se ao plano de mobilidade de Bogotá. Essa colocação se torna relevante se consideramos que esse tempo verbal é articulado para referir-nos a ações realizadas no passado com implicações no presente. Dessa forma, o locutor insinua que o problema de mobilidade urbana em Bogotá começou no passado e, ainda, repercute negativamente no presente.

Depois de articular o *argumento da comparação* e apresentar sua tese, o locutor introduz o *argumento da ultrapassagem*, cuja característica principal é de ser encaminhado para o futuro. Esse tipo de argumento considera que tudo o que se consegue no presente é um passo para conseguir algum benefício melhor no futuro. Neste caso, o orador vê o futuro de Bogotá como algo a longo prazo que será conseguido em etapas, primeiro o metrô, depois trilhas ecológicas, entre outros.

Em seguida, no início do argumento da ultrapassagem, o locutor articula um enunciado condicional de uma maneira sutil, pois não emprega a conjunção *si* que é característica desse modo verbal. O locutor articula um enunciado no modo subjuntivo do pretérito imperfeito *el día que Bogotá elabore* para, depois, introduzir a segunda parte do condicional: *obtendrá su metro....* Destacamos a importância dessa estrutura, pois ela expressa a ideia de que algo pode ser realizado e cria um efeito de sentido de desejo.

Na carta, observamos que o locutor colocou a cidade de Medellín como se fosse um sujeito “real” que executou várias ações referentes à mobilidade urbana, colocando-a como um exemplo a ser seguido e, ainda, afirma que o mesmo plano deveria ser desenvolvido por Bogotá. Realizada a comparação, o locutor introduz os possíveis resultados – quiçá em ordem de importância – que Bogotá poderia obter se implementasse um plano como aquele proposto

por Medellín. Assim, pela maneira como o locutor articula seu discurso –primeiro um exemplo, depois sua teses e depois os resultados que poderiam ser conseguidos se Bogotá seguisse o exemplo, cria-se um efeito de sentido de didática.

Além de tudo, ao analisarmos a estrutura sintática da carta, percebemos que os três parágrafos que a compõem apresentam uma longa extensão. Entendemos que os períodos largos poderiam ter o efeito de explicitar uma série de relações entre ideias tais como causa, efeito ou finalidade. Porém, nesse movimento sintático existe a possibilidade de afastar de maneira expressiva o sujeito do verbo. Ainda, na carta 6C o locutor realiza um uso considerável de incisos que alongam o enunciado e que poderiam comprometer a compreensão do discurso. Nesse viés, observamos que o locutor emprega quatro incisos que lhe dão à carta um tom explicativo.

No que se refere ao título da carta, *Pensar a largo plazo*, destacamos a articulação de um verbo no infinitivo – *pensar* – que, no enunciado, funciona como verbo principal, sendo conhecido como um infinitivo fático. De acordo com a Real Academia da língua espanhola, deve-se evitar o infinitivo como verbo principal do enunciado, no entanto, esse tipo de colocação é utilizada com frequência pelos meios de comunicação. Dessa maneira, ao colocar um verbo como no infinitivo como verbo principal, cria-se um efeito de sentido de generalização, um movimento que, possivelmente, busca incluir o auditório.

Ao analisarmos os anteriores mecanismos, percebemos que da materialidade linguística emerge um *ethos* discursivo que poderia ser catalogado como detalhado. Essa imagem começa a ser construída quando o locutor, por meio de enunciados na voz ativa, personifica a figura da cidade. Também, a estruturação do discurso nos permite visualizar essa imagem discursiva detalhada, uma vez que o locutor primeiro apresenta o exemplo que deveria ser seguido, movimento que poderia ter matizes didáticos. Ainda, essa tendência detalhada é reforçada pelo uso de incisos que permitem introduzir informação adicional ao discurso.

Além disso, o locutor enumera, possivelmente em ordem de importância, os diferentes benefícios que Bogotá conseguiria se implementasse um plano de mobilidade a longo prazo. Nesse viés, quando o locutor enuncia *su metro, sus caminos ecológicos y un túnel* poderia provocar um efeito patêmico de olhar visionário nos auditórios cujos esquemas imaginários compartilhem a relevância dessas três obras para a cidade. Por conta disso, consideramos que esses enunciados, que remetem a imagens futuras, poderiam funcionar como deflagradores de efeitos emotivos. Como afirma Charaudeau (2010), tudo vai depender da situação comunicativa, dos indivíduos envolvidos e de seus respectivos saberes de crença.

Torna-se fundamental lembrarmos que os efeitos patêmicos não devem ser estudados como uma realidade vivenciada por um sujeitos, pois não possuímos garantias que nos permitam assegurar tal efeito. No caso da carta 6C, o possível efeito patêmico de olhar visionário poderia não ser experimentado por todos os integrantes de um determinado auditório, pois, como já tínhamos mencionado, não estudamos as emoções como realidades, mas sim como efeitos discursivos.

A seguir, apresentaremos a análise da carta 9C. Nela, o locutor se posiciona, desfavoravelmente, diante do tempo que leva chegar desde a cidade de Arbeláez até Bogotá. Ainda, o locutor também menciona outras problemáticas relacionadas ao trânsito na cidade. A seguir, expomos a carta.

Figura 4 – *Carta do leitor 9C*

**Traumático retorno**

**Señor Director:**

Es totalmente absurdo que se inviertan casi 5 horas de Arbeláez a Bogotá. Efectivamente, hay bastantes agentes de tránsito, pero de poco sirven. El diseño del retorno obliga a todos los carros que entran a llegar mínimo a la avenida Villavicencio -antes se podía entrar por Bosa o por el nuevo terminal del sur-, y, obvio, la congestión es mayor. Y para colmo de males, quienes salen y viven hacia barrios ubicados a su izquierda, los obligan a ir hasta Soacha y volver de nuevo a Bogotá, sumándole más carros al trancón.

**Nelson Barbosa**

Fonte: Jornal *El Tiempo*.

Uma tese conhecida na sociedade bogotana é que o trânsito da cidade cada dia se torna um assunto mais complexo, especialmente para as pessoas que moram nos municípios satélites de Bogotá. Nesse viés, na *carta do leitor* intitulada *Traumático retorno*, o locutor expõe para seu auditório os casos particulares que ilustram essa tese e expressa sua preocupação pelo tempo que leva chegar desde Arbeláez até Bogotá, cinco horas.

Na carta, o orador emprega um argumento que fundamenta a estrutura do real,

categorizado por Perelman e Tyteca (2014) como um *argumento por ilustração*. Esse tipo de argumento é utilizado para reforçar uma tese que, geralmente, já é aceita por determinados auditórios. Em alguns casos, segundo os autores, o *argumento pela ilustração* pode ser confundido com o *argumento pelo exemplo*. Mesmo a diferença entre os dois tipos de argumentos seja sutil, é relevante porque o *argumento pela ilustração* contém um juízo de valor, enquanto o *argumento pelo exemplo* carece de tal característica. Conforme Fiorin (2017), o *argumento pela ilustração* não é destinado à comprovação mas à comoção, sendo um tipo de argumento mais voltado para os sentimentos.

Nesse viés, destacamos que, pela natureza do tipo de argumento, o locutor dirige seu discurso para um auditório específico, ou seja, aquele que já compartilha a mesma tese e o mesmo imaginário da situação mencionada. Nesse sentido, entendemos que, possivelmente, não pretende aderir auditórios novos, mas sim reforçar a ideia da condição deplorável no trânsito para chegar até Bogotá. Para isso, o locutor enumera casos particulares: o retorno que deve ser feito para chegar até a Avenida Villavicencio, a falta de autoridade por parte dos policiais de trânsito e o fato de não poder entrar a Bogotá por Bosa ou pela nova rodoviária do sul. Essas colocações lhe dão ao discurso um efeito de sentido descritivo-especificativo.

Ao analisarmos o título da carta, identificamos uma colocação pouco usual na língua espanhol, a articulação de um adjetivo antes do substantivo. Essa posição poderia ser considerada como valorativa, pois a anteposição do adjetivo nos proporciona uma apreciação subjetiva do substantivo, dando-lhe ao título da carta um tom e indignação. Ainda, destacamos que o adjetivo *traumático* possui uma carga semântica expressiva, uma vez que está relacionado com ações ou experiências violentas. Nesse sentido, consideramos que o adjetivo cria um efeito de sentido de indignação no título da carta.

Desde o início da carta, o locutor deixa transparecer seu incômodo ao qualificar de *absurdo* o tempo que leva chegar desde Arbeláez até Bogotá. Essa indignação pode ser evidenciada no adjetivo qualificativo *absurdo*, que, de acordo com a Real Academia da língua Espanhola, diz respeito a algo oposto à razão, que não faz sentido. Nesse sentido, a indignação que foi instaurada em *absurdo* é intensificada por meio do advérbio *totalmente* articulado diante do adjetivo e no início de uma oração subordinada.

Em seguida, vemos que o locutor empregou o advérbio *casi* – que indica que a porção de tempo apresentada não é exata – diante do substantivo *5 horas*. Dessa forma, esse advérbio, no discurso, indica que o tempo que leva ir desde Arbeláez até Bogotá, cinco horas, pode variar. Por conta disso, consideramos que o advérbio estaria evitando uma possível contra argumentação, isto porque indicaria que esse tempo poderia mudar a causa de

condições que não são mencionadas pelo locutor. Além disso, percebemos que a articulação do número cinco (5) no discurso possuem uma dupla função. Por um lado, criaria um efeito de sentido de assertividade, já que nos discursos argumentativos as cifras indicam objetividade e servem, entre outras coisa, para convencer o auditório. Por outro lado, o número possui uma função alarmante, uma vez que o locutor, ao enunciar *casi 5 horas* e não *más de 4 horas*, por exemplo, estaria articulando um número fechado que poderia provocar uma maior apreensão no auditório.

Na sequência, encontramos o marcador discursivo *efectivamente* que é usado para confirmar ou reforçar uma afirmação prévia. Dessa forma, o adverbio possui a função de reforçar a ideia que acaba de ser apresentada: o tempo que leva ir desde Arbeláez até Bogotá é absurdo. Ainda, compreendemos que o marcador discursivo revela que o locutor conhece com propriedade o assunto que está sendo discutido – o tempo da viagem – demonstrando um certo grau de compromisso com a situação e implicando-se no discurso. Portanto, o adverbio *efectivamente* estaria exercendo o papel de marcador discursivo do tipo afirmativo.

Também, no intuito de mencionar a quantidade de policiais de trânsito que controlam o tráfego, o locutor empregou o adjetivo indefinido *bastantes*, que diz respeito a uma quantidade suficiente, porém não expressa um número exato, demonstrando que não possui certeza do número de policiais que controlam a situação. Por conta disso, o adjetivo indefinido *bastantes* cria um efeito de sentido de abundância, sem indicar quantos. Dessa forma, seria a subjetividade do auditório o responsável por delimitar a quantidade à qual refere-se o locutor por meio do adjetivo indefinido *bastantes*.

No mesmo enunciado, também foi articulado o conector *pero* que indica contraste ou oposição entre duas partes. Neste caso, estaria colocando em oposição o fato de que há numerosos policiais de trânsito mas que não servem para muito. Além disso, é fundamental sabermos que *pero* lhe dá um efeito de sentido de relevância ao enunciado que o precede. Neste caso, o conector possui a capacidade de que o auditório coloque seu olhar no fato de que os policiais não ajudam na situação. Ainda, para reforçar esse efeito, o locutor emprega a expressão *de poco sirven*, que gera uma atmosfera de negativismo no sentido utilitarista, já que o verbo *servir* não está relacionado com uma questão ética ou moral, mas sim relaciona-se à ideia de emprego útil ou eficiente.

Além disso, ao analisarmos a totalidade da carta, evidenciamos que o locutor não articulou pronomes pessoais. Dessa maneira, ele não se inclui diretamente no discurso por meio pronomes como *nosotros* ou *yo* nem por verbos conjugados na primeira pessoa do singular ou do plural, criando um efeito de sentido de impessoalidade. Entretanto,

consideramos que o adjetivo que aparece no primeiro enunciado – *absurdo* – é o mecanismo que permite ao locutor se incluir no discurso, pois, além de qualificar uma situação, admite que se instaure a subjetividade do locutor. Nesse sentido, considerando a articulação de expressões de reclamação, a inclusão indireta do locutor no discurso e a função do marcador discursivo, poderíamos sugerir que da materialidade linguística emerge um *ethos* colérico.

Também, percebemos que o locutor usou uma série de substantivos que pertencem ao mesmo campo semântico<sup>42</sup>: *trancón, carros, barrios, congestión, agentes de tránsito, retorno, avenida* ou *terminal del sur*, todos relacionados com a mobilidade urbana. Dessa maneira, o emprego dessas palavras cria o fenômeno conhecido nos estudos semânticos como hiperonímia<sup>43</sup>. Consideramos que essa colocação semântica funcionaria como uma estratégia fundamental no processo argumentativo, já que poderia operar como uma forma de enfatizar no assunto que está sendo discutido. Além disso, a colocação de substantivos pertencentes ao mesmo campo semântico nos auxilia a validar a possível imagem discursiva colérica que emerge da carta.

A análise dos anteriores mecanismos linguísticos nos permitiram concluir que da materialidade linguística emerge uma imagem discursiva colérica, que começa a se instaurar no discurso com a articulação do adjetivo *absurdo*, que lhe permite ao locutor instaurar sua subjetividade no discurso para depois apresentar as possíveis razões que o levaram a essa conclusão. Ainda, o marcador discursivo *efectivamente* indica que o locutor possui conhecimento da situação que está sendo comentada. Por último, a ausência de pronomes pessoais nos permitem verificar essa imagem colérica, já que o locutor se inclui de forma indireta no discurso.

Para abordarmos os efeitos patêmicos por meio dos saberes socioculturais do auditório, é necessário saber que, na Colômbia, a ineficiência da polícia de trânsito faz parte do cotidiano dos cidadãos. Nesse sentido, consideramos que o enunciado *hay bastates agentes de tránsito, pero de poco sirven* poderia ser o responsável pela provocação de um possível efeito emotivo de denúncia se o auditório possui uma representação negativa da polícia de trânsito – como o locutor da carta –. Também, consideramos que esse enunciado poderia ser o responsável pelos efeitos emotivos no auditório, uma vez que ele foi articulado como uma oração coordenada adversativa por meio da qual o locutor afirma que o fato de haver muitos

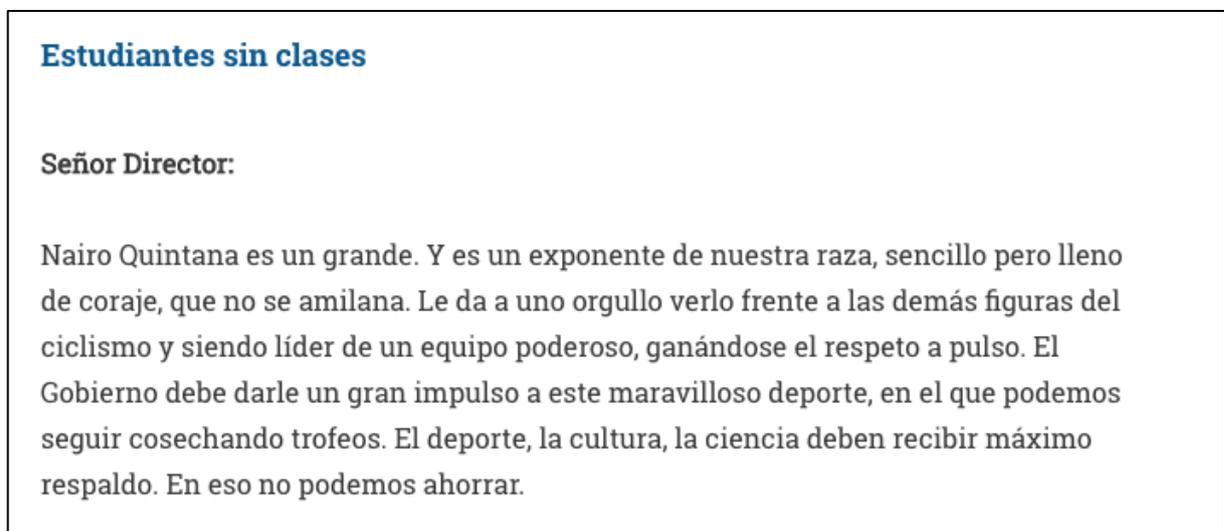
<sup>42</sup> De acordo com a Real Academia de la Lengua Española, campo semântico é um termo que faz referência a um conjunto de unidades lexicais de uma língua que compartilham um núcleo comum de rasgos de significado.

<sup>43</sup> De acordo com a Real Academia de la Lengua Española, a hiperonímia é a relação semântica que vincula uma determinada unidade léxica com outras de significado mais específico. Esses termos mais específicos são conhecidos como hipônimos. Assim, existe uma relação jerárquica entre o hiperônimo e o hipônimo.

polícias não implica que ajudem a solucionar a situação. Nesse sentido, poderíamos pensar que esse efeito emotivo de denúncia estaria ligado aos objetivos comunicativos que o locutor pretende alcançar. Além disso, esse efeito patêmico identificado poderia ser reforçado pela maneira como o locutor contrapõe a ideia de que a existência de muitos recursos – policiais de trânsito – não garante a efetividade do trabalho que eles realizam.

A seguir, apresentaremos a análise da carta 20C, na qual o locutor disserta sobre a importância do investimento, por parte do governo, em áreas como esporte, a ciência e a cultura. Como tem sido realizado no percurso deste pesquisa, a seguir apresentaremos a carta.

Figura 5 – Carta do leitor 20C



Fonte: Jornal *El Tiempo*.

Ao analisarmos a carta 20C, percebemos que o locutor emprega um *argumento pelo exemplo* para defender a sua tese, que se encontra explícita no discurso: *El deporte, la ciencia y la cultura deben recibir el máximo respaldo*. Assim, busca persuadir seu auditório da importância de um conjunto de áreas para o país e de que o governo deveria investir mais dinheiro nelas, uma vez que poderiam trazer glória para a nação.

O locutor, no intuito de defender sua tese, coloca um personagem como um exemplo a seguir para o esporte nacional. Dessa forma, começa seu discurso afirmando a grandeza do ciclista Nairo Quintana<sup>44</sup> e, depois, o define por meio de uma série de qualificativos. É fundamental lembrarmos que, de acordo com Fiorin (2017), no *argumento pelo exemplo*

<sup>44</sup> Nairo Quintana é um ciclista colombiano reconhecido pelas suas vitórias em competições como La Vuelta a España, Le tour de France ou o Giro d'Italia. Em virtude disso, tornou-se um exemplo para as futuras gerações e um orgulho nacional.

formula-se um princípio geral a partir de casos particulares. No caso da carta 20C, o locutor toma um exemplo particular (Nairo Quintana) para discutir a situação geral dos esportes no país. Nesse viés, o caso particular serve para comprovar a tese de que a Colômbia possui esportistas de alta qualidade nos quais vale a pena investir.

Como observamos na carta, o locutor inicia seu discurso por meio de uma proposição geral: *Nairo Quintana es un grande*. Essa afirmação é fundada em uma história da vida real, pois o indivíduo mencionado existe no imaginário dos auditórios colombianos. Dessa forma, entendemos que esse enunciado funcionaria como gerador de conclusões que virão posteriormente. Assim, ao enunciar a grandeza do esportista, o locutor, no decorrer da carta, afirma que o esporte nacional precisa de mais apoio se queremos ter mais personagens como Nairo Quintana. Esse é um movimento argumentativo que parte do particular para o geral.

O título da carta possui uma característica relevante para esta pesquisa, já que ele não apresenta a informação que será tratada na carta, mas sim a situação que provocou o posicionamento do locutor. No 2017, os professores do ensino fundamental e meio do setor público se mobilizaram em contra dos cortes nas verbas e da falta de garantias para o setor educativo. Por conta disso, muitos estudantes permaneceram nas suas casas enquanto o professorado protestava. Essa situação provocou posições divididas, pois as manifestações foram criticadas por deixar os estudantes sem aulas e, ao mesmo tempo, aplaudidas por lutar por um direito constitucional. Nesse viés, depreendemos que as manifestações do professorado colombiano foram o elemento que gerou o título, colocando um implícito na carta, pois o locutor relaciona a greve dos docentes com o investimento cultural por parte do governo.

Inicialmente, analisaremos o adjetivo *grande*, que está relacionado com a ideia de grandeza ou importância e que qualifica um sujeito: Nairo Quintana. Em relação à estrutura sintática, percebemos que o adjetivo encontra-se dentro de uma oração copulativa de caracterização. Na sequência, o locutor qualifica o mesmo sujeito servindo-se do adjetivo *sencillo* que, segundo o dicionário da língua espanhola, relaciona-se com a ideia de alguém ou algo que carece de qualidades artificiais, mas que possui naturalidade ou espontaneidade. Neste ponto, é fundamental lembrarmos que o esportista mencionado é procedente da área rural da Colômbia e, geralmente, essas pessoas são qualificadas com esse adjetivo. Dessa forma, percebemos que o locutor afirma que, mesmo sendo um grande esportista, com reconhecimento nacional e internacional, Nairo ainda possui uma das principais características das pessoas que moram na área rural do país.

Na sequência, o locutor emprega a locução adjetival *lleno de coraje* no intuito de

continuar qualificando o sujeito sobre o qual está dissertando. Observamos que essa locução adverbial *lhe dá* ao individuo a característica de ser uma pessoa cheia de esforço e valor. Assim, o locutor coloca a Nairo Quintana como um símbolo nacional a ser seguido, qualificando-o por meio de adjetivos do registro semiformal da língua espanhola. Esses dois adjetivos – *sencillo* e *lleno de coraje* – foram colocados em uma situação de oposição por meio do conector *pero*. Assim, o locutor coloca em contraste o fato de que Nairo é uma pessoa simples mas que tem coragem. Nesse sentido, *pero* *lhe* permite ao locutor dar relevância ao fato do ciclista possuir determinação.

Outro adjetivo articulado pelo locutor foi *poderoso*, que qualifica a equipe de ciclismo de Nairo Quintana. Esse adjetivo serve para afirmar que o time possui características excelentes ou magnificas na sua linha e possui a função de engrandecer a imagem da equipe do ciclista. Mesmo que o locutor não mencione o nome do time, o adjetivo cria um efeito de sentido de grandeza e de importância. Ou seja, *lhe dá status* à equipe.

Além disso, o adjetivo é precedido pelo verbo no gerúndio *ganándose* e a locução adverbial *a pulso*. O verbo se encontra em uma enunciado na voz passiva por meio da qual o locutor dá ênfase à ação – ganhar – e não a quem a executa. Ainda, o locutor enfatiza na forma como o ciclista ganha esse respeito por meio da locução adverbial *a pulso* que faz parte do repertório informal da língua espanhola, indicando que alguma coisa foi realizada com o próprio esforço, sem auxílio dos outros. Assim, consideramos que *a pulso* poderia ser uma estratégia argumentativa do locutor para dar-lhe destaque ao modo como o ciclista conseguiu ser respeitado.

Depois, o locutor articula o adjetivo *maravilloso* para qualificar o ciclismo, criando um efeito de sentido de algo que é excelente, extraordinário ou admirável. Observamos que o locutor realiza um movimento indutivo em que caracteriza primeiro a equipe com o adjetivo *poderoso* para, logo, qualificar o esporte. Nesse sentido, esse movimento cria um efeito de sentido lógico matemático em que a partir de uma premissa específica o locutor chega a uma conclusão geral.

No penúltimo enunciado, o locutor insinua que o esporte, a cultura e a ciência precisam receber apoio por parte do governo. Não obstante, o locutor limita o apoio que precisam essas três áreas por meio do adjetivo *máximo*. Por causa disso, o locutor se mostra como 100% convencido de que o governo tem a responsabilidade de ajudar os envolvidos nesses campos. Além disso, o adjetivo indica o grau mais alto, ou seja, o locutor deixa explícito que o governo precisa dispor dos recursos necessários para que essas três áreas continuem dando orgulho ao país. Dessa forma, o adjetivo *máximo* cria um efeito de sentido

no qual o locutor, quase como se fosse uma obrigação, deseja que o esporte, a cultura e a ciência sejam ajudados da melhor maneira possível.

Também, identificamos no discurso três substantivos significativos para esta análise. O primeiro deles é *exponente*, que diz respeito a algo ou alguém representativo em alguma área. Dessa forma, quando o locutor chama a Nairo Quintana de *exponente*, estaria afirmando que ele é o melhor ciclista da Colômbia, pois o substantivo coloca o esportista em uma posição de grandeza. Por conta disso, acreditamos que esse substantivo cria um efeito de sentido no qual Nairo Quintana não seria unicamente um ciclista, mas um símbolo nacional.

Consideramos fundamental colocar nosso olhar no movimento valorativo construído por meio de adjetivos, realizado pelo locutor no decorrer da carta. Como foi mencionado, na carta pretende-se defender o ponto de vista do locutor no qual o governo deve investir mais nas áreas do esporte, a ciência e a cultura, tese articulada no final da carta. Não obstante, consideramos que essa tese poderia se diluir no meio do trabalho valorativo vinculado à figura simbólica de Nairo Quintana, quem na carta não parece ser tratado como um ser concreto (um esportista), mas sim como um paradigma a ser seguido.

No terceiro enunciado, identificamos a articulação do pronome indefinido *uno*, que, neste caso, exerce a função de pronome pessoal. Quando o locutor afirma *le da a uno orgullo*, o pronome sublinhado possui um valor impessoal, já que indica qualquer indivíduo. Entretanto, pensamos que, neste caso, ele faz referência ao locutor, como uma possível estratégia argumentativa de generalização para lhe dar objetividade ao discurso. Nesse viés, consideramos que na carta 20C *uno* mobiliza locutor e auditório, sendo um movimento persuasivo em que o locutor, para aproximar-se do interlocutor, insinua que ambos tem um efeito patêmico em comum – orgulho – quando veem o esportista na competição.

No final da carta, o locutor emprega o substantivo *trofeos* acompanhado do verbo *cosechar* no gerúndio. Consideramos que essa colocação também nos mostra um posicionamento por parte do locutor, para quem o ciclismo poderia ser comparado com uma colheita. Neste caso, o verbo *cosechar*, no gerúndio, nos indica que o locutor concebe o ciclismo como um processo longo no qual há várias etapas, mas que no final sempre veremos os resultados. Dessa forma, o emprego do verbo *cosechar* indica que o ciclismo passa por vários momentos (como acontece com um cultivo) mas, no final, sempre teremos um produto desse processo, criando uma relação de causa-consequência – quem planta, colhe.

No que respeita ao uso de verbos no discurso, iniciaremos discutindo o verbo reflexivo *amilanarse*, que segundo o dicionário da língua espanhola, significa ter medo. Não obstante, é fundamental saber que esse verbo não é de uso comum em toda a Colômbia e, possivelmente,

ele faz parte do registro linguístico uma região específica do país. Dessa forma, consideramos que seu uso lhe dá ao discurso um tom regionalista e poderia ser considerado como um indício do origem do locutor.

Também, o locutor empregou, duas vezes, o verbo modalizador *poder* conjugado na primeira pessoa do plural. Os modalizadores discursivos são verbos que requerem de outro verbo no infinitivo, como observado na carta *podemos seguir* e *podemos ahorrar*. Nesse sentido, o verbo modal *poder* poderia ser interpretado como juízo do locutor diante da ação e, diferente dos tempos compostos, os verbos modais aportam significado ao enunciado. Dessa forma, quando o locutor afirma *podemos seguir cosechando trofeos* estaria instaurando a possibilidade de que o esporte nacional continue nesse caminho da vitória. Já, quando enuncia *en eso no podeos ahorrar*, estaria instaurando sua posição sobre a ideia de cortar recursos para as áreas mencionadas. Ainda, destacamos que a conjugação do verbo na primeira pessoa do plural permite que o locutor instaure se juízo de valor no verbo modal e, ao mesmo tempo, inclua seu auditório.

Por último, destacamos a articulação dupla de outro verbo modal, *deber*. No discurso, esse verbo indica um obrigação, seja moral ou legal. Na carta, o locutor afirma, por meio do verbo *deber* conjugando na terceira pessoa do singular, que o governo tem a obrigação de contribuir e apoiar o ciclismo. Nesse sentido, o verbo estaria limitando alguma possibilidade de recusa, pois ele só indica que algo deve ser realizado sendo quase uma ordem. Nesse sentido, depreendemos que o locutor se mostra como um indivíduo com a certeza das ações que precisam ser executadas pelo governo no relacionado à cultura, ao esporte e à ciência. Por conta disso, depreendemos que da materialidade linguística emerge uma imagem discursiva autoritária.

Finalmente, abordaremos o referente aos possíveis efeitos patêmicos que poderiam ser produzidos no auditório. Para isto, precisamos apontar para o fato de que os componentes dos saberes socioculturais também podem ser vistos como provocadores de emoções na instância discursiva. Dessa forma, o enunciado *el gobierno debe darle gran impulso a este maravilloso deporte en el que podemos seguir cosechando trofeos*, poderia deflagrar um efeito emotivo de engajamento. Para entender esse efeito, precisamos comentar que, no governo colombiano, o investimento em áreas como a cultura ou o esporte é consideravelmente inferior às verbas que recebe a parte militar do país<sup>45</sup>. Além disso, muitos esportistas colombianos, de várias

---

<sup>45</sup> De acordo com o informe das verbas para o 2020, o esporte receberá 553.000 milhões de pesos. Já, a defesa e a segurança do país será de 37,5 bilhões. Para maiores informações visitar: [www.larepublica.co/economia/los-sectores-que-ganan-con-el-presupuesto-general-de-la-nacion-2020-2921754](http://www.larepublica.co/economia/los-sectores-que-ganan-con-el-presupuesto-general-de-la-nacion-2020-2921754).

disciplinas, têm conseguido um destaque internacional notório, porém, com escassa ajuda do governo. Por conta disso, consideramos que o enunciado mencionado poderia provocar um efeito de engajamento no auditório.

Também, precisamos apontar para o fato do locutor colocar o Nairo Quintana como um símbolo nacional já que, explicitamente, ele transforma o ciclista em um paradigma por meio dos mecanismos linguísticos mencionados anteriormente. Dessa forma, o ciclista, visto como um paradigma, poderia provocar um possível efeito emotivo de identificação. Para alcançar esse possível efeito patêmico, precisamos que o auditório possua uma representação positiva do esporte nacional, pois isto poderia ser o componente responsável pelo efeito visado. Como afirma Charaudeau (2000), esses prováveis efeitos patêmicos dependerão da situação comunicativa, dos parceiros envolvidos e de seus respectivos “saberes de crença”.

A seguir, apresentaremos a análise da carta 25C, na qual o locutor se posiciona diante da situação social e política de Cartagena. No intuito de defender a sua tese, o locutor articula dois *argumentos pela definição*, sublinhados na carta com as cores azul e vermelha.

Figura 6 – Carta do leitor 25C

**No ignorar a Cartagena**

**Señor Director:**

Es increíble lo que pasa en la histórica Cartagena. Es la ciudad del turismo, de los congresos, es patrimonio cultural de la humanidad, etcétera. Sin embargo, pocos hablan de la otra Cartagena, la que enfrenta una crisis de institucionalidad, la que se roban los políticos, la de la exclusión social, la de la pobreza extrema, con inseguridad urbana, la que hoy tiene a sus máximas autoridades en la cárcel. El interés por cambiar a la Ciudad Heroica no pasa de ser una promesa de cada campaña política. Al final, nada pasa. ¿Hasta cuándo seguiremos ignorando a Cartagena?

- **Mario Patiño Morris**  
Bogotá

Fonte: Jornal *El Tiempo*. Grifos dos autores.

Na carta 25C, do jornal *El Tiempo*, identificamos que o locutor tenta defender uma tese implícita, a qual poderia ser definida como: Cartagena só é relevante para os políticos

durante a campanha. No intuito de defendê-la, o locutor articula dois argumentos, ambos conhecidos como *argumentos pela definição*.

De acordo com Fiorin (2017), a definição é um tipo de argumento que pertence à categoria dos *argumentos quase lógicos*. Conforme o autor, esse tipo de argumentos buscam definir um objeto por meio de características ou funções. Neste caso, observamos que o locutor define o mesmo objeto, Cartagena, a partir de duas perspectivas diferentes. Por um lado, encontramos a definição de Cartagena como um lugar turístico, como uma cidade considerada patrimônio cultural da humanidade ou, também, como a cidade dos diversos congressos que acontecem no país. Nesse sentido, o locutor define Cartagena apelando para as características pelas quais é reconhecida a cidade no território nacional e internacional.

Por outro lado, o locutor articula, uma vez mais, um *argumento pela definição* para esboçar outro panorama da cidade. Assim, encontramos uma segunda definição de Cartagena na qual o locutor a define como um lugar de exclusão social, de pobreza extrema, com múltiplos problemas de segurança urbana e cujos mais reconhecidos mandatários encontram-se na prisão. Dessa forma, percebemos que o locutor define o mesmo objeto de duas maneiras diferentes. Não obstante, acreditamos que, possivelmente, a carta pretende que o auditório coloque seu olhar nessa segunda Cartagena, e não naquela que já é reconhecida dentro e fora do país. O emprego dos *argumentos pela definição*, articulados de maneira opositiva, cria um efeito de sentido de contraste, já que o locutor coloca o mesmo objeto visto desde duas perspectivas diferentes, demonstrando que o mesmo lugar pode ser visto desde duas óticas com resultados totalmente opostos.

No que se refere ao título da carta, *No ignorar a Cartagena*, identificamos a articulação de um verbo no infinitivo antecedido pelo adverbio de negação *No*. Neste caso, depreendemos que o enunciado está indicando uma ordem que é dirigida a um coletivo indeterminado. Ou seja, o enunciado *No ignorar a Cartagena* está dirigido a todos nós sem que exista um sujeito explícito no enunciado. Nesse sentido, consideramos que pela maneira como foi articulado o título – um verbo no infinitivo com efeito de imperativo – cria-se um efeito de sentido instrucional.

No primeiro enunciado, observamos que o locutor articula o adjetivo *increíble*, em uma oração subordinada, para qualificar a situação de Cartagena. Ele possui uma carga semântica que está relacionada com algo difícil de crer. Nesse sentido, o adjetivo é um mecanismo por meio do qual se instaura a subjetividade do locutor. Ainda, pela sua posição no discurso, ele cria um efeito de sentido de denúncia e poderia motivar o interesse do auditório pelo discurso. Na sequência, o locutor emprega um segundo adjetivo para descrever

a cidade: *histórica*. Esse adjetivo estaria qualificando o substantivo próprio Cartagena, atribuindo-lhe a qualidade de um lugar que está relacionado com a história. Dessa forma, ao colocar os dois adjetivos no primeiro enunciado da carta, cria-se um efeito de valor dado socialmente e já preestabelecido, clichê.

Torna-se fundamental sabermos que o locutor apresenta dois lados da mesma cidade para coloca-los em contraste, uma Cartagena reconhecida mundialmente e outra que afronta uma série de dificuldades sociopolíticas. Para produzir esse efeito de contraste, o locutor conecta as duas partes por meio do marcador discursivo *sin embargo* que, de acordo com Zorraquino e Portolés (1999), é entendido como um marcador contra-argumentativo. Nesse sentido, pela sua posição no discurso, este marcador está reforçando a definição da outra *Cartagena*, ou seja, daquela que o locutor coloca como um lugar desconhecido para muitos auditórios. Ainda, para definir o outro lado de Cartagena, o locutor articula quatro substantivos que apresentaremos a seguir. O primeiro deles é *crisis*, um substantivo masculino que, segundo o dicionário da língua espanhola, diz respeito a mudanças profundas em um processo ou em uma situação. Nesse sentido, ao empregar esse substantivo, o locutor estaria insinuando que a outra Cartagena é uma cidade que está vivendo problemáticas nas suas instituições. Depois, o locutor emprega o substantivo *exclusión*, que diz respeito à ação de excluir uma pessoa ou um grupo de uma determinada situação. Dessa forma, o locutor estaria insinuando que a outra Cartagena possui problemáticas relacionadas com a falta de participação dos cidadãos na vida social, política e cultural dentro das suas respectivas sociedades.

Ainda, o locutor coloca no discurso uma problemática, quiçá, conhecida por alguns auditórios: a pobreza extrema. Este substantivo diz respeito à falta ou escassez dos implementos básicos para viver. Dessa forma, o locutor qualifica o substantivo *pobreza* por meio do adjetivo *extrema*, que lhe dá à pobreza mencionada um nível alarmante ou preocupante. Dessa forma, ao qualificar os níveis de pobreza de Cartagena, o locutor cria um efeito de sentido de denúncia para que, possivelmente, o seu auditório reaja diante da problemática explanada.

Por último, o locutor lhe dá a Cartagena outra característica, por meio do substantivo *inseguridad*, relacionado com a falta de segurança em um determinado espaço. Dessa forma, ele serve para indicar que Cartagena, além das outras problemáticas, também possui dificuldades para manter um entorno seguro para seu habitantes. Assim, podemos observar que o locutor criou uma nova definição de Cartagena servindo-se de substantivos cuja carga semântica está orientada às situações sociais conflitivas. Ainda, a colocação gradativa – crise,

exclusão social, a pobreza e a insegurança social – poderia provocar um efeito de sentido de caos.

No penúltimo enunciado, o locutor emprega um segundo marcador discursivo, *al final*, classificado como do tipo organizador já que, no discurso, possui a função de organizar a informação e carece de um significado argumentativo. Porém, na carta o marcador *al final* possui um efeito de sentido de conector contra-argumentativo já que vincula dois elementos do discurso de modo que o segundo atenua a conclusão do primeiro. Nesse sentido, *al final* estaria atenuando a conclusão que poderia ser depreendida da ideia de que o interesse por mudar a segunda Cartagena é evidenciado em épocas de eleições sendo que depois as promessas não são cumpridas – *nada pasa*.

Uma vez apresentada a definição da segunda Cartagena, o locutor instaura um sentimento de preocupação no penúltimo enunciado do discurso. Para isto, articula o substantivo *promesa*, que diz respeito a ideia de fazer algo por alguém. Nesse sentido, o locutor insinua que não existe um compromisso real com a cidade, já que o substantivo masculino *promesa* representa todos aqueles oferecimentos para mudar as condições da cidade que nunca foram cumpridos. Ainda, o locutor aponta para a fonte das promessas, afirmando que elas surgem em cada campanha eleitoral da cidade. Também, consideramos fundamental a locução substantival *campaña electoral* nesta carta, uma vez que possui a característica de apresentar, de uma forma muito sutil, os responsáveis pela situação de Cartagena.

Além de tudo, no último enunciado identificamos a articulação de uma pergunta retórica, um mecanismo que não necessariamente tem como objetivo receber uma resposta imediata por parte do auditório. Esta figura poderia, entre outras, instaurar uma espécie de reflexão no final da carta, provocar algum tipo de questionamento no auditório, reforçar a ideia do abandono de Cartagena ou implicar diretamente o auditório. Nesse viés, a pergunta poderia fazer o auditório se questionar sobre o tema que está sendo discutido e assumir a perspectiva do locutor. Ainda, para confirmar a implicação do auditório, o locutor conjuga o verbo seguir na primeira pessoa do plural, *seguiremos*. Assim, essa conjugação comporta tanto quem profere o discurso como aquele a quem o discurso é dirigido. Dessa maneira, o verbo *seguiremos* implica que o auditório também faz parte da situação e ignora o que acontece com Cartagena.

Finalmente, observamos que quando o locutor define a outra Cartagena há uma repetição constante da estrutura sintática *la que*. De acordo com Bechara (2014), na cara há uma repetição de ideias que foram definidas pelo locutor por meio de estruturas próximas ou

semelhantes. Por conta disso, depreendemos que na carta 25C existe um paralelismo sintático. Nesse sentido, a repetição de uma estrutura cria um efeito de ênfase na posição que o locutor apresenta.

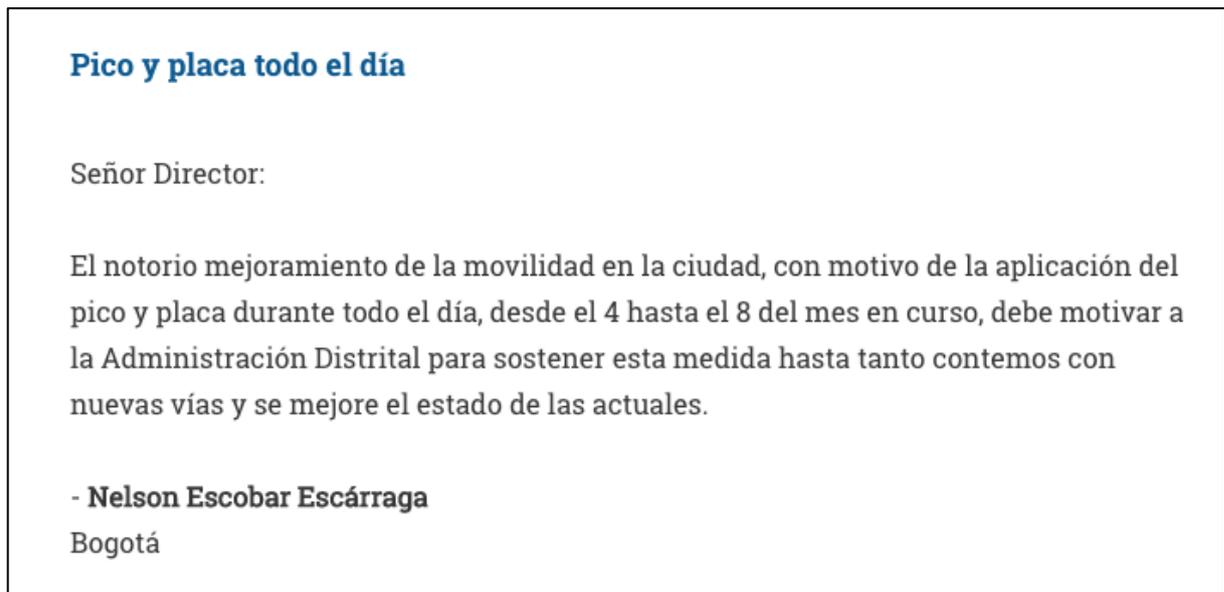
A análise dos anteriores mecanismos linguísticos nos permitiram concluir que da materialidade linguística emerge uma imagem discursiva assertiva, construída, inicialmente, por um movimento contrastivo encadeado pelo marcador discursivo *sin embargo*. Ainda, essa imagem é reforçada pela articulação de substantivos por meio dos quais se caracteriza o objeto em discussão. Além de tudo, consideramos que esse *ethos* assertivo é evidenciado na sua totalidade quando o locutor instaura uma pergunta retórica no final do seu discurso, demonstrando sua posição e implicando seu auditório.

No que respeita aos possíveis efeitos patêmicos que poderiam provocar a carta no auditório, é fundamental pensarmos em diversas possibilidades. Primeiramente, consideramos indispensável mencionarmos que o imaginário de Cartagena que possuem muitos auditórios é aquele primeiro apresentado pelo locutor: uma cidade turística e patrimônio da humanidade. Essa descrição será fundamental para a emergência de efeitos emotivos no auditório, pois percebemos que o locutor trabalha com o imaginário do senso comum.

Ao colocarmos nosso olhar na segunda definição de Cartagena, o locutor articula *pocos hablan de la otra Cartagena*. De modo que, por meio desse enunciado, o orador poderia deflagrar um possível efeito emotivo de surpresa no auditório, já que, ao enunciar *la otra Cartagena*, o locutor estaria modificando os esquemas imaginários do auditório no relacionado à representação de Cartagena e uma nova definição estaria se instaurando no imaginário do seu auditório. Ainda, acreditamos que esse efeito emotivo de surpresa se mantém até o final da carta pela maneira como o locutor caracteriza o lado da cidade que pretende apresentar. Por exemplo, por meio do enunciado como *la de la pobreza extrema* o locutor conseguiria intensificar o efeito emotivo, haja vista que Cartagena, entre outras coisas, também é sinônimo de riqueza e abundância. Lembramos que os efeitos emotivos que aqui mencionamos não podem ser interpretados como realidades vivenciadas e experimentadas pelo auditório, pelo contrário, são unicamente possibilidades discursivas.

Finalizando as análises das cartas do jornal *El Tiempo*, na sequência apresentaremos a carta 15C. Nela, o locutor assegura que a mobilidade em Bogotá tem melhorado significativamente por conta da restrição veicular. Por isto, o locutor manifesta seu desejo de que essa restrição (*pico y placa*) continue até que a cidade possua melhores estradas.

Figura 7 – Carta do leitor 15C



Fonte: Jornal *El Tiempo*.

Ao analisarmos a carta 15C, percebemos que carece de um argumento identificável, porém há uma tese que se encontra implícita e que poderia ser definida como: se deve continuar com as medidas – aplicação do *Pico y Placa*<sup>46</sup> – que melhoram a mobilidade da cidade. Na carta, o locutor disserta sobre a ideia de que a administração distrital deveria manter a restrição veicular até o estado das ruas melhorar. Não obstante, quando o locutor comenta a situação, ele não apresenta argumentos palpáveis – de acordo com a teoria de Fiorin (2017) – para defender seu ponto de vista. Por conta disso, consideramos que a carta se direciona no sentido da opinião.

Na carta 15C, para o locutor existe um notório melhoramento na mobilidade da cidade e, por conta disso, deve-se manter a restrição veicular. Essa afirmação, desde nossa perspectiva, é vista como uma opinião sobre uma situação, já que o locutor unicamente se serve do seu próprio juízo de valor para avaliar uma situação tão complexa como é a mobilidade urbana. Nesse sentido, o locutor está no campo da subjetividade o enunciado *el notorio mejoramiento* está atravessado pelos sistemas de crença do locutor. Ainda, essa

<sup>46</sup> O *Pico y Placa* é uma estratégia de restrição veicular estabelecida em Bogotá desde 1998. Essa norma de trânsito impede a circulação na área urbana de veículos privados e de serviço público em horas Pico (horários com maior fluxo no trânsito) dependendo do último número da placa do veículo. Essa medida tem como objetivo diminuir o fluxo no trânsito da cidade em horas específicas do dia. Atualmente, a restrição veicular em Bogotá, ou *Pico y Placa*, não permite a circulação de veículos cuja placa termine em 5,6,7 ou 8 na segunda-feira, por exemplo. Já na terça-feira as placas terminadas em 9, 0, 1 ou 2 não podem circular pela cidade. Cada número possui restrição duas vezes na semana. Essa medida não é implementada nos finais de semana.

opinião é relativa, já que esse julgamento poderia ter um contrário pois, diante de uma mesma situação, os indivíduos podem perceber diferentes coisas e, por isso, “fazem julgamentos que lhe são próprios: a respeito de cada coisa há pelo menos dois discursos contrários, cada um tendo sua razão de ser” (CHARAUDEAU, 2016, p. 34). Nesse sentido, o ponto de vista do locutor não é incorreto, porém, ele não apresenta dados – tais como informações estatísticas, por exemplo – para sustentar a ideia de que, efetivamente, a mobilidade melhorou com a restrição veicular.

Por conta dos fatores mencionados acima, consideramos que o discurso encontra-se no campo da opinião, pois afirmar que a mobilidade urbana melhorou, sem demonstrá-lo, é um movimento do campo da subjetividade que depende unicamente de uma perspectiva pessoal e individual, condicionada pelos sentimentos do sujeito, mas que não é fundada no objeto. Nesse viés, a afirmação do locutor pertence ao domínio da sua consciência, pois é baseada na sua interpretação individual e não pode ser validada. Assim, a carta 15C representa um dos motivos que nos levou a desenvolver esta pesquisa: a tendência a confundir argumentação com opinião. Como foi mencionado, a carta não possui características que nos levem a identificar um tipo de argumento específico.

Ao analisarmos a materialidade, outro aspecto que chamou nossa atenção foi a extensão do discurso. Como pode ser percebido, a carta é composta unicamente por um enunciado que possui um inciso. Dessa forma, ao analisar o conteúdo e a extensão do discurso, cria-se um efeito de sentido de legalidade, pois além de não apresentar argumentos para defender sua tese, o locutor mobiliza um único enunciado para persuadir seu auditório. Por conta disso, o discurso possui uma semelhança com o estilo de documentos oficiais.

Ao analisarmos o título da carta, identificamos uma frase nominal, ou seja, um grupo de palavras cujo núcleo está conformado por um substantivo – *Pico y placa* – e modificadores diretos – *todo el día* –. Nesse sentido, observamos que existe uma elipse verbal que poderia ser interpretada como um mecanismo que lhe da brevidade, objetividade e impessoalidade ao título, sem implicar o locutor. Por conta disso, acreditamos que ao articular uma frase nominal como título da carta cria-se um efeito de sentido de imediatez.

No primeiro enunciado, o locutor articula o adjetivo *notório* que, por sua vez, qualifica o substantivo *mejoramiento*. Neste caso, o adjetivo indica que existe um melhoramento evidente, claro ou relevante no que respeita à mobilidade urbana. Além disso, por meio desse adjetivo o locutor se posiciona, positivamente, diante das melhorias no trânsito da cidade.

Outro adjetivo empregado pelo locutor, no final da carta foi *nuevas*, que qualifica o substantivo *vías*. Neste caso, o adjetivo possui a função de colocar em evidencia uma

qualidade. Ou seja, pelo fato do locutor colocar primeiro o adjetivo e depois o substantivo, cria-se um efeito de sentido no qual valoriza-se mais a qualidade do substantivo. Dessa forma, a colocação – adjetivo-substantivo – indicaria que o locutor está enfatizando na ideia de que as estradas (*vías*) devem ser novas.

No que tange aos verbos articulados na carta, começaremos discutindo a perífrase verbal *debe motivar*. Salientamos que na língua espanhola as perífrases verbais são construções gramaticais que possuem dois ou mais verbos que funcionam como um só. Dessa forma, a perífrase constituída pelo verbo *deber* mais outro verbo indica obrigação. Assim, o locutor da carta afirma que a administração distrital tem a responsabilidade ou a obrigação de manter a medida da restrição veicular em vista do melhoramento no trânsito, percebido pelo locutor. Por conta disso, acreditamos que a articulação desse verbo modal lhe dá ao enunciado um tom de autoritarismo.

Outro verbo que nos dá indícios de uma possível imagem panfletária que emerge da materialidade é o verbo *sostener*, que indica que a restrição veicular deve continuar. Dessa forma, o verbo serve para que o locutor instaure seu desejo de que a administração continue com o plano. O verbo *sostener*, na língua espanhola, também cria um efeito de sentido de manter, já que ele indica que algo que foi iniciado no passado deveria continuar no presente.

Também, o locutor empregou o verbo melhorar (*mejorar*) na terceira pessoa do singular de forma reflexiva. *Mejorar* indica que algo – neste caso as ruas – encontra-se em uma situação desfavorável e precisam de aperfeiçoamento. Dessa forma, o locutor afirma que as ruas da capital precisam de uma reforma e, para isso, conjuga o verbo *mejorar* de forma impessoal. Destacamos que pela maneira como o locutor conjugou o verbo, ele não aponta para os responsáveis pelo melhoramento das estradas da capital. Por conta disso, acreditamos que funcionaria como uma estratégia do locutor para não mencionar os encarregados pelas ruas da cidade. Ainda, destacamos que por meio da impessoalização instaurada no verbo *se mejore* o locutor estaria enfatizando nos fatos e não nos agentes, sendo que essa colocação reforça o efeito de sentido de legalidade que possui a carta.

No final da carta, o locutor articula o enunciado *hasta tanto contemos con nuevas vías y se mejore el estado de las actuales* para delimitar o tempo que estaria vigente a restrição veicular. Percebemos que, semanticamente, o enunciado é amplo e vago, pois o locutor não indica com exatidão um limite para a media de restrição. Nesse sentido, quando o locutor enuncia *hasta que contemos* não estaria indicando um limite objetivo, pois não articula possíveis datas ou encarregados do melhoramento das estradas. Por conta disso, depreendemos que esse enunciado provoca um efeito de sentido de orientação em um

contexto delimitado, pois há uma condição explicitada para que uma ação aconteça – manter o *Pico y Placa* até que as ruas sejam melhoradas.

Além disso, o locutor articula um último verbo na sua carta conjugado na primeira pessoa do plural, *contemos*, que é sinônimo de possuir ou ter. Nesse sentido, por meio da terceira pessoa do plural o locutor estaria implicando o auditório no seu discurso. Dessa forma, *contemos* indica que tanto locutor como interlocutor compartilham do desejo de ter melhores estradas. Por outro lado, o modo verbal também nos ajuda a comprovar o desejo expressado pelo locutor, já que o verbo está conjugado no presente do subjuntivo, um modo que, entre outras coisas, serve para expressar querer ou vontade.

A análise dos anteriores mecanismos linguísticos nos permitiu concluir que da materialidade linguística emerge uma possível imagem discursiva panfletária. O primeiro indício que identificamos dessa imagem discursiva foi a extensão da carta, pois ela só apresenta um enunciado de curta extensão que mobiliza a tese do locutor, criando um efeito de brevidade. Ainda, identificamos que o locutor articula termos positivos como *notorio* ou *mejoramiento*, que lhe dão ao discurso um tom de eficiência informativa, sendo esta uma das principais características dos panfletos. Também, esse *ethos* panfletário é visualizado na sua totalidade quando o locutor implica seu interlocutor por meio do verbo *contemos*, que poderia incluir um grande auditório.

No que tange aos possíveis efeitos patêmicos que a carta poderia provocar, é fundamental lembramos que Bogotá é uma cidade com sérios problemas no trânsito. Nesse patamar, ao enunciar uma expressão como *El notorio mejoramiento de la movilidad en la ciudad*, o adjetivo sublinhado seria capaz, por exemplo, de deflagrar um efeito emotivo de questionamento se o auditório em questão possui uma representação negativa da mobilidade na cidade. Destacamos que *notorio* indica que algo é reconhecido por todos, quase evidente. Nesse viés, ele poderia provocar uma quebra na representação que o auditório possui em relação à mobilidade na capital. Por conta disso, consideramos que a subjetividade do locutor instaurada no termo poderia ser uma possível deflagradora indignação.

Em geral, percebemos que as cartas do jornal *El Tiempo* compartilham algumas características, por exemplo, a tendência de iniciar a carta por meio de orações subordinadas, incisos e enunciados de longa extensão. Ainda, percebemos que os marcadores discursivos são recorrentes, possivelmente pela liberdade de extensão na carta que possuem os locutores. No que se refere ao *logos*, nas cartas colombianas há um equilíbrio entre os tipos de argumentos, pois foram identificados 6 argumentos *quase lógicos*, 5 que *se fundamentam na estrutura do real* e 7 que *fundamentam a estrutura do real*. Esses dados serão fundamentais

para discutir a existência de uma possível imagem coletiva dos locutores do jornal *El Tiempo*.

Ainda, percebemos que os locutores colombianos mobilizam uma variedade de temáticas discursivas que abrangem problemáticas sociais, dos mais variados níveis, que permeiam a sociedade colombiana. Nesse sentido, a análise do *logos* nos permitiu observar que os locutores do jornal *El Tiempo* orientam suas cartas para auditórios universais, ou seja, as teses são defendidas por meio de argumentos orientados à adesão tanto de auditórios que já compartilham determinada tese como daqueles que, por acaso, lhe sejam contrária. Nesse sentido, parece-nos que os locutores das cartas colombianas pretendem construir soluções comuns às problemáticas que emergem em determinado espaço social, colocando os locutores no campo do consenso.

Nesse patamar, salientamos que a *Nova Retórica* “não se interessa pelo raciocínio que se desenvolveria de modo autônomo na mente do sujeito [...] mas pelo raciocínio que visa ao acordo” (AMOSSY, 2017, p.21). Por conta disso, depreendemos que a busca pelo consenso está, entre outras, relacionada com questões sociais, como evidenciado nas cartas do jornal *El Tiempo*. A análise do *logos* nos permitiu evidenciar que as cartas colombianas parecem querer promover uma espécie de diálogo no qual os envolvidos estão comprometidos com a busca do acordo baseado na análise dos prós e os contra. Dessa forma, percebemos que os locutores colombianos buscam, por meio do *logos*, conduzir suas cartas a uma adesão dos espíritos, sendo essa a natureza da argumentação, de acordo com Perelman e Tyteca (2014). Depreendemos, então, que os locutores colombianos buscam influenciar os modos de pensar e de ver por meio das suas cartas.

Por sua vez, no relacionado ao possível perfil de *ethos* discursivo que emerge da materialidade linguística, consideramos que a análise nos permitiu identificar recorrências linguísticas particulares que permeiam a totalidade das cartas do jornal *El Tiempo* e que poderiam auxiliar-nos no esboço de uma possível imagem coletiva dos locutores. É fundamental salientarmos que, nesta pesquisa, referimo-nos ao *ethos* coletivo como a imagem de si de uma parcela representativa da sociedade vinculada à ideologia do jornal, e não como uma imagem nacional. Nesse sentido, ao analisarmos as cartas colombianas, identificamos uma tendência expressiva ao uso de marcadores discursivos e substantivos próprios. Esses dois elementos, em concomitância com outros de menor repetição, serão fundamentais para discutirmos a possível existência de um *ethos* coletivo na última seção deste capítulo.

No que se refere aos efeitos patêmicos, a análise nos permite evidenciar que as cartas do jornal *El Tiempo* poderiam provocar efeitos emotivos da ordem da indignação, do engajamento, de denúncia, entre outros. De acordo com Moura (2010), existe um conjunto de

fatores que precisam ser levados em conta para que um elemento da linguagem possa ser considerado como um índice de patemização, dentre eles os saberes de crença ou elementos da *doxa*. Nesse sentido, os efeitos patêmicos que identificamos no nosso *corpus* de pesquisa seriam o resultado de somar recursos linguísticos, a predisposição do dispositivo comunicacional e os elementos dóxicos da sociedade colombiana.

Para dar continuidade, a seguir apresentaremos a análise das cartas do jornal *Folha de S. Paulo* conservando o mesmo esquema de apresentação: um breve resumo da carta e o *print* com o tipo de argumento sublinhado. Em seguida, identificaremos e analisaremos o(s) tipo(s) de argumento(s) identificado(s) na materialidade para, na sequência, identificar e analisar os mecanismos linguísticos que nos permitirão esboçar o perfil de *ethos* que emerge de cada carta. Para finalizar, caracterizaremos os diversos componentes *dóxicos* susceptíveis a provocar efeitos patêmicos na instância do discurso. A seguir, apresentamos a análise das *cartas do leitor* 6B, 16B, 17B, 22B, 23B, 25B e 20B<sup>47</sup>.

### 4.3 ANÁLISE DAS CARTAS DO LEITOR DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO

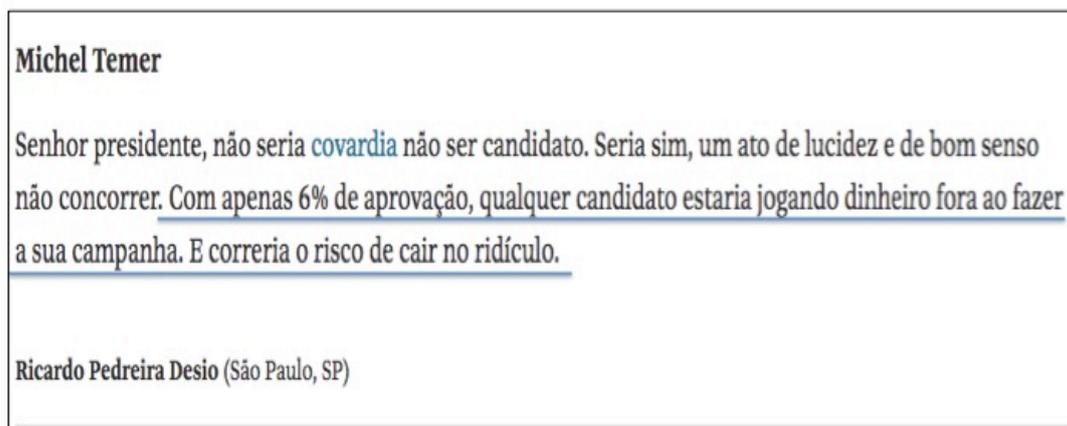
Para dar sequência a nossa pesquisa, nesta seção apresentaremos a análise de sete cartas publicadas pelo jornal *Folha de S. Paulo*. Como mencionado na metodologia, primeiro apresentaremos um breve resumo da carta acompanhado pelo o *print* de tela. Logo, executaremos os três momentos analíticos que foram expostos no quadro 2, da seção 3.3.

A seguir, analisaremos a carta 6B na qual o locutor se posiciona, desfavoravelmente, diante a possível candidatura à presidência do ex-presidente brasileiro Michel Temer. Para alcançar seu objetivo argumentativo o locutor apresenta sua tese, de maneira explícita, para depois defendê-la por meio de um argumento pelos fatos, o qual pertence ao grupo dos argumentos *que se fundamentam na estrutura do real*.

---

<sup>47</sup> Salientamos que as análises das cartas do leitor do jornal *Folha de S. Paulo* serão apresentadas em ordem crescente. Porém, a carta 20B será apresentada no final por causa do movimento argumentativo particular nela identificado.

Figura 8 – Carta do leitor 6B



Fonte: Jornal *Folha de S. Paulo*. Grifos nossos.

Ao analisarmos a carta 6B, percebemos que o locutor a articula em duas partes: uma tese e o argumento com o qual defende seu ponto de vista. Na materialidade linguística, de maneira explícita, o locutor coloca a tese que pretende defender no início da carta: *Senhor presidente, não seria covardia não ser candidato seria sim, um ato lucidez e de bom senso não concorrer.*

No intuito de defendê-la, o locutor emprega um argumento pelos fatos, sublinhado na cor azul. Desde um ponto de vista argumentativo, “um mesmo acontecimento será interpretado, e valorizado diferentemente, conforme à ideia que se forma da natureza, deliberada ou involuntária, de suas conseqüências” (PERELMAN e TYTECA, 2014, p. 308). Nesse patamar, podemos inferir que o locutor, por meio de um fato concreto, neutral, objetivo e incontestável (a baixa aprovação), já possui uma previsão negativa das conseqüências (perder dinheiro na campanha e o ridículo). Além disso, colocar a porcentagem no argumento, 6%, lhe dá ao discurso um efeito de sentido de objetividade. Por isso, depreendemos que a articulação do argumento pelos fatos cria um efeito de sentido de objeção a qualquer argumento contrário e, conforme Fiorin (2017, p. 159), “há um provérbio, em português, que diz que contra fatos não há argumentos”. Ainda, salientamos que no enunciado essa relação causa-conseqüência se forma por meio da articulação de uma vírgula. Entretanto, acreditamos que, além de separar as duas unidades, ela lhe dá ênfase à possível conseqüência.

No que se refere aos mecanismos linguísticos articulados na carta, iniciaremos analisando o nome próprio articulado no título da carta. Como afirmam Menegassi e Alfonso (2000), na articulação do discurso, o título tem uma função estratégica, devendo ser uma síntese precisa do texto que será apresentado. Dessa forma, o título dá indícios do texto,

estabelece relações entre informações textuais e extratextuais e, ainda, despertaria o interesse de um possível auditório, orientando-o para a interpretação do texto.

Também, o título pode funcionar como um anúncio de uma informação que será apresentada no texto, por isso, consideramos que “não é mero recurso artificial, mas é chave de decodificação do texto se convenientemente proposto” (Guimarães, 1990, p. 51). Assim, ao analisar a carta 6B, percebemos que o título possui um segundo papel, pois além de estar articulado para desempenhar as funções já mencionadas, também serve para criar um efeito de sentido de *carta pessoal*. Ainda, esse efeito poderia ser intensificado pelo vocativo *Senhor presidente* no início do primeiro enunciado. Essa unidade do discurso não possui uma relação sintática com outros termos, ou seja, não pertence nem ao sujeito nem ao predicado. Porém, têm a função de chamar ou interpelar o sujeito ao qual é direcionada a carta. Nesse sentido, ao articular o vocativo *Senhor presidente*, o locutor estaria direcionando sua carta, também, para um auditório específico, o ex-presidente Michel Temer.

Em seguida, destacamos o emprego de três substantivos. O primeiro deles, *covardia*, é um substantivo que possui uma carga semântica negativa e diz respeito a um determinado comportamento que poderia indicar falta de coragem. Não obstante, o substantivo *covardia* foi articulado no meio de dois advérbios *não* (*não seria covardia não...*), essa colocação cria um efeito de sentido enfático na ideia de que desistir da candidatura presidencial seria um ato de bem visto. Tal efeito é confirmado no momento em que o locutor afirma que não concorrer à presidência seria um ato de *lucidez* e de *bom senso*, sintagmas adjetivais que estão relacionados com o bom uso das faculdades mentais. Dessa forma, essa colocação enfatiza na importância de conhecer o momento para tomar uma boa decisão. Além disso, os substantivos *covardia* e *senso comum* possuem relevância na sociedade brasileira. O primeiro está relacionado com o medo de enfrentar um obstáculo. No entanto, de acordo com o locutor, não se candidatar não estaria sendo interpretado como uma atitude que demonstraria medo de parte dele, mas sim como algo que é compatível com o que a sociedade espera, ou seja, o bom senso, estabelecendo uma relação de mutualidade.

No início do argumento, o locutor apresenta a porcentagem de aprovação presidencial, 6%, antecedida pelo advérbio *apenas*. Essa colocação cria um efeito de sentido de pouco ou extremadamente baixo, pois o advérbio, nesse enunciado, tem um sentido de “unicamente” ou “só”. Ainda, pela posição de *apenas*, ele limita a porcentagem e permite que se instaure um efeito de sentido de insuficiência. Na sequência, destacamos a articulação do pronome indefinido *qualquer*, diante do substantivo masculino *candidato*, no enunciado *qualquer candidato estaria jogando o dinheiro fora ao fazer a sua campanha*. Ao articular o termo

*qualquer*, o efeito gerado é de imparcialidade, tendo em vista que menciona o fato de, independente de quem fosse, não deveria, no caso de baixa aprovação, se candidatar. Agindo dessa maneira, o locutor evita atacar diretamente a figura do ex-presidente e se coloca em uma posição na qual a decisão de se candidatar deveria ser tomada segundo os números que demonstram o nível de aprovação.

Ainda, o locutor utiliza a locução verbal *estaria jogando dinheiro fora*, enfatizando que esse desperdício traria consequências negativas na situação econômica de Michel Temer ao concorrer à presidência. Destacamos que o uso da expressão *jogar dinheiro fora* dá à carta um tom de informalidade, pois, pela importância do assunto que está sendo tratado – e pelo destinatário da carta – espera-se o emprego de uma expressão do registro formal como, por exemplo, *desperdiçando o capital*. Além disso, a locução verbal *estaria jogando dinheiro fora* serve como um mecanismo linguístico para criar certo nível de proximidade entre o locutor, Michel Temer e o auditório.

No final da carta, o locutor menciona a possível consequência que o ex-presidente teria ao ignorar os números que medem sua aprovação, apontando para o risco de cair no ridículo, caso concorra. Essa consequência foi articulada como um único enunciado. Cabe destacar que, ao empregar o marcador discursivo aditivo *E*, no início do enunciado, reforça a relação de causa – *ignorar o nível de aprovação* – e consequência – *cair no ridículo*. Também, o articulador do discurso *E*, no início do enunciado, cria um efeito de sentido de continuidade relacionado com o que vem sendo exposto. Por sua vez, o adjetivo *ridículo* permite, ainda, uma tentativa de proximidade entre o locutor e o destinatário, já que ao se dirigir a um presidente da República, não é de costume utilizarmos um adjetivo pejorativo como o que foi empregado pelo locutor.

Entendemos que cada vez que proferimos um discurso, seja na modalidade oral ou escrita, estamos, simultaneamente, criando uma imagem de si construída pela maneira como o articulamos. A análise dos principais mecanismos linguísticos, articulados na carta 6B, nos permite evidenciar que o locutor, desde o princípio, busca aproximar-se do auditório e cria uma imagem de si conselheira, pois é enfático na ideia de que não concorrer à presidência seria um ato sensato, inteligente e de senso comum. Ao empregar os termos *lucidez* e *bom senso*, no final do enunciado, o locutor deixa indícios que nos permitem evidenciar um possível *ethos* conselheiro de tendência racional. Essa a imagem discursiva emerge, ganha força e se instaura no discurso por causa dos adjetivos, os marcadores discursivos, os substantivos e os demais mecanismos analisados. Ainda, no último enunciado, essa imagem é reafirmada pela articulação do conector aditivo *E* que nos leva a confirmar a tendência

conselheira do locutor, pois a maneira como foi utilizado gera um efeito de sentido de “sugestão” ou “recomendação”.

Neste momento, convém mencionarmos que, ainda que a carta seja articulada como se fosse encaminhada ao ex-presidente Michel Temer, possui a característica de provocar possíveis efeitos emotivos em quaisquer auditório. Em virtude disso, acreditamos que ao enunciar *E correria o risco de cair no ridículo*, o locutor seria capaz de deflagrar um efeito emotivo de estranhamento diante da lógica, já que o ex-presidente obteve baixa popularidade desde que assumiu, por meio do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, o cargo de presidente da República, em 2016. Ainda, o adjetivo *ridículo* possui a função de convocar outros adjetivos circunscritos pelo adjetivo como “cômico”, “caricaturesco” ou “engraçado”.

A seguir, apresentaremos a análise da carta 16B, na qual o locutor se posiciona diante do editorial “Desgaste em série”, afirmando que a *Folha* se equivoca ao considerar correta a decisão do Supremo que proíbe a prisão do ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva. Chama nossa atenção que na carta 16B, contrário da carta 6B, carece de um componente, o título. Pela forma de publicação da *Folha de S. Paulo*, algumas vezes várias cartas são agrupadas sobre um mesmo título, por isso, acreditamos que a carta 16B encontrava-se com outras cartas que possuíam um título em comum. Além disso, essa ausência é fundamental para refletirmos sobre o papel do jornal na edição das cartas.

Figura 9 – Carta do leitor 16B

A **Folha** acerta mas também erra no editorial “Desgaste em série” ao considerar correta a concessão pelo Supremo de liminar que proíbe a prisão de Lula. Quantas centenas de cidadãos estão trancafiados for falta de “prestação jurisdicional” (para usar a expressão de Lewandowski)? Para essa justiça molenga, covarde, ineficaz, perdulária, milionária e desconectada da realidade, Lula é mais cidadão que todos os cidadãos deste país.

Nuno M. M. Martins (Barueri, SP)

Fonte: Jornal *Folha de S. Paulo*. Grifos nossos.

Na carta, evidenciamos que o locutor elabora seu discurso por meio de um argumento *quase lógico*, sublinhado em azul, no intuito de aderir um auditório à sua tese, a qual está implícita no início da carta: *A Folha acerta mas também erra no editorial “Desgaste em série” ao considerar correta a concessão pelo Supremo de liminar que proíbe a prisão de*

*Lula.*

Uma vez apresentada a tese, identificamos a articulação do argumento a *pari* ou a *simili* (argumento por semelhança), também conhecido como a regra da justiça, pertencente aos argumentos *quase lógicos*. Conforme Fiorin (2017), esse tipo de argumento postula que casos semelhantes devem ser tratados de maneira semelhante. Por isso, os argumentos a *pari* também se caracterizam pela oposição exagerada à expressão popular “dois pesos e duas medidas”, que diz respeito a situações similares, tratadas de formas completamente diferentes.

No campo do Direito, a regra da justiça prega que a mesma regra deve ser aplicada a todos aqueles que se encontram em uma situação similar. Assim, esse tipo de argumento encontra um certo suporte legislativo segundo o artigo 5º da Constituição Federal, que estabelece que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito da vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”<sup>48</sup>.

No argumento a *pari*, o locutor cria duas partes e exige que sejam tratadas da mesma maneira. Por um lado, o ex-presidente Lula representa a primeira das duas partes, sendo que a outra é conformada pelos cidadãos que também estão trancafiados em algum tipo de processo judicial. Dessa forma, o locutor insinua que existiu um tratamento diferencial para o ex-presidente e que o artigo número 5º da Constituição Federal não está sendo seguido. Na sequência, para reforçar o argumento a *simili*, o orador afirma que, para a justiça brasileira, a parte representada pelo ex-presidente Lula é mais cidadã que os outros brasileiros e, por isso, recebe um tratamento diferencial, sugerindo que a justiça caiu na expressão popular “dois pesos e duas medidas”.

A carta 16B, contrário da carta 6B, carece de um componente, o título. Pela forma de publicação da *Folha de S. Paulo*, algumas vezes várias cartas são agrupadas sobre um mesmo título, por isso, acreditamos que a carta 16B encontrava-se com outras cartas que possuíam um título em comum. Além disso, essa ausência é fundamental para refletirmos sobre o papel do jornal na edição das cartas, pois o título que é enviado pelo locutor poderia sofrer alterações significativas. Nesse sentido, possuímos um indício para discutirmos o papel do jornal como coautor discursivo, pois uma vez que o jornal decide realizar uma modificação à materialidade discursiva, ela seria o produto de dois autores diferentes, o locutor e o jornal.

Ao tomar a palavra, na modalidade escrita, o orador articula sua carta em duas partes diferentes. Na primeira, introduz de forma explícita sua tese de que a *Folha* acerta e erra ao

---

<sup>48</sup> Raciocínio formulado a partir dos direitos estabelecidos pela constituição da República federativa do Brasil de 1988. Para maiores informações visitar: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>

concordar com a decisão do Supremo. Dessa parte, destacamos o tratamento que o locutor faz do jornal, pois o cita simplesmente como “a Folha”, sem articular alguma forma de tratamento como poderia ser “o jornal *Folha de S. Paulo*”, ou “o reconhecido jornal *Folha de S. Paulo*”. Com isso, o locutor refere-se o meio de comunicação de uma forma muito íntima, criando um efeito de sentido de proximidade entre jornal-locutor-auditório, efeito que poderia ser entendido como uma crítica ao jornal, pois quando o locutor prescinde das formas de tratamento, deixa transparecer seu possível objeção pela posição do jornal no editorial.

Na sua tese, o orador insere uma espécie de paradoxo no início da carta por meio da expressão “acerta mas também erra”. Percebemos que locutor coloca o jornal em uma posição dividida por meio de dois verbos transitivos (acertar e errar) que, no enunciado, foram articulados como intransitivos. Esses dois verbos constituem uma antítese, ou seja, uma figura da linguagem que consiste em opor duas ideias por meio de palavras antônimas ou de enunciados contrários. Nesse sentido, essa colocação deixa transparecer uma imagem de incoerência.

Posteriormente, o orador insere uma pergunta retórica, quiçá, no intuito de instaurar uma espécie de reflexão no meio da carta, gerar algum tipo de questionamento no auditório, reforçar a ideia da falta de prestação jurisdicional no Brasil ou implicar diretamente seu auditório. Destacamos que esse mecanismo é fundamental para que o locutor consiga persuadir o interlocutor sobre a incorreta decisão do Supremo, pois a pergunta retórica lhe permite instaurar uma espécie de reflexão a fim de conseguir a adesão do auditório. Além disso, essa figura permite que o locutor, simultaneamente, faça uma crítica ao sistema jurídico brasileiro e estimule a reflexão no auditório.

Interessamo-nos pelo fato do locutor, ao citar uma expressão do ministro Ricardo Lewandowski na pergunta retórica, colocar a locução nominal *prestação jurisdicional* entre aspas. Esse sinal de pontuação usa-se para ressaltar uma parte do enunciado, distinguindo-a do restante. Neste caso, consideramos que elas possuem uma dupla função. A primeira, como afirmou o locutor, é indicar a fala do *outro*, ou seja, do ministro Lewandowski. Por sua vez, a segunda função das aspas é permitir-lhe ao locutor insinuar que a prestação jurisdicional existiu, mas, em virtude de se tratar do ex-presidente Lula da Silva, ela aconteceu de forma “privilegiada” ou “diferente” da do restante da população que se encontra na mesma situação.

No que tange aos adjetivos utilizados na carta, o locutor emprega um pejorativo do registro informal (*molenga*), quatro do registro formal (*covarde*, *ineficaz*, *perdulária*, *milionária*) e uma locução adjetival (*desconectada da realidade*), articulados em uma escala gradativa. Nesse viés, os adjetivos, que representam o subjetivo do locutor, foram colocados

em uma escala crescente em direção a um clímax. Por conta disso, esses adjetivos lhe dão ênfase à descrição que o locutor faz da justiça brasileira e, ao mesmo tempo, criam um efeito de sentido de intensidade.

Ainda, ressaltamos que o locutor articulou em três momentos o substantivo cidadão, que diz respeito a alguém que faz parte de um estado, tem seus direitos civis e políticos garantidos, tendo de respeitar os deveres que lhe são conferidos. A inserção desse termo poderia ser interpretada como uma estratégia argumentativa por parte do locutor para acentuar que todos, perante a lei, somos cidadãos, logo deveríamos receber a mesma prestação jurisdicional e, ainda, lhe dá um tom de objetividade ao discurso. Nesse sentido, o termo *cidadão* reforça a ideia de que Lula da Silva recebeu um tratamento preferencial e isto não acontece com outros indivíduos da sociedade brasileira.

A análise dos principais mecanismos linguísticos da carta nos permite evidenciar que encontramos-nos diante de uma imagem discursiva dividida de tendência à indignação, pois percebemos que, desde o início do discurso, o locutor se insere em uma encruzilhada por meio da antítese *acerta mais também erra*. Por sua vez, a tendência à indignação mostra seus primeiros sinais no uso das aspas na locução nominal *prestação jurisdicional* e evidencia-se na sua íntegra na escala gradativa formada pelos adjetivos.

No que se refere aos possíveis efeitos patêmicos provocados pela carta, consideramos a pergunta retórica o mecanismo mais relevante para produção de um possível efeito emotivo de indignação. Ao enunciar *Quantas centenas de cidadãos estão trancafiados por falta de “prestação jurisdicional[...]”*? o locutor seria capaz, por exemplo, de deflagrar um efeito de indignação se o auditório possui uma representação desfavorável acerca do objeto discursivo – a decisão do Supremo de liminar a prisão de ex-presidente –. Ainda, a hipérbole poderia ser outro elemento encarregado de dar intensidade a esse possível efeito emotivo, já que ela exagera, intencionalmente, uma ideia com um objetivo expressivo. Nesse sentido, a hipérbole poderia ser considerada como um intensificador do efeito emotivo de indignação em virtude da ênfase dada à ideia de que existem “centenas” de brasileiros que ainda não receberam prestação jurisdicional da mesma maneira que o ex-presidente Lula da Silva. Por conta disso, poderia criar-se uma atmosfera de injustiça e de cólera se considerarmos que a Constituição Brasileira prega a igualdade de todos perante a lei.

Importante salientarmos que, segundo Charaudeau (2010), não se pode estudar a emoção como uma realidade vivenciada pelo sujeito, mas como um efeito visado sem a garantia de que ele seja produzido. Por conta disso, o efeito patêmico de indignação que identificamos poderia não surtir efeito em todos os leitores da carta 16B, levando em conta

que não estudamos as emoções como uma realidade mas, como um simulado discursivo.

A seguir, apresentaremos a análise da carta 17B, do jornal *Folha de S. Paulo*, na qual o locutor se posiciona diante do *Dia Internacional da Mulher* e as celebrações realizadas no Brasil para comemorar essa data.

Figura 10 – *Carta do leitor 17B*

<p><b>Dia da Mulher</b></p> <p>Não queremos um dia para ser estampado nas capas dos jornais, queremos respeito todos os dias. Não queremos um dia para se colocarem cílios em semáforos e laços rosa em ônibus, queremos políticas públicas que garantam igualdade e dignidade todos os dias. Não queremos um dia para receber flores e palavras gentis, queremos reconhecimento e oportunidade igualitária de trabalho todos os dias. Contra um dia no calendário. A favor das mulheres, todos os dias.</p> <p><b>Marina Faraco</b> (São Paulo, SP)</p>
--

Fonte: Jornal *Folha de S. Paulo*.

Ao analisarmos a carta 17B, cujo tópico principal é a igualdade das mulheres, percebemos que o locutor apresenta uma tese explícita – *Contra um dia no calendário. A favor das mulheres, todos os dias* – e a defende por meio da dissociação, ou seja, separa ideias que aparecem em pares hierarquizados. De acordo com Perelman e Tyteca (2014), a dissociação pressupõe a unidade primitiva dos elementos confundidos no seio de uma mesma concepção, designados por uma mesma noção. Ainda, os autores acrescentam, “a dissociação das noções determina um remanejamento mais ou menos profundo dos dados conceituais que servem de fundamento para a argumentação” (PERELMAN e TYTECA, 2014, p. 468). Depreendemos que na carta o locutor, para articular seu discurso, emprega a dissociação de noções do tipo distinção, que “expõe uma inadequação evitando que se misturem alhos e bugalhos” (FIORIN, 2017, p. 197). Nesse sentido, o locutor pretende fazer uma distinção entre as atividades que se realizam para festejar o *Dia internacional da Mulher* e o que as mulheres realmente anseiam.

A tese apresentada pelo locutor é defendida por meio de três enunciados – cujos verbos estão no presente do indicativo – que possuem, como característica principal a repetição da estrutura sintática. Dessa forma, o locutor, no intuito de expressar o seu desejo, utiliza a estrutura *Não queremos* três vezes. Tal movimento argumentativo cria um efeito de sentido de reivindicação, pelo fato do discurso possuir um tom repetitivo. Ainda, percebemos que o locutor, ao empregar a repetição como mecanismo argumentativo, cria um discurso que tem certa semelhança com as arengas escutadas em protestos sociais.

Ao analisarmos o título da carta, identificamos a articulação de uma locução substantival. Consideramos que essa escolha é clara, breve e concisa, pois lhe dá personalidade à carta e, ao mesmo tempo, apresenta indício sobre o assunto que vai ser abordado. Ainda, destacamos que ao articular unicamente um nome próprio, o título cria um efeito de sentido de verbete, como se o corpo da carta fosse dar uma definição do que é esse substantivo.

Linguisticamente, o primeiro ponto que precisamos destacar é o uso repetitivo do advérbio *não* acompanhado do verbo *querer* conjugado na primeira pessoa do plural. Segundo Bechara (2014, p. 72), o advérbio “é a expressão modificadora do verbo, que, por si só, denota uma circunstância [...] e desempenha na oração a função de adjunto adverbial”. Nesse viés, é conveniente destacarmos que o locutor emprega um advérbio que, segundo as gramáticas tradicionais da língua portuguesa, é considerado como o único advérbio de negação. Também, a negação por meio do advérbio *não* permite que o locutor enfatize as circunstâncias às quais se opõe (um dia para ser estampado nas capas dos jornais, laços rosas em ônibus, etc.) e, ainda, a negação permite que o discurso ganhe um tom de reivindicação contra as manifestações típicas do *Dia Internacional da Mulher*.

Da mesma forma, evidenciamos o uso expressivo da locução adverbial de tempo *todos os dias*. Como mencionado anteriormente, as locuções adverbiais são expressões conformadas por uma ou mais palavras que, no enunciado, exercem a função de advérbio. Ainda, destacamos que ela possui uma função dupla na carta. A primeira relaciona-se com a sua posição sintática, haja vista foi articulada no final de quatro enunciados e, por conta disso, acreditamos que sua função é dar ênfase ao parecer do locutor, ou seja, que os direitos das mulheres devem ser evidenciados todos os dias da semana.

A segunda função do *todos os dias* relaciona-se com um movimento contrastivo, já que o locutor coloca em oposição *um dia do calendário* e *todos os dias*. Nesse sentido, essa oposição serve para reafirmar a desigualdade na qual encontram-se as mulheres. Ao enunciar *um dia no calendário* o locutor estaria apontando para o fato de que, na sociedade atual, as mulheres possuem um dia para serem homenageadas por meio de ações que não refletem seus verdadeiros desejos – igualdade. Nesse patamar, essa colocação de contraste cria um efeito de sentido de disparidade e injustiça.

Outro fator sobressaliente é a marca de pessoa explícita na materialidade, pois, ao conjugar o verbo *querer* na primeira pessoa do plural, o locutor se insere como participante da instância do discurso, criando certa proximidade com um interlocutor específico: as mulheres. Desse modo, o verbo *querer* conjugado na primeira pessoa do plural permite que o locutor se coloque diante de uma temática polêmica – o *Dia da Mulher* – e, concomitantemente, inclu

no seu discurso a voz de outras mulheres. Nesse viés, consideramos que a marca de pessoa instaurada no verbo *queremos* cria um efeito de sentido de representatividade por parte do locutor. Em outras palavras, depreendemos que, por meio da primeira pessoa do plural, o locutor se coloca como um porta voz no discurso. Ainda, apontamos para o fato da carta apresentar um paralelismo sintático, já que observamos uma repetição de termos e uma semelhança nas estruturas sintáticas no decorrer do discurso que, do mesmo modo, estão nos enunciados dos protestos sociais<sup>49</sup>.

No que concerne aos substantivos articulados na carta, destacamos *respeito, políticas públicas, igualdade, dignidade, reconhecimento e oportunidade igualitária*. O primeiro, *respeito*, é um substantivo que está relacionado ao sentimento que leva alguém a tratar outra pessoa com consideração ou reverência. Por sua vez, o substantivo composto *políticas públicas* relaciona-se aos programas, ações e decisões tomadas pelo governo que visam assegurar o direito da cidadania ou de determinado segmento social<sup>50</sup>. Dessa forma, o locutor manifesta seu desejo para que sejam implementadas políticas públicas que priorizem a *igualdade* e a *dignidade* das mulheres. Logo, compreendemos que esses seis substantivos pertencem ao mesmo campo lexical, ou seja, os direitos das mulheres. Nesse viés, o expressivo número de substantivos relacionados aos direitos das mulheres fornece-nos indícios que nos auxiliam no esboço de uma possível imagem discursiva manifestante.

A análise dos principais mecanismos linguísticos da carta nos permite evidenciar que encontramos-nos diante de uma imagem discursiva manifestante. Essa imagem é formada a partir da repetição da fórmula *não queremos X mas Y todos os dias*. Assim, por meio dessa regra, que remete aos cartazes de manifestações na rua, um *ethos* discursivo que está em contra da desigualdade de gênero e busca a reivindicação emerge do discurso. Ainda, destacamos que essa imagem discursiva se torna mais evidente pelo paralelismo sintático.

Dando sequência aos momentos analíticos mencionados, neste momento, apontaremos

---

<sup>49</sup> Consideramos o *Dia Internacional da Mulher* como uma temática polêmica já que, enquanto manifestação discursiva, ela provoca embates e opiniões contrárias pois os movimentos feministas, no Brasil, possuem um posicionamento firme, entre outras coisas, a favor dos direitos igualitários, temática principal da carta. Além disso, enquanto matéria discursiva, possui, desde nosso ponto de vista, duas das características que conforme Amossy (2017) fazem parte da polêmica, a saber, a dicotomização e a desqualificação do outro. Compreendemos que as mulheres feministas possuem uma posição diante dos seus direitos, no entanto, existem outros coletivos que acreditam que as mulheres já possuem os mesmos direitos dos homens, dando lugar a uma oposição de discursos. Também, consideramos que a temática é polêmica pois ela permite a desqualificação do outro, uma vez que quando se fala do feminismo, existem grupos que se valem de qualquer meio possível para atacar e enfraquecer o discurso feminista e seus seguidores. A maneira de exemplo, poderíamos citar o neologismo *feminazi*, que, entre outras coisas, busca desqualificar os envolvidos com causas feministas associando-os com ideologias radicais como o nazismo.

<sup>50</sup> Conceito elaborado conforme a definição estabelecida pelo dicionário de política Politize. Para maiores informações consultar: < <https://www.politize.com.br/dicionario-politica/> >.

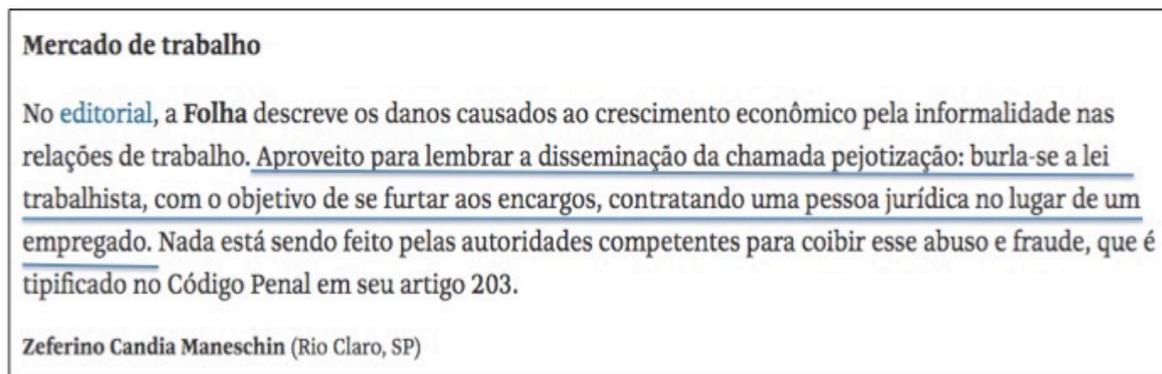
para os possíveis efeitos patêmicos a partir da *doxa*. Na carta 17B, o locutor aborda uma temática de cunho feminista que, por sua essência, pode ser interpretada como um deflagrador de efeitos emotivos, tendo em vista que, na atualidade, as lutas das mulheres se fortalecem gradativamente.

Os saberes socioculturais também podem ser responsáveis pelas emoções provocadas por um determinado discurso. Nesse sentido, as emoções acontecem quando os saberes da subjetividade se misturam com as inclinações afetivas do auditório (GALINARI, 2007, p. 232). Por conta disso, consideramos que o enunciado *A favor das mulheres, todos os dias* poderia ser, ao mesmo tempo, um divisor de águas e um detonador de efeitos emotivos ligados à *doxa* do auditório.

Primeiramente, ao enunciar *contra um dia do calendário*, o locutor seria capaz, por exemplo, de provocar um efeito emotivo de indignação ou incômodo se o auditório em questão cultiva uma imagem favorável da data mundialmente reconhecida. Nesse sentido, quando o locutor afirma que o *Dia Internacional da Mulher* é simplesmente uma data mais do calendário para fazer homenagens e que não simboliza os verdadeiros desejos das mulheres, o enunciado poderia provocar um efeito emotivo de reprovação em auditórios que se mostrem a favor dessa data.

Em segundo lugar, o enunciado *A favor das mulheres, todos os dias* poderia gerar um possível efeito emotivo de euforia ou alegria em um auditório cujos componentes *dóxicos* estejam permeados pela ideologia feminista. Entretanto, é conveniente considerarmos que as emoções não representam uma realidade, mas sim uma possibilidade de emoção que depende de vários fatores, tais como elementos situacionais ou convicções morais.

A seguir, apresentaremos a análise da carta 22B, na qual o locutor se posiciona diante do mercado laboral brasileiro e menciona um fenômeno recorrente nos últimos anos: a *pejotização*.

Figura 11 – *Carta do leitor 22B*

Fonte: Jornal *Folha de S. Paulo*. Grifos nossos.

Na carta, o locutor começa seu movimento argumentativo apresentando o editorial do jornal *Folha de S. Paulo* que abordou as problemáticas causadas ao crescimento econômico pela informalidade no mercado laboral. Assim, o locutor pretende defender uma tese implícita que poderia ser definida da seguinte maneira: a *Folha* descreve os danos causados ao crescimento econômico pela informalidade mas ignora a pejetização que, conforme o código penal, é crime. Por conta disso, o locutor defende sua tese definindo um termo – *pejetização* – que, possivelmente, não foi considerado pelo jornal e que poderia causar mais problemas ao mercado laboral do que aqueles mencionados no editorial. Dessa forma, evidenciamos a articulação de um *argumento pela definição*.

No segundo enunciado, o locutor emprega um *argumento pela definição*, que funciona como uma espécie de verbete da palavra *pejetização*. Conforme Fiorin (2017), os argumentos pela definição pertencem ao grupo dos *argumentos quase lógicos* e são utilizados quando o locutor pretende estabelecer uma relação de equivalência que visa dar sentido ou definição a determinado conceito, neste caso a *pejetização*. Nesse patamar, os argumentos pela definição estão orientados a convencer o auditório “de que um dado significado é aquele que deve ser levado em conta” (FIORIN, 2017, p. 118).

Julgamos relevante apontarmos para o fato de que, aparentemente, a definição esboçada pelo locutor foi realizada com suas próprias palavras e por isso consideramos que ela não é objetiva, pois poderia estar permeada pela subjetividade do locutor. Por conta disso, depreendemos que, ao definir o termo desde a sua própria perspectiva, o locutor poderia entrar no campo da subjetividade ou criar uma definição tendenciosa.

Ao analisarmos o título da carta, identificamos a articulação de uma locução substantival. Assim como na carta anterior, ao articular unicamente um nome próprio, o título

ganha um efeito de sentido de verbete, como se o corpo da carta fosse dar uma definição do que é esse substantivo. Ainda, a ausência de um artigo diante do substantivo poderia ser entendida como um movimento argumentativo que lhe dá mais valor denotativo à realidade referida.

A carta possui unicamente uma marca linguística de pessoa instaurada no verbo *aproveito*, conjugado na primeira pessoa do singular no presente indicativo. Tal colocação é fundamental para esta análise, já que nos permite evidenciar que o locutor a emprega no intuito de se inserir no discurso de forma direta. Nesse sentido, ao conjugar o verbo na primeira pessoa do singular, o locutor se coloca na carta e assume o seu lugar como produtor discursivo. Ainda, destacamos que pela maneira como o locutor articula o verbo no início do enunciado – *aproveito para lembrar* – cria-se um efeito de sentido sarcástico que poderia desprestigiar o editorial publicado pelo jornal. Nesse viés, *aproveito para lembrar* estaria indicando, possivelmente, que a informação sobre os danos ao crescimento econômico pela informalidade não foi totalmente acertada.

No que tange aos substantivos, em primeiro lugar, destacamos o uso de *a Folha*, empregado pelo locutor no primeiro enunciado. Como percebido em outras cartas, este é outro caso no qual o locutor dispensa as formas de tratamento para referir-se ao jornal, pois o cita unicamente como *a Folha*. Esse movimento poderia funcionar como um mecanismo que cria certo nível de proximidade no triângulo *locutor-jornal-interlocutor*. Além disso, pelo fato do jornal ser tratado como *a Folha*, cria-se um efeito de sentido de um ser que age, pensa e tem vida própria. Por conta disso, dispensar as forma de tratamento no enunciado *a Folha descreve os danos causados...* poderia funcionar como uma estratégia para dar responsabilidades ao jornal, colocando-o como um ser pensante e dando-lhe personificação.

No início da carta, o locutor afirma que *a Folha descreve os danos causados ao crescimento econômico pela informalidade nas relações de trabalho*. Nesse enunciado, o substantivo masculino no plural *danos* é articulado como um sinônimo de prejuízos ou estragos e o consideramos fundamental na instância discursiva, já que lhe dá ao discurso um tom “institucional”, fundamental para a adesão à tese por parte do auditório.

O substantivo feminino *disseminação* também é relevante para esta análise, já que ele é empregado no intuito de apontar para o fato de que a *pejotização* está tomando conta dos mercados laborais. Nesse sentido, estamos diante de uma possível metáfora da problemática apresentada, isto porque o locutor coloca a *pejotização* como se fosse uma espécie de semente que se espalha no mercado laboral.

Também, identificamos o emprego da locução substantival *autoridades competentes*

que aponta para os responsáveis pela situação que está sendo discutida. Chama a atenção o fato do locutor citá-los com um substantivo que não remete a nenhuma autoridade específica, pois, para responsabilizar uma entidade específica, o locutor poderia ter empregado substantivos próprios. Por conta disso, ao enunciar *autoridades competentes* cria-se um efeito de sentido de impessoalidade legalista, já que o locutor não aponta diretamente para as entidades que deveriam se ocupar do assunto.

Além dos mecanismos mencionados, gostaríamos de apontar para o uso de dois verbos: *furtar-se* e *coibir*. O primeiro foi empregado para afirmar que a *pejotização* burla a lei no intuito de se furtar aos encargos. Nesse sentido, tal verbo pode ser entendido como um sinônimo de desviar-se, eximir-se ou esquivar-se. Ainda, o verbo pertence ao registro culto da língua portuguesa e, na carta, parece suavizar a situação que está sendo abordada, já que quando o locutor enunciar *furtar-se* – e não *evitar*, por exemplo – o discurso parece ganhar uma tonalidade polida.

No final da carta, o locutor afirma que as autoridades não estão executando um plano para impedir que o fenômeno da *pejotização* continue tomando conta do mercado laboral. Por conta disso, o locutor emprega o verbo *coibir*, cujo significado é impedir, limitar ou fazer cessar. Destacamos que esse verbo, assim como *furtar-se*, também pertence ao registro formal da língua portuguesa e, por conta disso, seria outro indício da imagem discursiva legalista que emerge da carta 22B.

Por último, gostaríamos de apontar para a estrutura sintática do último enunciado da carta – *nada está sendo feito pelas autoridades competentes* – que foi construído por meio da voz passiva. Ao analisarmos o enunciado, percebemos que é constituído pelo pronome indefinido *nada*, o verbo *estar* na terceira pessoa do singular no modo indicativo, o verbo *ser* no gerúndio, o particípio passado do verbo *fazer* e um complemento. Dessa forma, ao empregar a voz passiva analítica no seu discurso, o locutor dá ênfases à “não ação” que está sendo executada e não ao agente que a pratica. Por conta disso, tal construção sintática servirá para que o auditório atente para o fato de que nenhuma ação está sendo executada para deter a *pejotização*.

A análise dos principais mecanismos linguísticos da carta nos permite evidenciar que encontramos-nos diante de uma imagem discursiva legalista, que é formada a partir da repetição da articulação de uma terminologia relacionada ao campo legal, principalmente *coibir* e *furtar-se*. Também, verificamos essa imagem no enunciado em voz passiva por meio do qual o locutor afirma que a *pejotização* continua no mercado laboral pois nenhuma autoridade competente está realizando ações para detê-la. Nesse viés, consideramos que a voz

passiva analítica constitui outra evidencia de um *ethos* legalista, pois ela é uma estrutura usada no campo do direito para instaurar neutralidade no discurso.

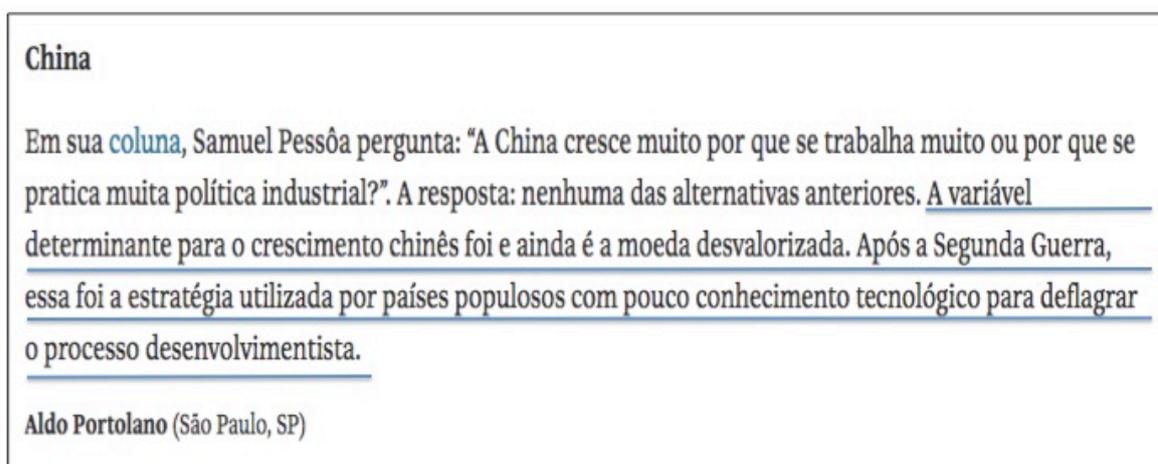
No que se refere aos efeitos patêmicos que poderiam ser provocados pela carta, é fundamental lembrarmos que eles dependem, entre outros elementos, dos elementos dóxicos que possui o auditório. Uma vez mais, mencionamos que, nesta dissertação, abordamos as emoções como uma possibilidade que se instaura na instância do discurso e não como algo sentido, verificado ou vivenciado.

Na carta 22B, consideramos que a definição que o locutor realiza da *pejotização* poderia ser o elemento responsável pelos possíveis efeitos emotivos no auditório. É necessário pensarmos que o fato de mencionar que existe um ato chamado de *pejotização*, que burla as leis trabalhistas, poderia deflagrar um efeito emotivo de indignação em auditórios que possuam uma certa filiação com os movimentos que defendem os direitos dos trabalhadores.

Ainda, poderíamos pensar que o fato do locutor afirmar que nada está sendo feito para deter a *pejotização*, também poderia funcionar como um mecanismo mobilizador de emoções em auditórios que compartilhem o mesmo ponto de vista do locutor. Nesse caso, denunciar que nenhuma autoridade está empreendendo um plano para deter a *pejotização* poderia causar um efeito emotivo de severidade ou racionalidade a favor dos direitos dos trabalhadores.

A seguir, apresentaremos a análise da carta 23B, do jornal *Folha de S. Paulo*, na qual o locutor se posiciona diante do crescimento do mercado chinês no mundo.

Figura 12 – Carta do leitor 23B



Fonte: Jornal *Folha de S. Paulo*. Grifos nossos.

Ao analisarmos a carta 23B, percebemos que o locutor coloca sua tese, de maneira explícita, nas entrelinhas da carta e poderia ser definida como: *A moeda desvalorizada da*

*China é a responsável pelo desenvolvimento do país.* Nesse sentido, para defender seu posicionamento articula um *argumento da causalidade*, sublinhado na carta com a cor azul. Conforme Fiorin (2017), uma das maneiras de argumentar é expor a causa dos fenômenos. Por conta disso, os argumentos da causalidade funcionam como uma conexão entre os fatos, ou seja, existe um acontecimento antecedente que produz um determinado efeito.

O *argumento da causalidade* também poderia ser interpretado como um mediador de uma situação de *causa e efeito*, na qual a *causa* poderia ser entendida como responsável pela existência do segundo, o *efeito*, de tal modo que o segundo é dependente do primeiro. Na carta analisada, para demonstrar que o crescimento da China deve-se ao uso de uma moeda pouco valorizada, o locutor utiliza uma causa histórica que possui uma função explicativa.

Antes de dar sequência ao momento analítico relacionado com a imagem discursiva que emerge da materialidade linguística, gostaríamos de analisar o dialogismo que a permeia a carta. Quando o locutor começa seu discurso, insere, no primeiro enunciado, uma pergunta elaborada pelo jornalista Samuel Pessôa que posteriormente será respondida. Dessa forma, o locutor emprega o recurso gráfico das aspas para indicar que essa fala pertence a outro locutor que se encontra fora da instância discursiva. Por conta disso, as aspas, possuem uma função dupla, pois permitem que outro locutor se instaure na materialidade linguística e também indicam que há um discurso direto, ou seja, uma representação da fala de um locutor externo. Ainda, o discurso direto é verificado pela presença de um verbo de elocução, ou seja, um verbo que anuncia o discurso, neste caso o verbo perguntar conjugado na terceira pessoa do singular – *pergunta* – e os dois pontos.

No segundo enunciado, o locutor responde a pergunta do jornalista e, para isto, enuncia *A resposta*: introduzindo sua resposta. Nesse patamar, consideramos que a inclusão de uma pergunta, realizada por um locutor externo, a maneira de discurso direto e sua respectiva resposta elaborada pelo locutor da carta, também em forma de discurso direto, criam um efeito de sentido de diálogo entre Samuel Pessôa o locutor da carta. Essas duas figuras nos levariam a pensar que a carta está direcionada para um auditório específico, ou seja, o jornalista, pois nos encontramos diante de um debate.

Dando sequência, abordaremos o momento analítico relacionado à imagem de si construída no discurso analisando os advérbios *ainda* e *pouco*. O primeiro, significa até este exato momento e, no enunciado, possui uma função enfática. O locutor assinala a causa do crescimento chinês, que começou no passado, porém, no intuito de enfatizar que esse fator continua sendo responsável pelo crescimento da China na atualidade, articula o advérbio *ainda*, que possui uma função norteadora. Nesse viés, o advérbio provocaria um efeito de

sentido de fio condutor que conecta o passado com o presente. O segundo, *pouco*, possui um sentido de *limitado* ou *não muito* e, no discurso, estaria delimitando o conhecimento tecnológico de países populosos. Nesse sentido, *pouco* possui uma função delimitadora, uma vez que está determinando qual é a condição que devia ter um país para entrar em um processo desenvolvimentista a causa de uma moeda desvalorizada

Ao analisarmos o título da materialidade, identificamos a articulação de um substantivo próprio, como na carta 17B. Consideramos que ao articular um nome próprio sem um artigo definido, o título possui um valor denotativo da realidade referida. Nesse sentido, quando o locutor articula *China* como o título estaria indicando para o auditório a temática que será abordada na carta. Uma vez mais, encontramos-nos diante uma espécie de verbete e, ao mesmo tempo, de uma possível estratégia para que a carta ganhe objetividade.

No que diz respeito ao uso de substantivos, destacamos *alternativas*, *variável* e *crescimento*, os três pertencentes ao registro formal da língua portuguesa. O substantivo feminino no plural *alternativas* é empregado pelo locutor para referir-se às duas razões pelas quais a China cresce muito e possui uma função anafórica, já que *alternativas* refere a dois enunciados anteriores: *por que se trabalha muito* e *por que se pratica muita política industrial*. Também, destacamos o uso do substantivo feminino *variável*, pertencente ao campo da estatística, que foi empregado na carta como um sinônimo de *motivo* ou *determinante* para que algo acontecesse (o crescimento chinês). Variável encontra-se inserido em um enunciado em voz passiva, e exerce a função de sujeito. Nesse sentido, por meio dessa construção sintática, o locutor enfatiza que o sujeito sofre uma ação realizada pelo agente, dando relevância à primeira parte do enunciado. Nesse viés, consideramos que a articulação desses dois substantivos lhe dá ao discurso um tom de credibilidade.

Por sua vez, o substantivo *crescimento* é articulado para indicar a evolução de um país, a China. Tal substantivo nos chama à atenção já que, por sua semântica, instaura no discurso uma ideia positiva sobre o desenvolvimento do país em questão. Entendemos que existem outros substantivos que poderiam ter sido empregados pelo locutor para designar a mesma ideia: desenvolvimento, progresso, avanço, entre outros. Porém, o substantivo *crescimento* coloca a China em uma posição personificada, pois ao empregar a locução substantival *crescimento chinês* cria-se um efeito de sentido de evolução física, colocando o país em uma posição de um ser vivo que “cresceu”.

Ainda, consideramos relevante pensarmos que esses três substantivos fazem parte da estratégia argumentativa do locutor, pois como foi mencionado no início da análise, pelo dialogismo presente na carta, ela está direcionada para um auditório particular – o Jornalista

Samuel Pessôa – que “disfarça” a figura do auditório universal. Dessa forma, consideramos que os substantivos mencionados fazem parte da estratégia do locutor para persuadir o jornalista. Nesse sentido, eles lhe dão ao discurso o tom de formalidade que se espera na resposta à pergunta feita por um jornalista.

Também, consideramos fundamental colocarmos nosso olhar no uso do verbo *deflagrar* que, na carta, possui um sentido de *provocar o surgimento de*. De acordo com o dicionário da língua portuguesa Houaiss, *deflagrar* também pode ser entendido, na química, como fazer surgir combustão. Por conta disso, o emprego desse verbo poderia ser interpretado como uma maneira do locutor fazer uma analogia do desenvolvimento chinês com um processo químico: o uso de uma moeda desvalorizada é *combustível* e os países com pouco conhecimento tecnológico são o *comburente*. Nesse sentido, ao se juntar combustível e comburente deflagra-se o processo desenvolvimentista, dando-lhe ao enunciado um sentido metafórico.

Outro aspecto no qual precisamos pontuar é a inexistência de indicadores de pessoa no discurso, pois não há marcas linguísticas que façam referência direta ao locutor da carta, uma vez que foi articulada na terceira pessoa do singular. Essa ausência poderia ser interpretada como um movimento argumentativo para dar-lhe objetividade ao discurso. Como foi mencionado, a carta possui um diálogo na sua estrutura, por conta disso, acreditamos que o locutor pretende responder à pergunta do jornalista da forma mais objetiva possível, apagando qualquer marca de subjetividade que possa provocar uma refutação. Ainda, essa objetividade é reforçada pelos enunciados curtos que lhe dão ao discurso um efeito de sentido de assertivo.

A análise dos principais mecanismos linguísticos nos permitiu identificar uma possível imagem discursiva categórica que se constrói por meio de dois enunciados precisos que respondem sustentam a tese da carta. Ainda, ressaltamos que essa imagem discursiva categórica torna-se mais evidente ao analisar os substantivos articulados na carta, uma vez que são o indício sobre o conhecimento relacionado à economia global por parte do locutor.

No que respeita aos efeitos patêmicos que poderiam ser provocados pelo discurso, consideramos que o enunciado *A resposta: nenhuma das alternativas anteriores* poderia provocar um efeito emotivo de dúvida no auditório. A China é uma país que, no imaginário ocidental, pode ser associada com tecnologia, trabalho e disciplina. No entanto, o desconhecimento da sua estrutura político-social pode provocar conjeturas na nossa sociedade. Esse imaginário é evidenciado nas duas perguntas que o jornalista Samuel Pessôa realiza sobre o crescimento do país e sua relação com o árduo trabalho e as políticas industriais. Por conta disso, quando o locutor afirma que nenhum desses motivos está

relacionado com o desenvolvimento do país, esse enunciado poderia deflagrar um efeito emotivo de dúvida, pois consideramos que rompe com os esquemas imaginários que alguns auditórios poderiam possuir em relação ao país asiático.

A seguir, apresentaremos a análise da carta 25B, do jornal *Folha de S. Paulo*, na qual o locutor se posiciona diante da possibilidade do ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, ser preso por conta da operação Lava Jato.

Figura 13 – *Carta do leitor 25B*

Levando-se em consideração tudo o que já foi apurado na [Lava Jato](#), é óbvio que Lula não tem como provar a sua inocência. Mas ele comprova que, com muito dinheiro para pagar bons advogados, dificilmente alguém vai preso no Brasil.

**Roberto Fissmer** (Porto Alegre, RS)

Fonte: Jornal *Folha de S. Paulo*.

A carta 25B, cujo tópico principal é o ex-presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva, possui uma curta extensão – dois enunciados – e nela não foi possível identificar um tipo de argumento conforme a tipologia de Fiorin (2017). Por conta disso e conforme os pressupostos teóricos desta pesquisa, depreendemos que a carta encontra-se no campo da opinião e não possui os argumentos necessários para ser definida como argumentativa. Não obstante, ela apresenta uma tese, de forma implícita, que poderia ser definida da seguinte maneira: o ex-presidente Lula da Silva possui o dinheiro necessário para pagar advogados bons e não ser preso.

Um opinião é considerada “um julgamento pessoal ou coletivo que um indivíduo faz sobre os seres ou os acontecimentos do mundo quanto ao seu valor, o que leva-o a tomar uma posição” (CHARAUDEAU, 2016, p.33). Nesse sentido, consideramos que a opinião não enuncia um fato sobre o mundo, mas sim um ponto de vista sobre esses fatos e, por conta disso, ela se encontra no campo das crenças. Mesmo que o locutor pretenda que sua opinião seja reconhecida e aceita por um auditório, ela continua pertencendo ao campo da subjetividade.

Além disso, consideramos que a temática Lula mobiliza um discurso polêmico, haja vista que, enquanto tópico discursivo, ela provoca um confronto de opiniões contrárias em forma de embate. Torna-se relevante destacarmos que, conforme Amossy (2017), a polêmica apresenta três características que a definem, a dicotomização, a polarização e a

desqualificação do outro. No caso da carta 25B, consideramos que o locutor serve-se da polêmica como uma modalidade argumentativa e emprega a terceira característica para dar-lhe estrutura ao seu discurso, ou seja, a desqualificação do outro.

Consideremos que o processo que levou a prisão o ex-presidente do Brasil Lula da Silva, iniciado no 2014, enquanto temática discursiva, representa um ponto de encontro de opiniões conflituais. Acreditamos que existe uma dicotomização, uma vez que as posições sobre a prisão do funcionário brasileiro estão radicalizadas, tornando o consenso uma alternativa inviável. Assim, as partes defendem posições inconciliáveis.

Ainda, percebemos que, na carta, o locutor articula a terceira característica da argumentação polêmica, ou seja, a desqualificação do outro. Nesse sentido, consideramos que a carta tem um alvo que deve ser atacado para lhe causar descrédito. Para alcançar esse propósito, o locutor utiliza a posição socioeconômica do ex-mandatário para insinuar que o dinheiro pode evitar que uma pessoa seja presa, pois possui a capacidade de pagar bons advogados. Nesse viés, consideramos que o locutor, indiretamente, também está desqualificando o prestígio do sistema judicial como um todo, pois o coloca em uma posição na qual insinua-se que com dinheiro qualquer um pode comprar a liberdade. Salientamos que esta carta em particular não busca aderir novos auditórios à sua tese. Pelo contrário, ela tem como objetivo um interlocutor que já compartilha esse ponto de vista e, por isso, a carta só contribuiria para continuar alentando uma polêmica.

Ao analisarmos o título da carta, identificamos a mesma condição da carta 16B, ou seja, a ausência do título. Como foi mencionado, devido à maneira de publicação da *Folha de S. Paulo*, algumas vezes várias cartas são agrupadas sobre um mesmo título, por isso, acreditamos que a carta 25B encontrava-se com outras cartas que possuíam um título em comum. Por conta disso, consideramos que essa característica é relevante para refletirmos sobre os gêneros de coautoria, ou seja, gêneros discursivos que são produzidos por um locutor e modificados pelo editor do jornal.

No que se refere aos mecanismos linguísticos, começaremos analisando o adjetivo *óbvio*, articulado pelo locutor para qualificar uma situação: *Lula não tem como provar sua inocência*. Consideramos que esse adjetivo faz parte da subjetividade do locutor e não contribui com uma possível estratégia argumentativa. Ainda, pela sua natureza, ele representa um risco nos gêneros de tipologia argumentativa, uma vez que por ser subjetivo também é relativo, isto é, ele pode ter uma posição contrária, já que “diante de um mesmo fato, os indivíduos veem as coisas diferentes [...] e fazem julgamentos que lhes são próprios” (CHARAUDEAU, 2016, p. 34). Nesse sentido, consideramos que o adjetivo *óbvio*, e sua

carga subjetiva, poderia constituir um indício de uma possível imagem discursiva circular<sup>51</sup>, que fundamenta seu critério em opiniões compartilhadas mas que não cria seu próprio julgamento. Por conta disso, no enunciado *é óbvio que Lula não tem como provar a sua inocência*, o locutor poderia estar reproduzindo um conjunto de discursos criados pela dicotomização, mas que não consegue defender, pois, quiçá, é uma opinião “emprestada” do discurso de um coletivo. Essa hipótese encontra sustento no fato de não identificarmos no discurso um argumento que defenda esse ponto de vista.

Também, identificamos que o locutor, para defender sua opinião, articula o adjetivo *bons* que qualifica o substantivo *advogados*, colocando o adjetivo antes do substantivo. No enunciado, o adjetivo possui a função de especificar, diferenciar ou restringir o substantivo, fazendo com que a posição mais recorrente do adjetivo seja depois do substantivo. Não obstante, quando o adjetivo é colocado antes do substantivo, encontra-se em uma posição valorativa e serve para adicionar valor ao substantivo que o precede. Nesse sentido, *bons* também faz parte da subjetividade do locutor e poderia ter uma função dupla. A primeira, relaciona-se com a função valorativa. A segunda, estaria relacionada com a posição do locutor e sua intenção de desqualificar o ex-presidente. Nesse viés, consideramos que quando o locutor enuncia *bons advogados* estaria fazendo uma crítica aos advogados que, conforme ele, seriam capazes de demonstrar a inocência do Lula unicamente porque ele possui muito dinheiro. Como consequência, depreendemos que essa colocação lhe dá a carta um efeito de sentido irônico.

No meio do discurso, o locutor articula o conector discursivo *mas*, que relaciona os dois enunciados que compõem a materialidade linguística. Pela sua posição, depreendemos que *mas* atua como um conector que instaura contraste no discurso e provoca que o auditório direcione seu olhar para o enunciado que o precede – *ele comprova que com muito dinheiro para pagar bons advogados, dificilmente alguém vai preso no Brasil* – dando-lhe mais relevância ao segundo enunciado.

Ainda, salientamos que a subjetividade do locutor se manifesta uma segunda vez no determinante indefinido *muito*. Esse termo está relacionado com a abundância e foi articulado para fazer referência à quantidade de dinheiro que um indivíduo precisa para pagar um bom advogado. Consideramos esse termo como um mobilizador de subjetividade, uma vez que ele é susceptível a posições contrárias, ou seja, é relativo. Ainda, consideramos que ele cria no discurso um efeito de sentido de vago, pois a definição do que seria *muito dinheiro* é subjetiva

---

<sup>51</sup> Entendemos como *ethos* circular a imagem discursiva de um locutor cujo discurso parece ter argumentos automáticos, sem reflexão alguma.

a cada locutor. Nesse viés, esse substantivo constitui outro indício de um *ethos* circular.

No segundo enunciado, o locutor emprega o advérbio *difícilmente* para afirmar que indivíduos que possuem dinheiro não correm o risco de serem presos. Nesse sentido, tal advérbio poderia ser entendido como um sinônimo de *quase ninguém* e serve para reforçar a ideia de que, no Brasil, possuir dinheiro é um convencimento para demonstrar-se inocente. Nesse sentido, consideramos que tal advérbio é fundamental para esta análise, pois ajuda-nos a comprovar essa imagem circular construída por meio de conectores, adjetivos e substantivos. Essa imagem discursiva poderia possuir uma relação estreita com a natureza do discurso mobilizado na carta. Como afirmamos no início da análise desta materialidade, consideramos que o locutor só mobiliza uma opinião, possivelmente emprestada do discurso de um coletivo polarizado. Por conta disso, a imagem discursiva que emerge é circular, pois quiçá o discurso é produto de um coletivo polarizado movido pelas opiniões.

Como foi mencionado no início da análise desta carta, o locutor não apresenta argumentos palpáveis pois seu discurso encontra-se no campo da opinião. Além disso, ele discorre sobre um tópico que, no Brasil, é considerado uma polêmica pois representa um embate de posições. Nesse sentido, consideramos que a subjetividade da carta poderia possuir protagonismo na emergência de possíveis efeitos emotivos.

Ao enunciar *Lula não tem como provar sua inocência*, o locutor poderia deflagrar um efeito emotivo de indignação se o auditório, nos seus saberes *dóxicos*, possui uma representação positiva do ex-presidente brasileiro e o considera inocente. Também, consideremos que o segundo enunciado *Mas ele comprova que, com muito dinheiro para pagar bons advogados, dificilmente alguém vai preso no Brasil*, pela sua natureza, poderia provocar um efeito emotivo de indignação. Esse tipo de enunciados possuem uma conexão com a lógica clássica e expressam relações entre duas categorias de termos. Por conta disso, os enunciados categóricos se estruturam por meio de esquemas do tipo “todo X é H”. Nesse sentido, o locutor estaria afirmando que todo indivíduo que possua dinheiro poderia comprar sua inocência. Assim, consideramos que a categorização apresentada pelo locutor poderia provocar um efeito emotivo de indignação em auditórios que possuam condições econômicas favoráveis, pois o locutor os coloca como indivíduos que manipulam a justiça por meio da sua posição sócio econômica.

Finalmente, apresentaremos a análise da carta 20B, do jornal *Folha de S. Paulo*. Nela, o locutor disserta, de forma positiva, sobre a entrega dos prêmios *Oscar* que premiam o melhor da indústria cinematográfica a cada ano.

Figura 14 – Carta do leitor 20B

**Oscar**

A repercussão do **Oscar** não rendeu altos e baixos, como a edição passada. Pelo contrário, fez a festa para candidatos. O ganho político para Del Toro é evidente, visto que o diretor de “A Forma da Água” é mexicano. Já “Me Chame pelo Seu Nome”, com uma produção menos convencional ao eixo de mercado, faturou uma estatueta. Seja por beleza, lirismo ou política, este foi um Oscar diferente de todos os outros.

**Matheus Lopes Quirino** (Taubaté, SP)

Fonte: Jornal *Folha de S. Paulo*.

Ao analisarmos a carta 20B, encontramos-nos diante da mesma particularidade da carta 25B, ou seja, não identificamos um tipo de argumento na materialidade linguística e consideramos que a carta se encontra no campo da opinião. Ainda, destacamos que o locutor apresenta sua tese, de forma explícita, no final da carta: *este foi um Oscar diferente de todos os outros*. Nesse sentido, o locutor analisa o resultado da premiação desde uma perspectiva subjetiva.

Em um primeiro olhar, o primeiro enunciado da carta poderia nos dar indícios da existência de um argumento pela comparação por conta conjunção *como*. Nesse viés, Fiorin (2017) afirma que comparar implica fazer aproximações entre dois objetos que, na carta 20B, seriam os prêmios *Oscar* do 2017 e do 2018. Percebemos que o locutor define os dois objetos que pretende comparar, no entanto, no decorrer da carta o locutor se limita a caracterizar o Oscar da edição de 2018, sem mencionar as particularidades da edição passada. Por conta disso, consideramos que não existe um argumento pela comparação, uma vez que comparar implica definir dois objetos para aproximá-los ou separá-los.

Ao analisarmos o título da materialidade, identificamos a articulação de um substantivo, como nas cartas 23B e 6B. Uma vez mais encontramos-nos diante de um nome próprio sem um artigo definido, situação que poderia ser interpretada como um movimento que lhe dá valor denotativo à realidade referida, os prêmios *Oscar*. Além disso, nesta carta também nos encontramos diante uma espécie de verbete.

No que concerne aos mecanismos linguísticos articulados na carta, responsáveis pela imagem discursiva do locutor, daremos início discutindo o marcador discursivo *pelo contrário*. Como mencionado anteriormente, os marcadores discursivos são as unidades linguísticas encarregadas de encadear os diversos fragmentos do discurso criando uma relação semântica entre eles. É fundamental lembrarmos que não possuem um significado denotativo,

mas sim um significado procedimental, ou seja, codificam uma instrução orientada a guiar a interpretação do discurso. Nesse sentido, *pelo contrário* faz parte do grupo dos marcadores *conectores contra-argumentativos*. Por conta disso, o marcador possui a função de vincular duas partes do discurso, de modo que a segunda seja uma espécie de supressor ou atenuador de alguma conclusão que possa se depreender da primeira. Assim, podemos ver que o marcador *pelo contrário* cria um efeito de sentido de oposição entre dois enunciados diferentes. Também, além de possuir uma função contra-argumentativa, o marcador discursivo lhe dá um efeito de ênfase ao enunciado que o precede.

Na sequência, encontramos a conjunção coordenativa alternativa *já*, que, geralmente, é colocada entre dois enunciados, para ligá-los, em que o segundo expressa a incompatibilidade de ideias expressadas no primeiro. Neste caso, *já* permite que o locutor crie duas partes e as coloque como opções dentro do discurso. Nesse sentido, consideramos que *já* lhe dá ao discurso um efeito de sentido de alternância. Ainda, destacamos a articulação da conjunção subordinada causal *visto que*, que liga duas partes do mesmo enunciado dependentes sintaticamente. Conforme Bechara (2014), as conjunções subordinadas causais introduzem causa, motivo o razão. Por conta disso, *visto que* lhe permite ao locutor explicar porquê considera que o diretor Guillermo Del Toro obteve um ganho político. Nesse sentido, a conjunção cria um efeito de sentido elucidativo.

No que se refere ao uso das aspas, percebemos que o locutor emprega este recurso gráfico em duas oportunidades. Diferente das outras cartas analisadas, nesta materialidade elas não possuem uma função relacionada ao discurso direto ou à ironia, mas sim as consideramos uma convenção para citar títulos.

É fundamental apontarmos para o fato que, diante dos três substantivos que serão explanados a seguir, o locutor articula o verbo *seja*, que estaria exercendo a função de conjunção coordenativa alternativa. Nesse viés, a conjunção estaria introduzindo as alternativas para compreender o motivo pelo qual o *Oscar* foi diferenciado. Por conta disso, *seja* cria um efeito de sentido de alternância.

Também, é relevante colocarmos nosso olhar nos substantivos *beleza*, *lirismo* e *política* articulado pelo locutor no intuito de apresentar as possíveis causas pelas quais o *Oscar* foi diferente. O primeiro deles, *beleza*, está relacionado com a perfeição de tudo aquilo que é agradável à vista e que cativa o espírito. Dessa forma, percebemos que o locutor apresenta seu juízo dos prêmios por meio do substantivo.

O segundo substantivo, *lirismo*, diz respeito a emoções e sentimentos profundos colocados na arte e possui uma carga semântica mais elevada do que *beleza*. Esse substantivo

nos permite identificar que, para o locutor, o *Oscar* foi muito além de uma questão de beleza e chegou a um ponto lírico.

Por último, o locutor afirma que um dos motivos diferenciador do *Oscar* pode ter sido a política. Neste caso, o substantivo *política* funciona como um mecanismo discursivo para lembrar a tensa situação nos Estados Unidos por conta do presidente eleito Donald Trump. Assim, quando o locutor afirma que os prêmios poderiam ter sido diferentes por causas políticas, está fazendo referência ao fato de Guillermo Del Toro ter ganhado a estatueta de melhor filme. Possivelmente, o ganho é visto como um momento positivo por parte do locutor, já que o diretor galardoado é mexicano e o governo dos Estados Unidos, nesse ano, encontrava-se desenvolvendo uma forte campanha para a construção do muro na fronteira entre os Estados Unidos e o México.

No que tange à articulação de verbos, destacamos *faturou*, empregado pelo locutor para afirmar que o filme *Me Chama pelo Seu Nome* *faturou* uma estatueta. Nesse enunciado, o verbo é articulado para indicar que o filme ganhou um dos prêmios da noite. Porém, o verbo *faturar* indicaria muito mais do que ganhar, pois ele possui a conotação de obter uma vantagem importante. Dessa forma, por médio do verbo *faturar* o locutor deixa implícita a ideia de que o filme representava uma produção menos convencional para o mercado e, por isso, a estatueta significa muito mais do que ganhar.

A análise dos anteriores mecanismos linguísticos da carta nos permite evidenciar que da carta emerge uma imagem discursiva que poderia ser catalogada como optativa, que começa a se constituir por meio da conjunção coordenativa *já*. Na sequência, essa imagem ganha mais força por meio do verbo *ser* conjugado no subjuntivo presente – *seja* – que estaria exercendo a função de conjunção coordenativa. No final da carta, essa imagem optativa emerge na sua totalidade por meio dos três substantivos articulados na carta, todos com uma carga semântica diferente.

Para discutir os possíveis efeitos patêmicos deflagrados pela carta 22B, é fundamental conhecermos as representações imaginárias que possui o auditório diante de tópicos como as políticas migratórias e o papel dos migrantes no mundo da arte. Dessa forma, esses componentes socioculturais serão os responsáveis pelos efeitos emotivos que poderia produzir a carta, uma vez que as emoções encontram seu lugar em julgamentos responsivos-morais elaborados pelo auditório. Dessa forma, essas representações funcionariam como “válvulas” definidoras e reguladoras da intensidade da adesão por parte do auditório.

Ao enunciar *o ganho político para Del Toro é evidente, visto que o diretor [...] é mexicano*, o locutor seria capaz, por exemplo, de deflagrar um efeito emotivo de aprovação se

o auditório em questão cultivava uma representação positiva do diretor. Ainda, é fundamental destacarmos que esse possível efeito patêmico poderia ser atenuado se o auditório possui esquemas imaginários desfavoráveis sobre as políticas dos Estados Unidos contra os migrantes. Ao afirmar que houve um ganho político, o enunciado poderia deflagrar um efeito emotivo de aprovação, já que diretamente implica um revés para os indivíduos que se opõem à entrada de migrantes a um país, isto porque o *Oscar* entregou a estatueta mais importante da premiação para um mexicano.

Em geral, a análise da materialidade brasileira nos permitiu evidenciar traços distintivos das cartas como os enunciados curtos e os títulos substantivados. Além disso, foram identificados 12 argumentos *quase lógicos*, 3 que *se fundamentam na estrutura do real* e 3 que *fundamentam a estrutura do real*. Também, identificamos um uso recorrente de argumentos do tipo *quase lógico*, os quais, conforme Perelman e Tyteca (2014), lembram a estrutura de um raciocínio lógico, dando à argumentação um caráter não formal. Entretanto, salientamos que o uso desse tipo de argumento não pode ser entendido como falta de capacidade para raciocinar, mas como um meio pelo qual referimo-nos a coisas possíveis, plausíveis, prováveis, cujas “conclusões não são logicamente necessárias” (FIORIN, 2017, p. 116).

Como evidenciado, os locutores brasileiros mobilizaram temáticas, principalmente, relacionadas à política e à economia do país, comprovando que, efetivamente, a polêmica permeia os discursos brasileiros. Nesse sentido, encontramos uma relação entre o fato dos locutores mobilizar um alto número de argumentos quase lógicos e a instauração da polêmica no discurso. Como afirma Fiorin (2017), esse tipo de argumentos possuem a estrutura de um raciocínio formal dedutivo, porém, são susceptíveis a diversas interpretações, pois a língua é unívoca. Por conta disso, acreditamos que, em uma argumentação polêmica, esse tipo de argumentos poderiam dramatizar e dicotomizar um determinado ponto de vista.

Ainda, como resultado da polêmica que circula no país, os locutores brasileiros não se encontram na linha do consenso, pelo contrário, seus argumentos estão voltados para o dissenso. Nesse patamar, a polêmica seria um modo de gestão das disputas cujo sucesso não pode ser medido tomando como ponto de referência a persuasão. Em outras palavras, percebemos que, enquanto os locutores colombianos buscam aderir auditórios universais e particulares às suas teses em busca do acordo, os brasileiros encontram-se em uma posição na qual duas partes não pretendem se persuadir mutuamente pelas vias da razão, pois na argumentação polêmica “a fala do outro só aparece no esforço de contrariá-la” (AMOSSY, 2017, p. 119).

No que se refere à imagem discursiva que emerge da materialidade linguística, a análise nos permitiu identificar que as cartas possuem traços linguísticos decorrentes que nos permitirão discutir a existência de uma possível imagem coletiva dos locutores brasileiros. Dessa forma, consideremos que os enunciados curtos, os verbos no presente do indicativo e os substantivos próprios serão fundamentais para a discussão de um *ethos* coletivo. Uma vez mais, acentuamos que, nesta pesquisa, fazemos referência ao *ethos* coletivo como uma imagem discursiva de uma parte específica da população brasileira – produtores de *cartas do leitor* publicadas entre março de 2017 e 2018 – e não como uma imagem nacional.

No que respeita aos possíveis efeitos patêmicos provocados pelas cartas do leitor, indagar nos elementos da *doxa* nos permitiu perceber que as cartas do jornal *Folha de S. Paulo* poderiam provocar diversos efeitos emotivos, porém, o efeitos de indignação predomina na amostra brasileira. Em uma análise patêmica, a *doxa* é um componente fundamental para a adesão do auditório, uma vez que ela será a responsável pela fusão entre “um objeto – algo, alguém, uma ideia, um fato, um raciocínio – e determinados saberes e crenças pertencentes ao auditório” (GALINARI, 2007, p.230). Nesse viés, esses saberes dóxicos permitem ao auditório avaliar os objetos discursivos expostos para que as paixões possam ser experimentadas. Por conta disso, consideramos que os efeitos patêmicos identificados nas cartas analisadas, mesmo sendo julgamentos responsivos-morais fundados na subjetividade do auditório, são provocados, em princípio, pelos mecanismos linguísticos articulados pelos locutores. Assim, consideramos que esses dois elementos – saberes da *doxa* e mecanismos linguísticos – encontram-se em uma posição de igualdade na deflagração de efeitos emotivos.

Com a carta 20B finalizamos nossa análise do *corpus* de pesquisa. Na seguinte seção, pretendemos discutir a existência de dois possíveis *ethe* coletivos a partir dos dados coletados nas seções 4.2. e 4.3. Além disso, discutiremos sobre os efeitos patêmicos mais recorrentes na maternidade linguística.

#### 4.4 *ETHE* COLETIVOS NO ESPANHOL COLOMBIANO E NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nas seções 4.2 e 4.3 apresentamos a análise de quatorze *cartas do leitor* – sete do jornal *El Tiempo* e sete do jornal *Folha de S. Paulo* – no intuito de alcançar o objetivo desta pesquisa, ou seja, discutir a possível existência de dois *ethe* coletivos e identificar os possíveis efeitos patêmicos deflagrados pelas *cartas do leitor*. Para atingir tal propósito, possuíamos

três objetivos específicos:

a) Identificar e analisar os tipos de argumentos, de acordo com a classificação esboçada por Fiorin (2017), que foi embasada nos pressupostos de Perelman e Tyteca (2014).

b) Analisar alguns mecanismos verbais do repertório lexical, tais como: indicadores de pessoa, adjetivos, verbos, substantivos, advérbios, e marcadores discursivos e; do repertório retórico – pergunta retórica.

c) Caracterizar os elementos *dóxicos*, isto é, os componentes dos saberes socioculturais que poderiam provocar efeitos emotivos na instância discursiva.

Até o presente momento, os três objetivos específicos desta pesquisa foram atingidos. Para dar continuidade, pretendemos discutir a possibilidade de existência de dois *ethes* coletivos que emergem da materialidade linguística e, com isso, estaremos encaminhando para a conclusão da nossa pesquisa.

De acordo com Amossy (2016), o *ethos* discursivo é entendido como uma imagem de si construída cada vez que nos apropriamos da língua e que, entre outras coisas, busca influenciar um determinado auditório. Em outras palavras, é o “ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si, isto porque produzir um enunciado remete necessariamente ao locutor que mobiliza a língua, que a faz funcionar ao utilizá-la” (AMOSSY, 2016, p. 9). Além disso, a noção de *ethos* também é fundamental nos estudos argumentativos, Perelman y Tyteca (2014), por exemplo, dissertam sobre a necessidade de que o orador, no intuito de adaptar-se a seu auditório, crie uma imagem de si confiável em função dos seus interlocutores.

Acreditamos que por meio da análise de alguns mecanismos do repertório linguístico e retórico podemos esboçar uma imagem discursiva de uma coletividade específica, uma vez que existem traços em ambas as línguas constantes na materialidade. Neste caso, com a análise apresentada nas duas seções anteriores pretendíamos coletar os dados suficientes para discutirmos a imagem discursiva dos leitores do jornal *El Tiempo* e *Folha de S. Paulo* que emerge das cartas publicadas entre março de 2017 e 2018.

No que se refere aos mecanismos linguísticos articulados na estruturação argumentativa nas cartas do jornal *El Tiempo*, destacamos que a análise nos permitiu observar que existe uma tendência significativa ao uso de marcadores discursivos que possibilitam uma melhor estruturação do discurso e nos permitiram chegar ao possível *ethos* discursivo que emerge da materialidade linguística. É fundamental lembrarmos que esse jornal permite a publicação de cartas de longa extensão. Por conta disso, poderíamos afirmar que o gênero requer desses mecanismos para que o discurso mobilizado apresente coerência. Assim, ao

analisarmos a totalidade das cartas do jornal colombiano, percebemos que os marcadores discursivos foram o mecanismo linguístico mais significativo para o estabelecimento de um estilo que nos auxiliou no esboço de uma imagem discursiva dos locutores. Ainda, ressaltamos a articulação expressiva de orações subordinadas no início dos enunciados e dos incisos de longa extensão.

Ao analisarmos a totalidade das cartas, percebemos que existiu uma tendência à articulação de marcadores discursivos do tipo estruturadores da informação e de reforço argumentativo. Por conta disso, ao estudá-los como componentes do discurso, ajudaram-nos para traçar uma imagem discursiva engajada socialmente. Por um lado, poderíamos afirmar que os marcadores discursivos, além de permitir a articulação do discurso, também são representativos para que uma imagem engajada se instaure na materialidade colombiana. Além disso, essa imagem discursiva ganha visibilidade por meio da articulação de perguntas retóricas, um mecanismo do repertório retórico que permite reafirmar a posição do locutor diante de determinado assunto.

Por outro lado, a tendência social na coletividade colombiana foi identificada, principalmente, pelo uso de substantivos que, ao serem analisados como partes fundamentais no discurso, remetem à estrutura social. Dessa forma, consideramos que os substantivos de semantismo social foram, desde um ponto de vista linguístico, a evidência para perceber como o indivíduo, por meio da língua, se posiciona diante de uma problemática social que, por sua vez, pareceria transformar-se em uma apreensão individual. Assim, esse mecanismo linguístico foi a principal evidência que nos levou a depreendermos que a imagem discursiva dos locutores do jornal *El Tiempo*, entre março de 2017 e 2018, possui uma tendência ao engajamento social.

Nesse sentido, evidenciamos que os substantivos nos auxiliaram a compreender melhor a relação existente entre *linguagem* e *sociedade*, isto porque de acordo com Dessons (2006), todo saber sobre a língua é, ao mesmo tempo, um saber sobre o indivíduo, a sociedade e suas relações. Nesse patamar, ao analisarmos os substantivos empregados pelos locutores das *cartas do leitor* do jornal *El Tiempo*, comprovamos que a coletividade colombiana possui um teor social que é revelado pela articulação sintática de substantivos cujo conteúdo semântico remete à estrutura da sociedade colombiana.

Por sua vez, destacamos que a análise das cartas do jornal *El Tiempo* deixou em evidência que os locutores possuem um esquema imaginário mais explícito do gênero *carta do leitor*. O vocativo *Señor Director*, por exemplo, é uma estrutura que consideramos fundamental para a concepção do gênero enquanto tal e que se matem em todas as cartas.

Além disso, em vista da liberdade outorgada para publicar cartas de longa extensão, consideramos que a tipologia argumentativa que é requerida pelo gênero se torna perceptível na materialidade colombiana. Não estamos afirmando que todas as cartas apresentem argumentos identificáveis, pois, como foi evidenciado na análise, algumas cartas encontram-se no campo da opinião. Ainda, consideramos que os locutores de *El Tiempo* evidenciam sua preocupação por defender suas teses para dois tipos auditórios, para aqueles que já estão aderidos à tese e para aqueles que discordam dela. Ou seja, depreendemos que as cartas colombianas ainda possuem a essência argumentativa de buscar aderir qualquer auditório a uma tese, estabelecida por Perelman e Tyteca (2014).

Nesse patamar, lembramos que a *Nova Retórica* discute acerca dos diferentes modos de influenciar os esquemas imaginários dos auditórios – por meio do discurso – em busca de um acordo, afirmando que a instância discursiva lhes permite aos indivíduos estruturar respostas aos problemas comuns, sempre em busca do acordo. Nesse sentido, os locutores do jornal *El Tiempo* possuem uma tendência à busca de soluções que parecem aceitáveis e plausíveis para a sociedade colombiana.

De acordo com os princípios teóricos estabelecidos por Perelman e Tyteca (2014), o acordo – ou adesão dos espíritos – possui um lugar privilegiado, uma vez que “se torna a pedra de toque da racionalidade” (AMOSSY, 2017, p. 22). Nessa perspectiva, os autores fundamentam sua teoria na busca do consenso, pois o dissenso deveria ser superado de qualquer forma, uma vez que poderia provocar uma sociedade “afundar na discórdia, na divisão e, até mesmo, na luta armada” (Ibidem).

Em síntese, podemos concluir que os locutores colombianos, ancorados na linha do consenso, parecem promover um diálogo em busca de pontos de vista positivos e negativos para chegar a uma resposta que possa ser considerada razoável. Assim percebemos que a articulação do *logos* na materialidade colombiana possui uma similaridade com o conceito de espaço público gerido pelo discurso argumentativo proposto por Habermas (1981), que afirma que o discurso argumentado se constrói “pela cooperação consentida no diálogo arrazoado em prol de uma solução negociada para problemas comuns” (AMOSSY, 2017, p.27). Nesse viés, o autor propõe que os indivíduos constroem um acordo baseado no uso da linguagem, supondo que chegarão a um acordo racional compartilhado, mantendo uma conexão direta com os pressupostos Retóricos. Assim, evidenciamos que, ainda que algumas cartas não possuam argumentos identificáveis conforme a tipologia de Fiorin (2017), as cartas colombianas possuem a essência argumentativa proposta por Aristóteles e retomada por Perelman e Tyteca (2014), ou seja, buscam o acordo, ou adesão dos espíritos, por meio do

*logos*.

No que se refere à coletividade brasileira, a análise nos permitiu perceber que, nas *cartas do leitor* do jornal *Folha de S. Paulo*, os locutores articulam seus discursos por meio de enunciados curtos, haja vista que o jornal possui algumas pautas para a publicação das cartas, colocação fundamental para o esboço de uma imagem coletiva dos locutores. Assim, ao finalizarmos a análise dos mecanismos linguísticos e retóricos, concluíamos que da materialidade brasileira emerge uma imagem discursiva sintética de tendência militante.

Por um lado, ao analisarmos as cartas brasileiras, identificamos que os enunciados de curta extensão são protagonistas na totalidade da materialidade linguística, criando uma imagem dos locutores que poderia ser considerada sintética. Por conta disso, poderíamos pensar que o jornal, suporte do gênero, atua como uma fonte externa que influencia a articulação do discurso e que, ao limitar o espaço para a publicação das cartas, estaria sendo um dos primeiros indícios de um possível *ethos* sintético. Além disso, a partir de essa colocação, emergem outros interrogantes relacionados com a imagem dos locutores, pois desconhecemos até que ponto o jornal modifica as cartas enviadas pelos locutores. No decorrer da análise, começaram a surgir as dúvidas relacionadas à autoria das cartas, isto porque elas poderiam ser modificadas, substancialmente, no intuito de adaptá-las aos parâmetros de publicação do jornal. Por conta disso, no final desta seção discutiremos se realmente nos encontrávamos diante de um *ethos* discursivo de uma coletividade (leitores do jornal) ou se, pelo contrário, estamos esboçando a imagem discursiva do jornal *Folha de S. Paulo*.

Também, a análise nos permitiu observar que as cartas brasileiras apresentam esse padrão de enunciados curtos como articuladores do discurso. Ao analisá-los, identificamos que, na maioria, os verbos estão conjugados no presente do indicativo – dentro de uma ordenação sintática simples – para referir-se a situações atuais, movimento argumentativo que nos ajudou a desvelar essa imagem discursiva militante. Também, percebemos que os locutores brasileiros apresentam informações claras e de forma direta – diferente dos locutores colombianos –, possivelmente, pelo espaço disponibilizado pelo jornal. Nesse sentido, os incisos que foram expressivos na materialidade colombiana, não possuem a mesma relevância nas cartas do Brasil.

Por outro lado, a tendência à personalização de situações foi desvelada pelo uso de substantivos próprios, ou seja, substantivos que particularizam seres únicos. Ao analisá-los, descobríamos que a maioria estavam relacionados à esfera política do Brasil. Foi recorrente o uso de substantivos próprios como Luiz Inácio Lula da Silva, Michel Temer, Luís Roberto

Barroso, entre outros. Além disso, também foram articulados substantivos próprios que designam partidos políticos e instituições, tais como o PT ou o Congresso.

O uso expressivo desses mecanismos linguísticos que indicam figuras da mesma esfera, a política, nos permitiu concluir que imagem discursiva sintética era de tendência militante. É fundamental lembrarmos que na seção 4.1 foi mencionado que o ano de 2017 representou um momento de inquietação política para o sociedade brasileira. Dessa forma, percebemos que as *cartas do leitor* poderiam ser vistas como um reflexo desse momento social que vivenciou o país. Nesse sentido, entendemos que o *ethos* coletivo identificado, possivelmente, possui uma relação com a polêmica discursiva que permeia as cartas brasileiras.

No que se refere à essência da argumentação – tentar aderir um auditório a determinada tese – consideramos que as cartas brasileiras possuem uma característica particular, pois parece que os locutores não buscam aderir novos auditórios às suas teses e sim reforçá-las para aqueles auditórios que já a têm como aceita. Nesse patamar, estaríamos diante de um fenômeno, possivelmente, produto da atual conjuntura sociopolítica que vivência o país, no qual os locutores não dirigem seus discursos para auditórios universais e sim para auditórios que já tem como aceita uma determinada tese. Esse fenômeno poderia ser interpretado como um reflexo da polarização no país que, além de se manifestar em na sociedade, também se manifesta na *língua* e polariza diversos gêneros discursivos, como a *carta do leitor*.

Nesse sentido, observamos que as cartas brasileiras demonstram haver passado por um processo de polemização em que a dicotomização, a polarização e a desqualificação do *outro* são características recorrentes nas cartas brasileiras. Porém, a argumentação polêmica não deve ser rotulada como negativa, uma vez que ela poderia ser participe da estruturação de espaços públicos e da reflexão cidadã. Nesse patamar, entendemos que as cartas não pretendem aderir novos auditórios às teses, pois o objetivo da argumentação polêmica não é o consenso, já que as duas partes engajadas na troca verbal não possuem o objetivo de se persuadirem mutuamente pelas vias da razão. Pelo contrário, ela “é um contra discurso centrado na refutação e no descrédito, no qual a fala do outro só aparece no esforço feito para contrariá-lo” (AMOSSY, 2017, p. 198).

Como consequência, a polêmica, uma vez instaurada na sociedade brasileira, faz com que os discursos sejam monogeridos e permeadas pela dicotomização, a polarização e o descrédito. Como afirma Amossy (2017), a polêmica não visa resolver conflitos, pelo contrário, seu objetivo é exacerbar discursos antagônicos que dividem posições. Entendemos

que o Brasil vivenciou uma série de eventos políticos e sociais que tiveram impacto na sociedade. Em vista disso, se modificaram os jogos de poder e de interesses, as tensões identitárias, as divergências ideológicas e religiosas, fazendo com que os desacordos não possam ser organizados por meio de interações discursivas serenas e bem intencionadas.

O Brasil, enquanto sociedade pluralista, é propenso aos conflitos e às confrontações, fazendo com que a persuasão e a adesão do *outro* não sejam o objetivo principal nos embates públicos. Assim, as cartas do leitor do jornal *Folha de S. Paulo* nos permitem observar que estamos diante de uma “retórica do dissenso, na qual a persistência do conflito não é sinal de fracasso, mas uma característica do funcionamento democrático” (AMOSSY, 2017, p. 205). Nesse viés, entendemos que as *cartas do leitor* poderiam ser o mecanismo que lhe dá voz aos *subalternos*, podendo exprimir-se e confrontar os dominantes.

Além de tudo, a análise das cartas do jornal *Folha de S. Paulo* foi fundamental para perceber que a essência do gênero *carta do leitor* parece se diluir para os locutores brasileiros. Em primeiro lugar, destacamos que o jornal, ao condicionar a extensão e a forma, estaria modificando a essência do gênero. Como evidenciado, as cartas não apresentam nenhum tipo de vocativo, unicamente um título e o corpo. Nesse sentido, consideramos que quando o suporte condiciona a produção do gênero encontramos-nos diante de uma modificação que poderia provocar a produção de uma variação da *carta do leitor*.

Analisarmos os títulos das cartas brasileiras também nos permitiu levantar novos questionamentos relacionados à construção conjunta do gênero. Como foi evidenciado, todas as cartas possuem como título um substantivo ou uma locução substantival. Compreendemos que essa tendência poderia ser um resultado da edição por parte do jornal, pois consideramos pouco provável que, casualmente, todos os locutores enviem suas cartas com esse tipo de títulos. Ainda, caso o jornal altere ou dê às cartas o título que considera mais apropriado, emerge um questionamento relacionado à autoria e coautoria do gênero. Nesse sentido, quando o jornal influencia em um componente da carta, como o título, depreendemos que estamos diante de um gênero que se caracteriza pela coautoria.

Consideramos que a partir do questionamento sobre a possível existência de dois perfis de *ethé* coletivos que representam os leitores do jornal em um espaço de tempo determinado, podemos afirmar que sim foi possível esboçá-los a partir da análise dos mecanismos linguísticos mencionados, no entanto, encontramos-nos diante de duas imagens discursivas divergentes. No que se refere à imagem discursiva coletiva que emerge das cartas do jornal *El Tiempo*, a análise nos permitiu esboçar um perfil de *ethos* genuíno de uma coletividade que constrói seus discursos, principalmente, por meio de marcadores discursivos,

orações subordinadas e substantivos de semantismo social. Ainda, destacamos que a materialidade colombiana não possui indícios evidentes da edição por parte do jornal, porém isso não exonera o jornal de possíveis alterações que não percebemos na nossa análise. Por sua vez, concluíamos que a imagem discursiva que emerge do jornal *Folha de S. Paulo* não representa unicamente uma coletividade composta por leitores e jornal. Nesse sentido, a padronização de elementos – como o título padrão – evidentes nas cartas, nos levaram a concluirmos que a imagem discursiva não deve ser considerada como um *ethos* nacional, mas sim como uma imagem discursiva que compreende uma parcela específica da sociedade brasileira que comunga com os valores ideológicos do jornal.

No que tange aos efeitos patêmicos que poderiam ser provocados pelas *cartas do leitor*, é fundamental lembrarmos que, nesta pesquisa, decidíramos indagar pelo *pathos* a partir dos componentes dos saberes socioculturais de uma determinada coletividade. Também, consideramos relevante saber que nesta pesquisa não estudamos o *pathos* como uma expressão do sentimento próprio, mas sim como uma tentativa de suscitá-lo no auditório por meio do discurso, ou seja, um efeito discursivo.

Analisar as emoções por meio dos possíveis julgamentos responsivo-morais do auditório foi fundamental para perceber que, tanto na materialidade brasileira, quanto na colombiana, os elementos socioculturais possuem um papel significativo no processo argumentativo para a criação de possíveis efeitos emotivos. Sabemos que as emoções, de acordo com Amossy (2018), têm origem em crenças e julgamentos e, por isto, estão estreitamente relacionadas com a prática argumentativa. Por conta disso, esses saberes (crenças, julgamentos, entre outros), além de ser considerados mediadores nas interações argumentativas, também foram elementos que nos permitiram validar emoções na instância discursiva. Além disso, os mecanismos linguísticos se apresentam como componentes fundamentais no regulamento dos efeitos patêmicos pretendidos, pois, de acordo com Charaudeau (2010), existem signos considerados portadores de emoções por conta do seu constituinte racional-reacional que os torna apropriados para deflagrar efeitos patêmicos. Nesse viés, “mais do que se referir a emoções, esses signos acionam estados reacionais a partir do saber de crença partilhado por um grupo” (FERES, 2014, p.149).

Ao analisarmos a totalidade do *corpus*, percebemos que, baseados nos possíveis elementos *dóxicos* do auditório, tanto as cartas brasileiras quanto as colombianas poderiam provocar, principalmente, efeitos emotivos adscritos à indignação ou, inclusive, ao sentimento de militância. Isto evidência que as cartas funcionam, ainda, como uma ferramenta que, em alguns casos, permite ao locutor denunciar uma problemática desde sua perspectiva. Dessa

forma, o olhar do locutor sobre um determinado assunto, combinado com as possíveis crenças ou julgamentos do auditório, provocaria diversos efeitos patêmicos da ordem da raiva, da luta ou, inclusive, da ironia. Como afirma Charadeau (2007, p. 246), uma fala que circula no espaço público é lançada sem que se possua total domínio dos efeitos que produzirá, mas com suposição racional que será interpretada de diferentes maneiras.

Depois da análise dos possíveis componentes dos saberes socioculturais que poderiam permitir o surgimento de efeitos emotivos, concluíamos que, a diferença do *ethos*, não resulta viável caracterizar os efeitos patêmicos de cada jornal com uma única palavra e de forma separada. Pelo contrário, preferimos colocar a totalidade das cartas em um prisma de emoções. Isto pelo fato de que nesta pesquisa não estudamos as emoções como uma realidade da qual possuímos certeza. Pelo contrário, optamos por indagar pelos efeitos patêmicos provocados pelas cartas do leitor apenas como uma possibilidade da qual não possuímos garantias. Assim, entendemos que as emoções aqui identificadas, que emergem quando os saberes *dóxicos* e as inclinações afetivas do auditório se encontram na instância discursiva, poderiam variar de acordo com a ótica em que são colocadas.

Em função do apresentado, reiteramos que os estudos de uma materialidade linguística, a partir da tríade *ethos*, *pathos* e *logos*, nos permitiu evidenciar que nos processos argumentativos locutor, auditório e discurso encontram-se, segundo nosso olhar, em uma posição de igualdade, atuado como um conjunto que permeia todas as interações humanas que são mediadas pela língua. Além disso, consideramos que a análise nos permitiu identificar discursos que se afastam da essência argumentativa proposta por Perelman e Tyteca (2014), mas que se aproximam à argumentação polêmica proposta por Amossy (2017). Isso não significa que desaprovamos a opinião, pelo contrário, reconhecemos sua relevância na formação de indivíduos inseridos em uma sociedade.

Além disso, reivindicamos nossa inquietação pela importância que possui a argumentação nos dias atuais, pois encontramos-nos diante de mudanças que implicam, direta ou indiretamente, os indivíduos participes uma sociedade. Em vista de tais transformações, a língua é um elemento fundamental que nos permite posicionarmos e que, também, poderia ser um reflexo de tais mudanças. Por conta disso, argumentar, na atualidade, torna-se uma ferramenta para entendermos as relações mediadas pela língua.

Como foi evidenciado na análise apresentada, nem todas as cartas apresentavam um movimento estrutural argumentativo definido e, algumas, se localizavam no campo da opinião. Por conta disso, acreditamos que os estudos sobre uma argumentação adequada e congruente ainda precisam serem reforçados nos currículos escolares. Também, os resultados

obtidos nesta pesquisa nos levaram a considerar a importância da concepção dos gêneros textuais e suas características. Sabemos que, no Brasil, nas orientações dos PCN (1997) estabelece-se o estudo das tipologias no interior de cada gênero textual na Educação Fundamental. Entretanto, o Ministério de Educación, na Colômbia, não contempla, ainda, o trabalho didático de tipologias e gêneros textuais nas escolas públicas do país.

No capítulo seguinte, apresentaremos nossas últimas reflexões relacionadas ao desenvolvimento desta pesquisa, desafios, resultados e possíveis contribuições.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação objetivou de discutir a possível existência de dois *ethe* coletivos e identificar os possíveis efeitos patêmicos deflagrados pelas *cartas do leitor*. No intuito de alcançar nosso objetivo geral, possuímos três objetivos específicos: a) identificar e analisar os tipos de argumentos articulados nas cartas; b) analisar alguns mecanismos verbais do repertório lexical, tais como: indicadores de pessoa, adjetivos, substantivos, advérbios, aspas e marcadores discursivos e; do repertório retórico – pergunta retórica; c) caracterizar os elementos dóxicos, isto é, os componentes dos saberes socioculturais que poderiam provocar efeitos emotivos na instância discursiva.

Para isso, começamos nosso percurso teórico refletindo sobre a definição de *língua*, *linguagem* e *discurso* e sua relação com os estudos argumentativos. Tal reflexão foi elaborada a partir dos pressupostos de Émile Benveniste (2005; 2006). Em seguida, abordamos os pressupostos teóricos relacionados à triada aristotélica *ethos*, *pathos* e *logos* a partir da perspectivas de vários autores. No que se refere ao *logos*, os fundamentos de Perelman e Tyteca (2014) e os comentários de Fiorin (2017) constituem as bases para nossa análise. No que tange ao *ethos*, buscamos auxílio nos princípios aristotélicos e nos pressupostos de Amossy (2016). Por fim, no que se refere à noção de *pathos*, norteamos nossa análise de acordo com os pressupostos de Charaudeau (2010) e Galinari (2014). Por sua vez, na parte metodológica nos fundamentamos no método quantitativo e qualitativo. É fundamental destacarmos que, como em inúmeras pesquisas das Ciências Humanas, o método qualitativo teve um lugar destacável nesta investigação. Além disso, a abordagem do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989) foi primordial no esboço dos *ethe* discursivos a partir de particularidades no *corpus* que não são perceptíveis em um primeiro olhar.

No relacionado aos aspectos metodológicos, enfrentamos algumas dificuldades relacionadas à seleção do *corpus* de pesquisa, isto em vista de que desejávamos analisar uma materialidade que abrangesse as mais variadas classes sociais, sem fazer distinção de gênero ou idade<sup>52</sup>. Um outro desafio no decorrer da pesquisa refere-se às noções *logos* e *pathos*. Quando se fala de estudos argumentativos (*logos*) estamos diante de um universo de

---

<sup>52</sup> Uma vez identificada a materialidade com essas características, nos deparamos com um obstáculo relacionado às determinações do jornal para a publicação das cartas, isto porque enquanto o jornal *Folha de S Paulo* dispõe, no seu site, uma clara normativa para os leitores que desejam publicar suas cartas, o jornal *El Tiempo* só possui um e-mail para que os leitores enviem suas cartas, sem normativas como aquelas do jornal brasileiro. Em vista disso, decidimos entrar em contato com o jornal colombiano, porém não recebemos, até a data, nenhuma resposta.

abordagens que datam desde a antiga Retórica até a atualidade. Por conta disso, precisávamos determinar em qual dimensão argumentativa se localizaria a presente pesquisa. Desse modo, no que se refere ao *logos*, decidimos analisar e identificar unicamente os tipos de argumentos de acordo com a proposta didática de Fiorin (2017), dessa forma, delimitamos nossa análise aos tipos de argumentos identificáveis na materialidade linguística.

Por sua vez, no que se referiu ao *pathos*, destacamos que entrar no campo dos efeitos patêmicos, por meio da Linguística, apresenta-se como todo um desafio, já que não possuíamos os meios necessários para afirmar que o possível efeito patêmico identificado foi realmente provocado em um determinado indivíduo. Por conta disso, e no intuito de orientar futuros pesquisadores, optamos por pontuar em várias partes da análise que o efeito emotivo identificado encontra-se no campo da possibilidade, pois não apresentávamos as ferramentas necessários para abordar os efeitos patêmicos como uma realidade, mas como uma possibilidade projetada pela articulação de diversos mecanismos linguísticos. Não obstante, justificamos a análise dos efeitos patêmicos como uma possibilidade discursiva uma vez que, desde nosso ponto de vista, acreditamos que os efeitos discursivos não tem uma origem única nos locutores ou nos auditórios, mas sim na relação construída entre os locutores no uso da língua, diante das condições sociais de produção do gênero discursivo.

Com relação aos resultados referentes ao *logos*, percebemos que, nas cartas colombianas, houve um equilíbrio entre os tipos de argumentos, pois a análise da totalidade das cartas nos permitiu identificar seis argumentos *quase lógicos*, cinco que *se fundamentam na estrutura do real* e sete que *fundamentam a estrutura do real*. Por sua vez, nas cartas brasileiras foram identificados doze argumentos *quase lógicos*, três que *se fundamentam na estrutura do real* e três que *fundamentam a estrutura do real*. Evidenciamos, na amostra brasileira, um uso recorrente de argumentos do tipo *quase lógico*, os quais, conforme Perelman e Tyteca (2014), lembram a estrutura de um raciocínio lógico, dando à argumentação um caráter não formal.

Nesse patamar, consideramos que o alto número de argumentos *quase lógicos* identificados na materialidade brasileira possuem uma relação direta com a instauração da polêmica no discurso. Esse tipo de argumentos têm uma estrutura similar à lógica, podendo gerar conclusões que nem sempre são verdadeiras pois, entre outros aspectos, a língua não é unívoca. Nesse sentido, consideramos que os argumentos *quase lógicos* encontram um lugar privilegiado na argumentação polêmica, uma vez que permitem chegar a conclusões que não são logicamente necessárias, abrindo um espaço para que a dicotomização, a polarização ou o descrédito sejam agentes que regem a argumentação em busca do dissenso.

Por sua vez, consideramos que a relação de tipos de argumentos identificados na materialidade colombiana poderia ter uma conexão com a busca do acordo por parte dos locutores do jornal *El Tiempo*. Nesse sentido, consideramos que o consenso requer de um equilíbrio entre as partes que poderia ser conseguido por meio de argumentos “baseados em relações que nosso sistema de significação considera existentes no mundo objetivo” (FIORIN, 2017, p. 148) ou que são considerados como organizadores da realidade.

No que se refere aos resultados alcançados relacionados ao *ethos* discursivo, observamos que, tanto na materialidade brasileira quanto na colombiana, houve elementos expressivos que nos permitiram identificar uma tendência em cada coletividade. Por um lado, no *corpus* do jornal *Folha de S. Paulo* evidenciamos que os locutores articularam suas cartas, entre outras características, por meio de enunciados curtos no presente do indicativo, dando-lhe ao discurso um sentido de assertividade. Além disso, identificamos uma tendência ao uso de substantivos próprios pertencentes à esfera política do Brasil. Dessa forma, e levando em conta outros aspectos apresentados na seção 4.2, comprovamos que a imagem discursiva da coletividade brasileira é sintética de tendência militante.

Por outro lado, nas cartas do jornal *El Tiempo* identificamos uma tendência ao uso de marcadores discursivos – que auxiliaram na estruturação das cartas – de incisos e de orações subordinadas. Uma vez analisados todos os mecanismos linguísticos e retóricos que foram estabelecidos na metodologia, concluímos que da materialidade colombiana emerge uma imagem discursiva engajada socialmente. Enquanto os marcadores discursivos foram fundamentais para desvelar a imagem de engajamento, o conteúdo semântico dos substantivos nos auxiliou na identificação da tendência social.

Nesse viés, podemos concluir que as duas tendências poderiam possuir uma relação com a natureza dos discursos, pois consideramos que a busca pelo consenso – na materialidade colombiana – ou pelo dissenso – na materialidade brasileira – influencia a imagem discursiva que emerge da materialidade linguística. Dessa forma, acreditamos que o consenso torna-se um fator externo que poderia influenciar a imagem discursiva dos locutores do jornal *El Tiempo*, pois depreendemos que a busca pelo acordo precisa de mecanismos linguísticos encaminhados à reflexão e à assertividade. Por sua vez, quando a polêmica se estabelece na sociedade, nos discursos instauram-se mecanismos linguísticos que evidenciam a busca pelo dissenso. Dessa forma, os discursos das partes envolvidas em uma polêmica precisariam ser articulados de maneira que se evidencie um engajamento pela causa que está sendo defendida. Por conta disso, depreendemos que o embate de opiniões contrárias pelo qual atravessa o Brasil, estaria influenciando de forma direta a imagem dos locutores do

jornal *Folha de S. Paulo*.

No relacionado aos efeitos patêmicos, considerar os mecanismos linguísticos – em concomitância com elementos dóxicos – demonstrou que os primeiros precisam ser explorados de maneira mais profunda quando se trata de componentes da doxa, uma vez que eles enfatizam e solidificam posições sociais e contribuem na formação de grupos polarizados. Nesse sentido, entendemos que é a linguagem e a sua articulação que vincula homem e sociedade. Assim, ao tomar os saberes socioculturais como mediadores na emergência de efeitos patêmicos na instância discursiva, concluímos que tanto as cartas brasileiras quanto as colombianas poderiam provocar efeitos emotivos que variam entre indignação, desprezo ou incitação à luta.

Em síntese, a análise apresentada nesta pesquisa por meio da tríada *ethos*, *pathos* e *logos* nos permitiu observar a relevância das suas relações no processo da argumentação, quer esta vise ao consenso ou ao dissenso, ao convencimento ou à persuasão. Ainda, acreditamos que o possível objetivo dos locutores tem mais oportunidades de ser alcançado quando esses três elementos se relacionam entre si no discurso.

Dado o exposto, pretendemos ter contribuído significativamente aos estudos argumentativos e esperamos que esta investigação auxilie futuros pesquisadores cujo interesse permeie o campo da argumentação, da língua e da sociedade. Também, reiteramos nossa posição sobre a relevância da argumentação em todas as áreas da atividade humana. Como foi evidenciado, argumentar não se limita unicamente a gêneros discursivos acadêmicos. A *carta do leitor*, por exemplo, nos permite perceber como a argumentação se faz necessária em um gênero que está ao alcance de todos os cidadãos, sendo que também faz parte da cotidianidade.

Com isto, consideramos ter atingido nosso objetivo principal. Além disso, esperamos que as análises e as reflexões decorrentes desta pesquisa auxiliem futuros pesquisadores interessados nos estudos comparativos que envolvem *argumentação e língua* em diversos gêneros discursivos.

## REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2. ed. 3ª. reimp. São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017

\_\_\_\_\_. **Argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: EDIPRO, 2011.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BASSOLS, M; TORRENT, A. M. **Modelos textuales. Teoria y práctica**. Barcelona: Eumo Editorial. 1997.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. 5ª edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

\_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. 5ª edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

BECHARA, E. **Gramática fácil**. 1ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2014.

BETIM, F. O sistema político em crise de legitimidade enfrenta agora o “vácuo Lula”. **El País**, São Paulo, 30 de Jan. 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/29/politica/1517255243\\_938991.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/29/politica/1517255243_938991.html)>. Acesso em: 15 jun. 2019.

BOTERO, C. A. La salud en Colombia ¿Un sistema de salud o de enfermedad? **Revista Médica de Risaralda**. Pereira, Colombia, v. 18, n. 2, p. 183-184. 2012.

CASTRO, A. C. S. **Escrevendo Cartas Para um Programa de TV: Cartas na Contemporaneidade**. 2009. 121 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)- Universidade Metodista de São Bernardo do Campo. São Paulo, 2009.

CHARAUDEAU, P. **A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas**. São Paulo: Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. Pathos e discurso político. In: MACHADO, I. L.; MENEZES, W.; MENDES, E.; **As Emoções no Discurso** Vol. I. 1 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

\_\_\_\_\_. A Patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L.; **As Emoções no Discurso** Vol. II. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. L'argumentation n'est peut-être pas ce que l'on croit. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/L-argumentation-n-est-peut-etre,223.html>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

\_\_\_\_\_. La pathémisation à la télévision comme stratégie d'authenticité. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/La-pathemisation-a-la-television.html>>. Acesso em: 28 sep. 2018.

DANGONG, C. G. Algunas reflexiones sobre la movilidad urbana en Colombia desde la perspectiva del desarrollo humano. **Papel Político**. Bogotá, Colombia, v. 16, n. 2, p. 485-514. Julio-diciembre, 2011.

DESSONS, G. **Émile Benveniste, l'invention du discours**. Paris: Éditions in Press, 2006.

FERES, B. A percepção de efeitos de sentido no desenvolvimento da competência linguageira. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, SC, n. 37, p. 145-164, 2014.

FIDALGO A.; FERRERIRA I. A retórica mediatizada. In: LIMA, L. F.; SACRAMENTO I. (Org.). **Retórica e mídia**. Florianópolis: Insular, 2009.

FIORIN, J. L. **Argumentação**, 1. ed., 3ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2017.

\_\_\_\_\_. **Em busca do sentido: estudos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 1997.

FLORES, V. N. A.; **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES [et.al]. **Dicionário da linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2017.

FUENTE, G. Funciones de los títulos en la decodificación lectora. **Tabanque: Revista pedagógica**, Valladolid, ESP, n. 12-13, 1997-1998.

GRÁCIO, R. A. Do discurso argumentado à interação argumentativa. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.1, p. 117-128, nov. 2011.

GALINARI, M. M. Logos ethos e pathos: “três” lados da mesma moeda. **Alfa: revista de linguística**, São Paulo, v. 58, n. 2, 2014.

\_\_\_\_\_. As emoções no processo argumentativo. In: MACHADO, I. L.; MENEZES, W.; MENDES, E.; **As Emoções no Discurso** Vol. I. 1 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GUIMARÃES, E. **A articulação do texto**. São Paulo: Ática, 1990.

HABERMAS, J. **Historia y crítica de la opinión pública**. La transformación estructural de la vida pública. Barcelona: Editora Gustavo Gili S.A. 1981.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. Quelle place pour les émotions dans la linguistique du XXe

siècle? Remarques et aperçus, In: Christian Plantin et al. **Les émotions dans les interactions**. Lyon, Presses Universitaires de Lyon, 2000, 33-74.

LÓPEZ E. A.; DE SANTIAGO G, J. **Retórica y comunicación política**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000.

MENEGASSI, J. R.; ALFONSO, M. I. O título e sua função estratégica na articulação do texto. **Linguagem & Ensino**. Pelotas, RS, v. 3, n. 1. p. 27-44, 2000.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, R. A.; SALGADO, L. (Org.). **Ethos Discursivo**. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, P. A; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, p.19-38, 2010.

MARTINS, L.; LIMA, R. Linguagem e persuasão: o jogo argumentativo presente no gênero textual crônica. **Revista Travessias**, Cascavel, PR, v. 3, n. 3, 2009.

MELO, C. T. V. **Cartas à redação**: uma abordagem discursiva. 1999. 281 p. Tese (Doutorado em Linguística). Unicamp. Campinas, SP. 1999.

MONJE A., C. A. **Metodología de la investigación cuantitativa y cualitativa**. Universidad surcolombiana , Neiva, 2011.

MORTARA, G. B. **Manual de Retórica**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1991.

MOURA, J. B.; O Piauí é aqui: a construção de imagens e os efeitos patêmicos em editoriais do Jornal Meio Norte. **Revista do GELNE**, PI, v. 12, n. 1, 2010.

NORMAND, C. **Convite à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação**: A Nova Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

PINTO, R. **Como argumentar e persuadir?** Práticas: política, jurídica e jornalística. Lisboa: *Quid Juris?* Sociedade editora. 2010.

PIRES, E. L. A dimensão subjetiva da argumentação e do discurso: focalizando as noções de *ethos* e de *pathos*. **EID&A** - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação, Ilhéus, n.2, p. 52-62, 2012.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Prefácio da edição brasileira Isaac Nicoiau Salum; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TIN, E. **A arte de escrever cartas**: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo

Lípsio. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005.

VAN DIJK, T. A. Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso. **Letrônica**: Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, v. 9, n. esp. (supl.), s8-s29, nov. 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/issue/view/943>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

VARGAS, R. R., MILANI, S. O conceito de linguagem em Benveniste. **Revista Mediação**, Goiás, v. 10, n. 1, 2015.

ZORRAQUINO, M. A.; PORTOLÉS, J. Los marcadores del discurso. In: Bosque I.; Demonte, V.; (Orgs.). **Gramática descriptiva de la lengua española**, Madrid: Espasa Calpe, 1999.

## ANEXO A- CARTAS DO LEITOR DO JORNAL EL TIEMPO

**Carta do leitor nº 1C****La recuperación del centro****Señor Director:**

A buena hora el Gobierno distrital decidió impulsar la rehabilitación del centro de la ciudad, pues, a raíz del boom de trasladarlo e instalarlo todo en el norte, su importancia se vio menguada en el plano del comercio y como sede de empresas. Pero, gracias a su trascendencia histórica, el centro nunca podrá ser remplazado en cuanto a sus atractivos, entre ellos sus iglesias, museos, el Congreso, la sede del Gobierno central y lugares emblemáticos como el edificio de este diario, tal vez la primera esquina de Colombia. Ojalá tengan en cuenta que lo primero que se requiere es la seguridad y la limpieza, así como la creación de incentivos para quien desee invertir allí, entre ellos los propietarios que inviertan en la restauración y mejora de inmuebles.

**Carta do leitor nº 2C****¿Qué medidas van a tomar?****Señor Director:**

Un artículo reciente, publicado en este diario, indica que el Ministerio de Salud viene elaborando, desde el 2013, una encuesta para conocer cuáles son las mejores y peores EPS del país. Dos aspectos de estos resultados llaman la atención: si el sistema es malo en general, ¿qué se puede esperar de aquellas EPS que ocuparon los últimos lugares? Y, dos, la idea de la encuesta es muy buena, pero sería bueno conocer qué medidas piensa tomar el ministerio con respecto a las que registran los peores indicadores. Si no, ¿para qué la hacen?

**Wadid de Jesús Arana Delgadillo**

Cartagena de Indias

### Carta do leitor nº 3C

#### El emisor y la cultura

**Señor Director:**

En los 60 años de la biblioteca Luis Ángel Arango, del Banco de la República, bien se pueden aplicar las palabras del libro de los Proverbios: "La sabiduría se ha edificado su casa". Lo mismo para el Museo del Oro, la Casa de la Moneda, la donación Botero o la difusión literaria, etc. Todo ello es clara muestra del mecenazgo del instituto emisor. Banco de bancos, fuente de crédito, la economía colombiana se ha mantenido siempre teniéndolo como punto de referencia.

Es mucho lo que el país le debe a nuestro banco central, que impulsa uno de los capitales más valiosos para los pueblos: la cultura.

**Guillermo Rozo Riveros**

Sopó, Cundinamarca

### Carta do leitor nº 4C

#### Los biciusuarios

**Señor Director:**

Excelente la 'Carta a un ciclista', de Ernesto Cortés (17-9-2017). En verdad, si los ciclistas se detuvieran a pensar por un momento en su familia, que los espera; si por un segundo pensarán en su futuro y el de sus hijos; si por un instante recapacitaran sobre todo el bien que pueden hacerle a nuestra sociedad, no cometerían tantas infracciones ni tantos despropósitos en calles y vías. ¡Por Dios! Si las autoridades ejercieran un verdadero control, nunca más tendríamos que lamentar muertes de usuarios de la bicicleta.

**- Édgar Fernández Riveros**

Bogotá

**Carta do leitor nº 5C****La salud, como Venezuela**

**Señor Director:**

Acerca del editorial sobre Medimás (19-10-2017), el sistema de salud en Colombia es como el Gobierno venezolano: funciona mal, pero nadie puede detenerlo. De hecho, el caos al que nos tienen sometidos las EPS, en especial Medimás, tiene por obvias razones responsables: el Presidente porque ha permitido que se viole el más sagrado de los derechos fundamentales; el ministro de Salud porque nunca logró controlar y reformar el sistema. Y, al final, todos los afiliados, porque hemos sido permisivos ante la serie de delitos que aquí se están configurando.

**Wadid de Jesús Arana Delgadillo**  
Cartagena de Indias

**Carta do leitor nº 6C****Pensar a largo plazo**

**Señor Director:**

Medellín ejecutó en 1984 un largo plan hacia el futuro por 50 años y logró construir su metro, además de una cantidad de obras públicas y privadas que la han convertido en una de las ciudades más bellas de Latinoamérica. El gran error de Bogotá es que no ha elaborado un largo plan, de las mismas características del de Medellín, pero ojalá por 100 años, por ser la capital de Colombia. El día que Bogotá elabore un largo plan hacia el futuro obtendrá su metro, sus caminos ecológicos por los cerros orientales, un túnel que comunique la calle 100 con el municipio de La Calera, para descongestionar gran parte del tráfico del norte, además de la Longitudinal de Occidente, que, hoy por hoy, las mencionadas están en los planos.

**Fernando Cortés Quintero**  
Bogotá

### Carta do leitor nº 7C

#### ¿Al fin habrá metro?

Señor Director:

Sobre su editorial del 28-9-2017, pueda ser que ahora sí tengamos metro. Yo no sé si sea mejor elevado o subterráneo, pero siento que si va por la Caracas, el que corra por el aire puede ser un gran estorbo visual.

La Caracas ha sido de malas: allí ha habido mucho ensayos, desde aquel arboricidio cometido hace unas tres décadas para 'sembrar' luego un enorme adefesio de cemento que después tuvo que ser demolido hasta TransMilenio, que acabó con mucho comercio. Por eso se debe pensar bien, pues el metro, elevado o subterráneo, si es una realidad, será definitivo y quedará por siempre. Pero, como desde hace años estamos acostumbrados a tener metro en cada alcaldía, hay que esperar.

- Carmen Rosa Novoa  
Bogotá

### Carta do leitor nº 8C

#### No hay comida, pero sí pólvora

Señor Director:

Es lamentable que el señor Maduro malgaste dinero en fuegos artificiales con el fin celebrar y burlarse de un presidente de otro país, mientras en Venezuela la gente, especialmente los niños y ancianos, se muere de hambre y tampoco tiene ni los medicamentos básicos. Así mismo, dice que no se inmiscuyan con su país, que es un Estado soberano, pero él se mete con los demás, como si nada. Me imagino el discurso contra Santos cuando se vaya, aunque me pregunto por qué no ha dicho todo lo que sabe o dice saber acerca del proceso de paz con las Farc. Lo siento por los venezolanos, que tienen que huir de su país por falta de una verdadera democracia.

Alberto Bernal

### Carta do leitor nº 9C

#### **Traumático retorno**

**Señor Director:**

Es totalmente absurdo que se inviertan casi 5 horas de Arbeláez a Bogotá. Efectivamente, hay bastantes agentes de tránsito, pero de poco sirven. El diseño del retorno obliga a todos los carros que entran a llegar mínimo a la avenida Villavicencio -antes se podía entrar por Bosa o por el nuevo terminal del sur-, y, obvio, la congestión es mayor. Y para colmo de males, quienes salen y viven hacia barrios ubicados a su izquierda, los obligan a ir hasta Soacha y volver de nuevo a Bogotá, sumándole más carros al trancón.

**Nelson Barbosa**

### Carta do leitor nº 10C

#### **Que se vea si van libres**

**Señor Director:**

La Alcaldía de Bogotá estableció por decreto el cobro de tarifas de taxis por aplicación tecnológica. Una sofisticación que, aunque no sobra, no es tan necesaria como la utilidad que significaría para el pasajero el que el taxi lleve un cartel muy visible que indique cuándo va libre y cuándo ocupado, acompañado de una luz verde y otra roja, respectivamente, en horas nocturnas. Los usuarios nos volvemos locos tratando de ver a lo lejos si los taxis están libres u ocupados. Esta sí que debería ser una disposición obligatoria, sin duda.

**- Haydée A. Chiapero B.**

### Carta do leitor nº 11C

#### Los perros de la calle

**Señor Director:**

Cada día es más común ver perros deambulando por las calles de Bogotá, sin dueño y sin techo. Muy pocos son los que se detienen a pensar un momento en ellos, mientras el Alcalde se preocupa por poner wifi en un sistema de transporte donde sacar el celular es casi una clara señal de robo. Estos animales vulnerables viven en la calle sin muchas leyes que velen por ellos. Se necesita un mayor control a la hora de adquirir uno de ellos como mascota. Es increíble ver cómo habitantes de la calle dividen parte de la poca comida con la que cuentan para brindarles alimentos a sus únicos compañeros, mientras los demás, al ver que el pequeño cachorro crece y exige cierto grado de responsabilidad, muchas veces toman la elección más fácil: abandonarlos.

- Daniel Arévalo

### Carta do leitor nº 12C

#### Las cartas de Uribe

**Señor Director:**

Desconcierta que una persona que dirigió los destinos de Colombia durante ocho años desprestigie la labor de su sucesor a como dé lugar. No tiene presentación que Álvaro Uribe envíe cartas a cuanto mandatario o visitante importante venga a nuestro país, para mostrar que el proceso de paz es "un estímulo al delito". No hay peor ciego que el que no quiere ver, y él no ha querido reconocer lo logrado por este gobierno en dicho aspecto. Los colombianos de bien lo vamos a agradecer toda la vida, pues un país en paz es un anhelo soñado, y lo estamos viviendo. Ojalá la venida de su santidad lo haga recapacitar y alivie el odio que refleja en cada una de sus misivas. ¡Con esos amigos, para qué enemigos!

- Amparo Ardila

Bogotá

### Carta do leitor nº 13C

#### Los planteamientos de Hawking

Señor Director:

Una luz se enciende en el cielo. Son las ideas de Stephen Hawking, cuya mente iluminó aún más el conocimiento acerca de los agujeros negros. Una de sus frases trascendentales fue: "La raza humana no tendrá futuro si no va al espacio". De ahí que no hay que contentarse con mirar siempre a los pies, sino hacia el firmamento. Hawking fue una de las primeras mentes en plantear la teoría sobre existencia del no tiempo, antes del 'big bang'. Es decir, si antes del 'big bang' no hubo un tiempo, entonces tampoco existió Dios. Entonces, ¿quién creó a Dios y el tiempo? Y, entonces, ¿quién creó al que crearía a Dios y el tiempo?

**Fernando Cortés Quintero**

Bogotá

### Carta do leitor nº 14C

#### Cornada a los recursos

Señor Director:

Es delicado que El Estado no tenga claro que los recursos fiscales son escasos y deben ser muy bien utilizados. Es increíble que se vaya a hacer la consulta taurina en forma individual, cuando esta se hubiese podido 'pegar' a las elecciones para la conformación del Congreso. Los recursos públicos no se deben despilfarrar de esa manera. Las consultas no se pueden seguir haciendo sin planificación, pues estamos malbaratando los recursos del erario, que son de todos.

**Rogelio Vallejo Obando**

**Carta do leitor nº 15C****Pico y placa todo el día**

Señor Director:

El notorio mejoramiento de la movilidad en la ciudad, con motivo de la aplicación del pico y placa durante todo el día, desde el 4 hasta el 8 del mes en curso, debe motivar a la Administración Distrital para sostener esta medida hasta tanto contemos con nuevas vías y se mejore el estado de las actuales.

- **Nelson Escobar Escárraga**

Bogotá

**Carta do leitor nº 16C****Indolencia con la salud**

Señor Director:

Qué indolencia y parsimonia la del Superintendente de Salud y el Gobierno en la solución de la debacle de Medimás, que está causando inmenso dolor, llanto y angustia a muchos enfermos graves y a sus familias. ¿Por qué compraron Cafesalud si no tenían la capacidad de atender con eficiencia a sus afiliados?

- **Luis Iván Perdomo Cerquera**

Bogotá

### Carta do leitor nº 17C

#### **Abandono de los animales**

**Señor Director:**

Miles de perritos rondan las calles de Bogotá, y todos, como ciudadanos, tenemos en nuestras manos el poder de cambiar la pesadilla que viven a diario estos caninos. ¿De qué manera? Cuidando de ellos, dándoles alimento y, lo más importante, respetándoles la vida al cederles el paso en las avenidas. Además de eso, en este momento existen diferentes entidades, fundaciones y demás que les brindan una ayuda. Pero, como siempre he recalcado, la unión hace la fuerza; entonces, ayudemos donando alimentos, reuniendo tapitas o brindándoles una ayuda directa llevándolos al veterinario, adoptándolos o buscándoles un hogar. El hecho es no ser indiferentes ante esta problemática social, que nos atañe a todos.

**Angie Daniela Cerquera A.**

Bogotá

### Carta do leitor nº 18C

#### **Mejor comida que armas**

**Señor Director:**

Se ve que no saben nada de estrategia militar el Presidente de Venezuela y sus asesores. A quién se le ocurre armar a adultos mayores, como se ha dicho en diferentes diarios. Estas personas, a la larga, van a terminar matando a sus propios hermanos. Cualquiera persona le podría comentar que si Estados Unidos invadiera Venezuela, no lo haría con soldados armados con fusiles pasados de moda, lo haría con armas altamente sofisticadas que ni siquiera el ruido lo sentiría el señor Maduro. Ahora, lo que sí está haciendo es dejar sin comida a los venezolanos con estas demostraciones de poder. Las pocas reservas de comida debería guardarlas para alimentar a la gente, que no sabe de guerras.

**-Gabriel Vanegas**

### Carta do leitor nº 19C

#### Extraña la 'Espuma'

Señor Director:

La quincenal columna 'Espuma de los acontecimientos' les enseña economía a sus lectores, con la docencia y didáctica propias de la erudición literaria de su autor. En efecto, el exministro Abdón Espinosa nos orienta claramente en un lenguaje de alto nivel, pero accesible a todo el mundo. Así lo ha hecho durante varios años, lo que ha constituido un gran servicio al país. Por otra parte, nos congratulamos por su existencia y su recuperación de una afección bronquial, breve por fortuna. Ello fue causa de la esporádica y lamentable suspensión de su sapiente columna, para preocupación de sus innumerables y fieles lectores.

- Guillermo Rozo Riveros

### Carta do leitor nº 20C

#### Estudiantes sin clases

Señor Director:

Nairo Quintana es un grande. Y es un exponente de nuestra raza, sencillo pero lleno de coraje, que no se amilana. Le da a uno orgullo verlo frente a las demás figuras del ciclismo y siendo líder de un equipo poderoso, ganándose el respeto a pulso. El Gobierno debe darle un gran impulso a este maravilloso deporte, en el que podemos seguir cosechando trofeos. El deporte, la cultura, la ciencia deben recibir máximo respaldo. En eso no podemos ahorrar.

### Carta do leitor nº 21C

#### Defender los monumentos

Señor Director:

Hay agrado y simpatía de los ciudadanos de Bogotá por el enlucimiento a que están siendo sometidos los monumentos públicos, por parte de la Alcaldía Mayor, todo lo cual es una medida educativa para la niñez y la juventud. Sea indicado el momento para decir que todos los homenajeados merecen respeto general. No es constructivo tener odios trasnochados contra la reina Isabel, don Gonzalo Jiménez de Quesada, Alonso de Ojeda, Sebastián de Belalcázar... Les tocó hacer "su papel en la vida"; ninguno de ellos podía parar o enmendar dinámicas propias que vinieron después del descubrimiento. ¡Fue la dinámica de la economía!, compañeros.

- Rogelio Vallejo Obando

### Carta do leitor nº 22C

#### Zonas veredales

Señor Director:

Al tenor de los últimos acontecimientos, me atrevo a recomendar que todas las zonas veredales sean declaradas de reserva campesina para adelantar allí desarrollo agropecuario sostenible; es decir, con agricultura orgánica y saludable e integrándolas a los programas de sustitución de cultivos ilícitos, que son los causantes de los grandes males que padecemos. Si los logramos superar, además posicionamos nuestro país como "productor agropecuario limpio", para mejoría en los mercados y en el turismo ecológico. **Fidel Vanegas Cantor**

### Carta do leitor nº 23C

#### **La naturaleza, sin reparación**

**Señor Director:**

Qué poca memoria, qué olvido tan desafortunado. No quedó contemplado en lo acordado con las Farc cómo iban a contribuir a la reparación del daño tantas veces efectuado contra la naturaleza, cuando procedían a hacer las voladuras de oleoductos. Es un daño profundo y que toma largo tiempo en ser reparado. Todos los negociadores pasaron de agache a tan inmenso ataque al medioambiente. Y tal parece que este hecho pasará desapercibido, sin que a nadie le interese. Lamentable contemplar cómo se olvidan de rápido los funestos estragos realizados por la guerrilla colombiana, hoy desmovilizada y rumbo al poder.

**Luis I. Grillo**

### Carta do leitor nº 24C

#### **Volver al control previo**

**Señor Director:**

La única solución para detener a los corruptos es volver al control previo, que consiste en el visado que la Contraloría ejerce sobre todo cheque oficial. Si un examen lo justifica, se dará el visto bueno o no a la cuenta respectiva. En esta oportunidad se verifican los motivos y las circunstancias que lo crearon y los soportes que lo respaldan. Creo que los mismos corruptos indujeron a los constituyentes para derogar esta norma en la Constitución del 91. La sociedad está consternada ante la magnitud del problema.

**- Helí Linares Bejarano**

**Carta do leitor nº 25C****No ignorar a Cartagena**

**Señor Director:**

Es increíble lo que pasa en la histórica Cartagena. Es la ciudad del turismo, de los congresos, es patrimonio cultural de la humanidad, etcétera. Sin embargo, pocos hablan de la otra Cartagena, la que enfrenta una crisis de institucionalidad, la que se roban los políticos, la de la exclusión social, la de la pobreza extrema, con inseguridad urbana, la que hoy tiene a sus máximas autoridades en la cárcel. El interés por cambiar a la Ciudad Heroica no pasa de ser una promesa de cada campaña política. Al final, nada pasa. ¿Hasta cuándo seguiremos ignorando a Cartagena?

**- Mario Patiño Morris**

Bogotá

## ANEXO A- CARTAS DO LEITOR DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO

**Carta do leitor nº 1B****Amigos presos**

O presidente Michel Temer anuncia a possibilidade de ser candidato e, por coincidência, surgem fatos que o comprometem de forma surpreendente. A classe política mais uma vez é investigada por acordos espúrios, mas não podemos deixar de criticar **os empresários** --sem os quais as possibilidades de corrupção seriam bem menores.

**Uriel Villas Boas** (Santos, SP)

**Carta do leitor nº 2B****Caravana de Lula**

Há dias que **Reinaldo Azevedo** espanta e entedia seus leitores com textos tão herméticos que se tornam necessários um dicionário e um compêndio da história política do planeta. **No final**, o leitor chega à conclusão de que era um libelo para denunciar uma verdade que até o asfalto das estradas da região Sul sabem: o diálogo cessa quando começa a violência.

**Raul Agnello Moler** (São Paulo, SP)

**Carta do leitor nº 3B****Inferno**

O papa Francisco, ao afirmar que o **inferno não existe**, liberta os católicos das amarras do pecado de tomar tanto o inferno como o céu de forma ingênua, concreta e, sobretudo, literal. Assim, os religiosos terão a possibilidade e a bênção de explorar os ricos e transcendentos simbolismos dessas imagens para elevação das suas almas e espíritos.

**Walter Roberto Correia** (São Paulo, SP)

### Carta do leitor nº 4B

#### 'O Mecanismo'

Para quem se recusa a aceitar a "narrativa" criada pelo PT para se explicar perante os crimes descobertos pela Operação Lava Jato, a ideia de que Lula também fez um grande esforço para "estancar a sangria" soa bem veraz e não tira o mérito do seriado "O Mecanismo" unicamente por contrariar uma visão facciosa, apaixonada e irracional.

**Luís Roberto Nunes Ferreira** (Santos, SP)

### Carta do leitor nº 5B

#### Iluminação pública

Nosso prefeito poderia tentar mudança na gestão da iluminação pública de São Paulo. A cidade já tem doses maciças de caos em várias de setores. Não se pode atribuir a situação atual às "chuvaradas de março". A saudosa Elis Regina já cantava que elas fechavam o verão.

**Marize Carvalho Vilela** (São Paulo, SP)

### Carta do leitor nº 6B

#### Michel Temer

Senhor presidente, não seria **covardia** não ser candidato. Seria sim, um ato de lucidez e de bom senso não concorrer. Com apenas 6% de aprovação, qualquer candidato estaria jogando dinheiro fora ao fazer a sua campanha. E correria o risco de cair no ridículo.

**Ricardo Pedreira Desio** (São Paulo, SP)

### Carta do leitor nº 7B

#### Visita de Temer

Nem em filme de máfia um réu visita um juiz em casa, à plena luz do dia. Qualquer roteirista ficaria com vergonha de escrever uma cena dessas. Até no terreno ficcional causaria incredulidade num país com autoridades emocionalmente adultas, juridicamente instruídas e minimamente dotadas de alguma consciência ética.

**César Caldas**, cientista político (Curitiba, PR)

### Carta do leitor nº 8B

#### **Marielle Franco**

Auxiliares do presidente da República expressarem temor de que a morte da vereadora Marielle Franco comprometa os benefícios políticos que se esperava com a intervenção federal no Rio de Janeiro escancara a farsa da medida de Michel Temer. Novamente o fator humano é subjugado por um governo impopular, marcado por escândalos de corrupção e que busca, a qualquer custo, uma vitrine para as próximas eleições ("Assassinato de vereadora no Rio pressiona interventores federais", Cotidiano, 16/03).

Éder Garrido (São Paulo, SP)

### Carta do leitor nº 9B

#### **Tarifas**

O Brasil está no topo da lista dos prejudicados pelo [aumento de tarifas dos EUA](#). E o que fazer? Uma guerra comercial? Ora, o país, desde a gestão Lula, vem se distanciando dos Estados Unidos, que sempre foram um dos nos nossos principais parceiros. O certo seria seguir o exemplo da Argentina e tentar negociar um acordo comercial de longo prazo, que fosse do interesse de ambas as partes. Só que, num ano eleitoral como este, isso não deverá ocorrer.

Jorge Alberto Nurkin (São Paulo, SP)

### Carta do leitor nº 10B

#### **Prisão após 2ª instância**

O Congresso (cuja qualidade decai a cada legislatura) jamais aprovará uma emenda que elimine o conflito entre a civilizatória prisão após condenação em segundo grau e a atual redação da Carta Magna. Daí que, entre ativismo judicial e banditismo político, o senso de autopreservação me obriga a optar pelo primeiro. Luís Roberto Barroso, Edson Fachin, "tamo junto".

Alexandre Effori de Mello (Rio de Janeiro, RJ)

### Carta do leitor nº 11B

#### Sistema de ônibus

A [mudança no sistema de ônibus](#) de São Paulo, anunciada pela prefeitura, bem que poderia retirar de bairros com ruas estreitas e sinuosas, como as da Vila Madalena, os enormes ônibus dimensionados para corredores de grandes avenidas. Coletivos de tamanho médio seriam uma solução de bom senso para substituir esses veículos gigantes, que atravancam ainda mais o trânsito, solapam o asfalto e guias e fazem tremer construções mais antigas.

José Luiz Teixeira (São Paulo, SP)

### Carta do leitor nº 12B

#### Voto e educação

Critico o radicalismo de [Vladimir Safatle](#) quando assinala que, quanto maior a educação formal, maior a chance de a pessoa optar por um político de ultradireita. Isso não é verdadeiro, é até ofensivo aos cidadãos conscientes. A educação liberta. O apego à luta de classes é um atraso do qual a esquerda brasileira não se liberta.

Luiz Felipe da Silva Haddad (Niterói, RJ)

### Carta do leitor nº 13B

#### Michel Temer

Se respeita a decisão da procuradora e reconhece o conhecimento jurídico dela, por que enviar a carta? Com fins acadêmicos? Dele ou dela? Poderia chamá-la ao Planalto para tratar do assunto, preferencialmente no período noturno e sem agenda (“Temer questiona Dodge sobre inclusão em inquérito”, Poder, 9/3).

Julio Shiogi Honjo (Arapongas, PR)

### Carta do leitor nº 14B

#### Discurso populista

Excelente a [entrevista](#) com a economista Ngaire Woods [reitora da Escola de Governo Blavatnik, da Universidade de Oxford]. Tal qual falsos profetas, os políticos populistas estão surfando na insatisfação que se expande pelo mundo. Mas falta pesquisar a origem. Por que chegamos a essa situação desequilibrada sem futuro promissor? Em décadas passadas, havia empregos e a possibilidade de melhora. Hoje, percebem-se a precarização e o declínio moral.

**Benedicto Dutra** (São Paulo, SP)

### Carta do leitor nº 15B

#### Colunista

Gosto muito de informações transmitidas por especialistas no tema. Abomino artigos sem fundamentação, amparados no generalizado e aversivo achismo. Nesta terça (13), encontrei uma lição espetacular com a neurocientista Suzana Herculano-Houzel. Em "[Para não morrer de engasgo](#)", ela traduz conhecimentos em agradabilíssima advertência para a vida real.

**Doralice Araújo**, professora (Curitiba, PR)

### Carta do leitor nº 16B

A **Folha** acerta mas também erra no editorial "[Desgaste em série](#)" ao considerar correta a concessão pelo Supremo de liminar que proíbe a prisão de Lula. Quantas centenas de cidadãos estão trancafiados por falta de "prestação jurisdicional" (para usar a expressão de [Lewandowski](#))? Para essa justiça molenga, covarde, ineficaz, perdulária, milionária e desconectada da realidade, Lula é mais cidadão que todos os cidadãos deste país.

**Nuno M. M. Martins** (Barueri, SP)

### Carta do leitor nº 17B

#### Dia da Mulher

Não queremos um dia para ser estampado nas capas dos jornais, queremos respeito todos os dias. Não queremos um dia para se colocarem cílios em semáforos e laços rosa em ônibus, queremos políticas públicas que garantam igualdade e dignidade todos os dias. Não queremos um dia para receber flores e palavras gentis, queremos reconhecimento e oportunidade igualitária de trabalho todos os dias. Contra um dia no calendário. A favor das mulheres, todos os dias.

**Marina Faraco** (São Paulo, SP)

### Carta do leitor nº 18B

**Gleisi Hoffmann**

Há brasileiros sem qualquer condenação que continuam presos e [a senadora não os cita](#). Ela usa o seu tempo e espaço no jornal para defender o retorno à legislação anterior, em que poderosos e ricos poderiam se defender “ad aeternum” e se safar das prisões. Se seu mentor não estivesse no topo da lista dos condenados e sujeito à prisão imediata, ela estaria se dedicando tanto ao tema? Senadora, use o seu tempo e o poder que lhe é concedido para causas mais nobres e justas.

**Aparecido José Gomes da Silva** (Santana de Parnaíba, SP)

### Carta do leitor nº 19B

**1964**

Graças à vontade soberana do povo, das instituições vigorosas e democráticas da época e ao destemor e patriotismo das nossas Forças Armadas, evitamos a maior tragédia então anunciada: a implantação do regime comunista aos moldes de Cuba, China, URSS e afins. Se compararmos nossos dias hoje com o período do regime militar (1964 a 1985), temos muito a agradecer e reverenciar os presidentes militares.

**João Carlos Gonçalves Pereira**, subtenente da reserva do Exército (Lins, SP)

### Carta do leitor nº 20B

**Oscar**

A repercussão do [Oscar](#) não rendeu altos e baixos, como a edição passada. Pelo contrário, fez a festa para candidatos. O ganho político para Del Toro é evidente, visto que o diretor de “A Forma da Água” é mexicano. Já “Me Chame pelo Seu Nome”, com uma produção menos convencional ao eixo de mercado, faturou uma estatueta. Seja por beleza, lirismo ou política, este foi um Oscar diferente de todos os outros.

**Matheus Lopes Quirino** (Taubaté, SP)

### Carta do leitor nº 21B

#### Anvisa

A declaração de detentor do registro não é fornecida pela Anvisa, mas pela empresa que registra o medicamento (“Saúde debilitada”). É a garantia de autenticidade e qualidade do produto. A Global não tem DDR, autorização de funcionamento ou certificado de boas práticas de armazenagem e distribuição. Em 2017, a Anvisa autorizou 109 processos de importação de medicamentos e vacinas sem registro no país, mas que cumpriam com os requisitos regulatórios, atendendo a todas as solicitações feitas pelo Ministério da Saúde.

Jarbas Barbosa, diretor-presidente da Anvisa

### Carta do leitor nº 22B

#### Mercado de trabalho

No [editorial](#), a **Folha** descreve os danos causados ao crescimento econômico pela informalidade nas relações de trabalho. Aproveito para lembrar a disseminação da chamada pejotização: burla-se a lei trabalhista, com o objetivo de se furtar aos encargos, contratando uma pessoa jurídica no lugar de um empregado. Nada está sendo feito pelas autoridades competentes para coibir esse abuso e fraude, que é tipificado no Código Penal em seu artigo 203.

Zeferino Candia Maneschin (Rio Claro, SP)

### Carta do leitor nº 23B

#### China

Em sua [coluna](#), Samuel Pessoa pergunta: “A China cresce muito por que se trabalha muito ou por que se pratica muita política industrial?”. A resposta: nenhuma das alternativas anteriores. A variável determinante para o crescimento chinês foi e ainda é a moeda desvalorizada. Após a Segunda Guerra, essa foi a estratégia utilizada por países populosos com pouco conhecimento tecnológico para deflagrar o processo desenvolvimentista.

Aldo Portolano (São Paulo, SP)

### Carta do leitor nº 24B

A Secretaria da Educação esclarece que não há nenhum plano para privatização de escolas. É lamentável que a representante da categoria dos professores [[Maria Izabel Azevedo Noronha, presidenta da Apeoesp](#)] trate da iniciativa com inverdades. Utilizado em 40 países, o CIS (Contrato de Impacto Social) tem como objetivo reduzir a evasão escolar do ensino médio. A remuneração à entidade contratada só ocorrerá se esta meta for alcançada. A missivista se esquece que São Paulo tem a melhor educação do Brasil nos três ciclos, de acordo com o Ideb.

**Ronaldo Tenório**, coordenador de comunicação da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo

### Carta do leitor nº 25B

Levando-se em consideração tudo o que já foi apurado na [Lava Jato](#), é óbvio que Lula não tem como provar a sua inocência. Mas ele comprova que, com muito dinheiro para pagar bons advogados, dificilmente alguém vai preso no Brasil.

**Roberto Fisser** (Porto Alegre, RS)